

# *Os Guerreiros do Fogo*



*Cárlisson Galdino*  
<http://bardo.cyaneus.net>

### Saudações

**Kairot** é um mundo de equilíbrio. É um mundo onde as pessoas, em geral, são boas. Pelo menos naqueles tempos não havia um número expressivo de assaltantes, ladrões e qualquer tipo de pessoa realmente mal intencionada.

Como já disse, Kairot é um mundo de equilíbrio. E um mundo de equilíbrio não pode se tornar perfeito demais de hora pra outra sem que isso represente um mau sinal para o amanhã...

Este foi o segundo romance que escrevi, desta vez em um mundo de fantasia medieval um pouco diferente. Um mundo pequeno e sem sofrer de *overdose de heróis e vilões*.

-- Cárliston Galdino

*Há muito tempo - muito tempo atrás - antes mesmo do surgimento da grande cidade de Hexa, antes do aparecimento do lagarto que foi vencido pelos cinco dos seis, havia um monstro. Um monstro de pedra e gelo capaz de esmagar toda a terra de Kairot. Numa época difícil, enquanto alguns migravam para longe e ele destruía tudo o que podia, as esperanças eram praticamente nulas. Foi em meio ao terror da pedra e do gelo que surgiram quatro valorosos heróis, jamais esquecidos. Aqueles que derrotaram o temido inimigo e seriam lembrados tempos depois como:*  
**Os Guerreiros do Fogo**

### Os Guerreiros do Fogo

Versão atual: **1.0**

Data de Publicação: **15 de março de 2005**

Classificação: **Romance**

Autor: **Cárliston Galdino**

Contato: **[bardo@swissinfo.org](mailto:bardo@swissinfo.org)**

**Índice**

Parte 1.....	4
Parte 2.....	8
Parte 3.....	14
Parte 4.....	20
Parte 5.....	25
Parte 6.....	27
Parte 7.....	31
Parte 8.....	36
Parte 9.....	40
Parte 10.....	43
Parte 11.....	46

Parte 1

Há duas semanas o monstro de pedra e gelo foi visto próximo à vila de Motron. Havia um rastro de sangue de origem indefinida, mas a cada semana ou conjunto de semanas ele atacava. Era sempre em uma quinta-feira, durante a noite, quando os animais se calavam e um canto de cristais tomava o lugar. Ninguém conseguia se movimentar ao ouvir aquele som. Diziam ser mágico. Só então ele aparecia. Seus olhos mostravam o vazio do espaço. Suas pedras brancas e cristais que deixavam suas costas eram a última imagem que suas vítimas viam.

Mas era fim de tarde de uma quinta-feira em Motron, não era nada agradável. A maior parte da população tentava manter a calma. A própria e a daqueles que se desesperavam a chorar, como fizeram há uma semana. Não havia o que pudessem fazer. Os que tinham cavalos já haviam partido. E a aldeia fica tão longe de tudo... A única coisa a seu alcance era sentar e esperar por um milagre. Apenas um...

- Ha!

- Opa, precisa melhorar, amigo!

- Ho!

- Por que insiste em usar de tanta graça? Já não lhe disse que não faz diferença no meio de um combate?

- Pois lhe disse que fazia, lembra-te? Isso é lutar com estilo, já!

- Claro, mas não aceitei ainda aquela conversa de que isso nos diferencia dos... Ei!

- ...Animais. É, venci.

- Parabéns. Uff! Este treino me cansou. Ainda bem que usa espada de madeira nos treinos.

- É, meu amigo Cristian... Não preciso agradecer por usares um bastão de madeira, preciso?

- Certamente que não... Mas diga-me: como vai com a Keuda?

- Ah... Sinto que há algo entre nós sim. Algo acima de nós. Devemos nos unir em alguns meses: falta eu falar com Droole.

- É, espero que tudo corra bem entre os dois, mas esses casos do coração são tão complicados... Bom, Algio, que tal pararmos de papo furado e buscarmos por Lob e Geba. Como estarão os treinos deles?

- Vamos lá.

- Vamos. A propósito, já elogiei a sua agilidade?

- Sempre que o venço... você o faz.

- Pois torno a fazê-lo. Se unisse à agilidade estratégias mais sofisticadas de combate, seria um guerreiro infalível.

- "Estratégias mais sofisticadas"? Como as tuas?

- É! O que há de errado com minhas estratégias?

- Não, nada de errado. É que... Só acho que elas funcionam melhor com um bastão e eu não pretendo mudar de arma...

- Então é esta a idéia que tens dos jogos de estratégia? Vamos resolver isto agora. Que tal lutarmos de novo com armas trocadas:

eu com a espada e você com o bastão?

- Tudo bem. Toma!

- Pega! Está pronto?

- Estou.

Em alguns golpes, surge um vencedor.

- Estratégia é algo a ser usado com qualquer arma. Ponto para mim.

- Ponto para a espada. Acho que "você" devia mudar de arma.

- Não brinca... Vamos encontrar os dois.

...

- Olha lá eles!

- Veja só! Isso são modos de lutar?

- Ora, Cristian! Quem falava agora há pouco que isso não fazia diferença?

- Silêncio! Estou vendo a briga!

Lob e Geba lutavam, alguns metros à frente, como selvagens. Lob com sua espada de duas mãos, de madeira. E Geba com um bastão substituindo a lança, que é sua especialidade.

- Sinto, Cristian, mas Lob até que mostra certo jeito. Seus golpes são selvagens, sim, mas com movimentos precisos. Geba, no entanto... E está usando a mesma arma que você. Não acha que devia ensinar-lhe sua estratégia?

- Eu bem tentei, mas ele não quer saber. Ontem mesmo, enquanto você lutava com Lob, tentei mostrar alguma coisa, mas sabe o que aconteceu?

- Ele recusou.

- E o pior é que me venceu no combate. Estes parecem não serem meus dias... Mas olha como eles lutam! Acho que perdi a batalha para Geba pelo tédio! Ninguém fala uma palavra!

- Realmente...

- Olhe só: temos um vencedor!

- É o Lob!

- Ponto para a graça: vocês venceram hoje. A propósito, Lob, não acha mais bonita uma luta com técnica que uma com "graça"?

- Não.

- Então não vai aceitar meu convite para aprender estratégia...

- Por que você sempre insiste em ensinar isso?

- Ah, Geba, você perdeu hoje...

- Perdi. Mas porque isso aqui é um treino. É preciso muito mais pra me derrubar.

- Algo errado, Lob? - Algio se aproxima dele.

- Não sei. Sinto apenas a presença de algo... Não muito bom.

## Os Guerreiros do Fogo

- "Quando as pedras e o gelo  
Se uniram no céu  
Foi quando um pesadelo  
Virou essa terra." Vocês acreditam mesmo nisso?  
- Não é brincadeira, cantor barato.  
- Ei, calma!  
- Deixe-o, Cristian.  
- Algio, Algio, Algio, você adora o meu nome, não?  
- Ah... Você está passando dos limites hoje.  
- Vê se cala a boca e vamos embora.  
- Geba! O que há de errado com vocês?  
- Vamos parar com isso por favor! - Lob intervém e se põe entre Geba e Cristian. - Certo, agora vamos.

Eles sempre vêm treinar aqui. Sempre, desde muito tempo atrás. Lob, com sua espada de duas mãos, sua selvageria e atenção; Algio, com sua espada, sua classe e agilidade; Geba, com sua lança, grosseria e vitalidade; e Cristian, com seu bastão, sua confiança e sua estratégia. Eles se conhecem há muito tempo. Tinham um mestre - o conceituado mestre Fuolha - , que os treinou, mas morreu há dois anos, deixando seus conhecimentos bélicos e uma filha, Keuda, que vive sob os cuidados da viúva Droole, na vila de Motron.

- Já faz oito anos...  
- O quê?  
- Que deixamos nossos lares e viemos treinar com o mestre Fuolha...  
- É, o tempo passou tão rápido...  
- Lembra quando chegamos?  
- Não!  
- Lob!?! - os três exclamam, em coro.  
- Não pode ser!

Todos o seguem: ele repentinamente disparou em direção à vila, que os três nem vêem ainda. Já estão perto dela. Em seu centro um globo de gelo irradia o frio da morte. Os três chegam.

- Todos estão mortos! - Lob berra, com ira. - Aofri-ferreiro, Droole e Keuda...

- Keuda!?!  
- ...o chefe Urupsy. Todos!  
Algio se aproxima do globo e se ajoelha diante do mesmo. As lágrimas correm dos seus olhos.

- Não pode ser... Não é verdade!  
- Calma... - Cristian deixa escapar esta palavra, esta súplica.  
- Calma!?! Olha essa porcaria! - Algio empurra o globo, com meio metro de raio, na direção de Cristian. - "Vocês acreditam nisso"...

- Eu... não tive culpa do que aconteceu... - Fala após se desviar do caminho do globo.

- Eu sei... Eu sei.

Eles se abaixam ao redor do vale que estava sob o gelo e fazem silêncio por algum tempo. Até que...

- Chega! Vou partir em busca do monstro. Quem vem comigo?

- Eu vou.  
- Obrigado, Lob. E vocês?  
- Vamos esperar...  
- Esperar o quê!?!  
- Calma! A gente não pode sair assim...  
- Assim como, Geba?  
- Olha - Cristian responde - , vamos ver exatamente o que aconteceu antes de tomarmos uma decisão desse tipo.

- Tudo bem...

Eles partem. A primeira casa que vêem é a do chefe Urupsy, chefe da vila. Há estalagmites, de gelo, manchados de sangue. Nem sinal do corpo.

- Viram? Ele tem o poder do gelo.

Foram à casa do ferreiro Aofri, onde encontraram seu corpo estilhaçado no chão, fino como um tapete, sem sangue ou músculos, só a pele e os ossos em pó.

- Ele tem a potência da pedra.

Foram à própria casa. Cada um dos quatro quartos estavam intactos, bem como as salas e a cozinha. Tudo na mais perfeita ordem, do mesmo jeito que eles haviam deixado.

- Ele escolhe suas vítimas.

Finalmente foram à casa de Droole e Keuda. Estava totalmente congelada, com estalactites, gmites e pontas em geral. Havia uma torre de gelo segurando uma cadeira a um metro do chão. Atrás da cadeira, a figura de um rosto em dor e os braços levantados revela que Droole tentara arremessar a cadeira contra o monstro. Não havia, entretanto, corpo de Droole. Só um buraco perfeito no gelo, e sem sangue. A mais de um e menos de dois metros de altura, não sei ao certo, havia um rosto, preso ao teto por muito gelo. Era um belo rosto expressando dor, mas não uma dor terrível como dizia o rosto de Droole. Era uma dor esquisita, como se estivesse "prevendo" alguma coisa ruim. O rosto era o belo rosto da bela Keuda. ...também sem corpo.

- Keuda! Não!

- Conclusão: o monstro está fora do nosso alcance

- Eu não acredito. - Algio deixa a casa, indo em direção ao centro da vila. Os outros o seguem.

- Não podemos lutar contra alguém, ou algo, assim.

- Por que não!?!

- Ele vai nos matar: não temos chance.

- Ele vai nos matar cedo ou tarde. Temos que lutar agora.

- Não é sensato...

- Sensato!?! Ele está matando pessoas. Nunca vai saciar sua fome antes de morrer. A cada semana morrem mais pessoas. Não podemos suportar isso!

- Não tente nos enganar. Ou se enganar! Você quer encontrá-lo pra vingar sua Keuda. E a vingança não é um sentimento dos mais nobres...

- Cristian...

- Vocês não entendem...

Todos se viram e vêem Lob que, sem ser percebido, havia ido à casa deles e vinha agora com uma mochila nas costas. Ele completa.

- Temos que partir.

- Tudo bem. Façam vocês dois o que quiserem. Eu não deixarei Motron.

- Vocês realmente não entendem... Não existe mais Motron. Temos que partir para outra vila, ou para enfrentar o monstro. Vocês escolhem.

Cristian e Geba param a meditar, enquanto Algio vai pegar suas coisas. Pouco depois vão eles também fazer as malas. De modo que, em menos de dez minutos, os quatro estavam reunidos no centro do que era Motron até pouco tempo atrás.

- Decidiram? - Lob pergunta.

- Se é pra estar com estranho, prefiro ir com vocês.

- E você, Cristian?

- Tudo bem... Vocês venceram. Eu vou com vocês em busca do monstro para uma "morte solidária".

- Vamos, então. - Lob fala, deixando a floresta logo em seguida.

- Como sabe que é por aí? - Cristian pergunta.

- Algo me diz isso...

- Não acredito! Vamos em busca do monstro, mas como não sabemos onde está, vamos seguir pela floresta. Vamos nos perder! Que brilhante idéia... Ei! Esperem por mim!

Já é noite e eles param. A vários metros da vila. Pode parecer estranho sair à noite e armar acampamento pouco depois, mas eles talvez não suportassem passar a noite em Motron.

- Bom, quem caça hoje? - Cristian pergunta. - Algio? Lob?

- Não posso. - Algio responde.

- Eu vou. - Geba decide prontamente.

- Tudo bem. Cuidem do acampamento. - Lob fala e, voltando-se para Geba. - Vamos.

...A presa caminha calmamente por entre as árvores. A um salto repentino nota a presença do caçador. E corre. O caçador a persegue, desferindo golpes na paisagem. Com tantas mudanças de rota repentinas, a presa começa a se distanciar, cada vez mais. Até que uma lança a atinge em cheio e ela cai. - Feito.

Geba e Lob voltam com o fruto da caça, com o componente principal de sua próxima refeição. Lá chegando, encontram o acampamento devidamente montado, com galhos, folhas e cipós, tão abundantes em quase todo o continente. Não era um dos melhores lugares para se passar a noite. Só tinha quatro camas improvisadas, como colchões de palha, com tantos galhos e cipós por cima. Não havia barraca: não esperavam que fosse chover e sua experiência com floresta permitia que levassem isso em conta quase como fato.

A fogueira queimava no centro do acampamento. Suas chamas entretinham os olhos do quarteto que, sentado em quadrado ao seu redor terminava o jantar. Havia sobrado alguma carne, pois se tratava inicialmente de um volume considerável, além de terem coletado, adicionalmente, algumas frutas.

O silêncio prossegue por longos minutos: parece que ninguém tem sono. Também, pudera! Depois do que aconteceu... O fogo atrai seus olhos. Há uma certa identificação deles para com as chamas que dançam sobre os galhos secos. Poder-se-ia dizer que se tratam de cinco chamas centradas em quadrado/X. Os olhos se irritam com o calor que aquece suas faces. Suas mentes estão muito longe agora. É como se houvessem sido tragadas pelo fogo.

Eles vêem as chamas ficarem azuis, e todas as árvores ao seu redor dão lugar ao topo de uma montanha. Há alguma coisa se movimentando no céu, sobre suas cabeças. Numa explosão muda,

algo cai no meio deles, criando um profundo buraco. Eles olham para baixo. Através de tal buraco se pode ver algo em movimento. Algo escalando o lugar.

- Vamos dormir.

- Vamos.

- Boa noite.

A divagação, visão ou alucinação é interrompida, pois é tarde. Os quatro se recolhem aos seus leitos, mas só depois de alguns longos minutos percebem que não conseguirão dormir. Não bastou que deixassem a vila. O frio atormenta as chamas que queimam em seus corações. Não podem dormir. Não são frios como gelo, tampouco têm corações de pedra. Terminam por se levantar e reunir novamente à fogueira.

- Bom... - Cristian começa, mas não conclui, pois percebe que não há o que falar nesse momento. Durante toda a noite eles só fitam as chamas, em ressonância com seus corações.

Já é manhã, sexta-feira, o Sol nasce e sua luz serena atravessa as folhas para assumir a função da fogueira, que começa a morrer. Sem qualquer palavra, eles se levantam. Geba abre um saco onde havia depositado as frutas restantes. Tira algumas delas e joga para os outros três. Eles juntam as coisas. Lob então parte em uma direção: todos os outros o seguem.

A floresta muda a trilha sonora. Os animais diurnos começam a produzir seus sons.

- Vamos mesmo atrás dele? Quero dizer, nós levaríamos certo tempo para alcançarmos uma cidade, mas poderíamos estar mais seguros lá.

Algio ignora as palavras de Cristian. E eles continuam a seguir a trilha misteriosa, e invisível, guiados por Lob. Nenhuma palavra mais é pronunciada. Eles simplesmente caminham. Caminham até que encontram um rio. Ainda calados, bebem um pouco, atravessando-o em seguida. Do outro lado, como se já fosse planejado, eles param. Só Lob continua, pois ia à frente. Pouco depois, volta com alguma lenha.

Eles fazem uma nova fogueira, onde aproveitam a carne que sobrou da noite anterior. Algio não esquece o que vira na casa de Droole. Na verdade, a mesma melancolia é compartilhada pelos quatro viajantes. Eles perderam seu mundo, tudo o que conheciam. Mas mestre Fuolha um dia lhes disse uma coisa que tomou seus pensamentos ali, naquele instante. Era algo como nunca se entregar à dor totalmente e, quando puder, entregar-se parcialmente a ela, para estar livre quando for preciso. Talvez por isso eles não insistissem em falar ou sorrir falsas emoções.

Mestre Fuolha... De repente todos aqueles anos de treinamento antes de sua morte vêm do passado como por mágica. Algio lembra que nunca se deve lutar com ódio, pois seu mestre dizia para nunca lutar contra alguém, mas a favor de algo ou alguém, de outra forma seriam meras máquinas de lutar, sem coração.

Cristian ouve a voz de seu mestre, dizendo para nunca abandonar um amigo ou desprezá-lo mas, ao contrário, sofrer com ele e ajudá-lo a se levantar. Ele põe a mão no ombro de Algio, com um sorriso triste, mas tentando ser consolador.

Geba lembra que seu mestre falava que nem sempre a força bruta era a melhor saída. E ele sorri, sabendo que o mestre Fuolha ainda olha por eles quatro.

Lob pode ver, como se fosse hoje, seu mestre falando: "Seus instintos são sentidos além da compreensão humana. Podem fazer muito por você. Mas nunca esqueça que são, antes de mais nada, sentidos, e podem ser manipulados. Eles podem lhe ajudar muito,

mas às vezes podem mentir. A única coisa em que se pode acreditar completamente é na união e lealdade de pessoas abençoadas com uma ligação que vai além do que compreendemos, talvez além do que não compreendemos. Eu vejo essa ligação em vocês." A lembrança é forte e fortalecedora, mas Lob não tem tempo para sorrir e desfrutar das sábias palavras do mestre Fuolha. Ele nota que há algo errado. Alguma coisa muito sobrenatural se aproxima. "Não pode ser o monstro, as lendas dizem que ele só ataca às quintas, como ontem..." Ele se levanta, empunhando sua espada de duas mãos. Não a de madeira, dessa vez a metálica. Os outros três notam e se armam também. Lob olha as árvores em uma direção.

- O que está havendo? - Cristian pergunta.

- Calma. - Uma voz vem dentre as árvores. - Podem baixar suas armas.

Claro que ninguém faz isso.

- Quem é você?

- Vim levá-los. Sou Uryef.

- Uryef!?! - todos exclamam, surpresos, enquanto surge um homem vestindo um manto alaranjado. Ele tinha cabelos brancos, olhar agressivo e aparentava trinta e tantos anos. A surpresa foi enorme. Seria possível que fosse o maior mago do Fogo de toda Kairot? O mestre Fuolha já falara dele, alguns viajantes também. Se isso fosse verdade, eles estariam diante da maior lenda de Kairot daqueles dias. "Simplesmente inacreditável".

### Parte 2

- Estás querendo dizer que és o maior mago do Fogo de Kairot?

- Vejo que entenderam.

- Mas, espera. Tem como provar isso? - "Ô pergunta idiota!"

O suposto Uryef estende a mão, fazendo surgir uma chama alguns dedos acima dela. A chama, respondendo a alguns gestos, flutua, passando perto dos quatro, um de cada vez. Então ela se aproxima da fogueira e, ao alcançar o centro das chamas, o fogo se torna branco. Tudo volta ao normal.

Todos estavam convencidos de que era mesmo Uryef quem estava diante deles.

- Podemos ir agora?

- Aonde pretende nos levar?

- É uma longa história. No caminho eu conto.

Foi assim que Algio, Cristian, Geba e Lob foram convocados à missão mais importante de suas vidas. Aquele que estava diante deles era mesmo Uryef, mas o truque utilizado era simples: pelo menos vinte magos de Kairot sabiam executá-lo, o que o sumo-sacerdote revelou tempos depois.

Próximo ao meio-dia eles pararam. Sim, tinham provavelmente um longo caminho a seguir. Deviam almoçar. Duas coisas eram necessárias: vigiar o visitante e arrumar comida. Seriam dois deles em cada tarefa. Geba se prontificou e chamou Lob. Mas ao invés de responder, voltou-se Lob para Algio, no instante exato em que este começava a falar "Eu vou". Insisto que ocorreram tais ações no mesmo instante, de modo que não foi Lob que forçou Algio a decidir, nem foi a voz do segundo que influenciou o primeiro: os dois agiram ao mesmo tempo.

Enquanto os dois, Geba e Algio, iam à caça, Lob se dirigia a um ponto qualquer um pouco distante de Cristian e Uryef, onde se sentou, voltado para os mesmos dois. De onde estava podia vê-los perfeitamente, além do mais, era só o que pretendia fazer. Cristian se via sozinho responsável por uma difícil tarefa: "entretenimento".

- Você falou que veio nos buscar...

- Tudo será revelado a seu tempo.

- Certo... Vens de onde?

- Autho.

- Como suspeitei. Aliás, que pergunta estúpida, não? É claro que os magos, pelo menos os que podem escolher, moram na "Terra dos Filhos da Terra"...

- Nem tanto.

- Mas não é lá o paraíso dos magos, onde eles aprendem mais sobre a magia e "vendem" seus "produtos"?

- Não exatamente, e magos não são "artesãos".

- Mas só disse o que ouço falar de Autho.

- Vai levar algum tempo até que as pessoas saibam que estão erradas.

- Mora lá?

- Sim e não.

- E isso significa...

- Pode entender como "coisas de mago".

- E o que "faz e não faz" lá?

- Magias.

- Sei, "coisas de mago"...

- Isso! Diga-me, seu amigo é sempre assim?

- Como?

Só então nota que Lob não está mais lá. ele se levantou e começou a golpear violentamente as árvores, tirando-lhes alguma madeira.

- É, precisamos de... fogo.

Após juntar madeira suficiente, Lob a leva a uma sutil clareira e se senta diante da fogueira que fez. Começa a aquecê-la para fazer fogo.

- Lob, espera! Temos ao nosso lado o maior mago de fogo do mundo! Ele pode acendê-la pra nós, não pode? Lob se levanta e se afasta, sentando-se a certa distância da fogueira, mais ou menos no lugar onde estava antes.

- A magia existe para fazer o que não podemos fazer.

- E aquilo que fizeste lá atrás?

- Às vezes é difícil provar que é mago a um leigo sem usar magia.

- Ah, certo. Lob, pode acender a fogueira.

Ele responde com um sorriso que diz: "A humilhação foi a ti, que pediu".

- Tá, eu vou então.

Enquanto Cristian continua o trabalho de Lob, Uryef se volta para longe, como que a meditar. Lob não pára um instante de vigiá-lo. Sente ele que o visitante não fará nada de errado, mas lembrou-se há pouco tempo das palavras do mestre Fuolha sobre confiar na intuição.

Algum tempo depois de a fogueira estar acesa, chegam Algio e Geba, com um herbívoro de médio porte, abatido.

- Hora do rango!

Reúnem-se então os cinco ao redor da fogueira recém-criada. Os quatro começam a separar o animal em pedaços, começando a queimá-los. Diante da cena, Uryef não tem outra escolha, senão acompanhá-los. Ele o faz, certamente.

- Vocês comem sempre só carne?

- Às vezes Grinter dava cereais à aldeia.

- Grinter?

- Um homem que tinha negócios. Em Autho, acho; mas que morava em Motron.

Uryef come da carne caçada, sem nada mais a dizer. Note que, embora estivesse acostumado a comidas mais diversas em suas refeições, expôs ele o estranhamento mais como curiosidade



que como reclamação.

Enfim, terminaram e partiram. Como da primeira caça, havia sobrado carne, embora menos desta vez, não bastante para uma refeição (de cinco pessoas). De novo saíram, seguindo o grande mago.

"Ele não perguntou nada sobre Motron. Até que ponto ele conhece a nossa história?" Lob se preocupava. Como sempre, ele. Ele e Geba permaneciam calados. Algio mal falava.

- Bem, amigo de chamus, poderia nos dizer agora aonde nos leva, ou ainda "não está em tempo"?

"Muito boa, Cristian!" De alguma forma, pensava cada um dos três outros.

- Acho que agora já posso dizer algo.

Faz uma pausa, como que para se certificar de que podia mesmo dizer. Daí, continua.

- Ele me enviou para buscá-los.

- Ele?

- O Fogo. - os quatro se entreolham, pasmos. - O motivo é precisamente o monstro de pedra e gelo que aterroriza toda Kairot.

- Menos mau. Não mudamos de meta com sua chegada.

- E você está nos levando a ele, certo?

- De modo algum.

- Mas, então...

- Vocês não podem vencê-lo.

- Como pode saber?

- Por que não o enfrenta você mesmo?

- Espere. Ele pode já tê-lo enfrentado, não é mesmo?

- ...afinal é o maior...

- ...mas se não está...

Só quando o viram parado perceberam o caos que haviam criado. Imediatamente, eles param. Para uma melhor compreensão, aqui vão as idéias e seus criadores: Algio se indignava por terem sido considerados "incapazes"; Geba, por ter o mago os procurado, ao invés de encarar por conta própria o monstro, na posição de maior mago do fogo de Kairot; e Cristian, superestimando-o, acreditava que Uryef conhecia profundamente o monstro.

- Pronto? Pararam? Posso falar agora? Pois bem, primeiramente, eu nunca enfrentei esse monstro. Eu mesmo seria incapaz de vencê-lo...

- Como o sabe, se nunca o enfrentou...

- Eu sei, ora!

- Ah, não! Isso não! Lob, parente seu? Só trocamos um guia às cegas por outro do mesmo nível! Droga!

- Senhor, desculpe-nos, mas, com tal resposta está abalando sua credibilidade. Se é o que quer, bem, mas...

- Deixe-o, Algio. Voltemos ao que seguíamos antes. Continuaremos a seguir Lob. Se é pra seguir caminhos cegos, vamos ao menos guiados por um dos nossos.

- Ele não disse que não tinha um caminho. - Lob afirma, para a surpresa de todos, e encara Uryef, como que esperando alguma coisa.

- Estás absolutamente correto. - Uryef se pronuncia. - Tenho um caminho e um objetivo.

- Sendo assim, poderia expô-lo a nós?

- Em parte. As forças do Fogo criaram a única coisa capaz de vencer tal monstro. O Fogo a escondeu, e só os predestinados a isso conseguirão encontrá-la. É pra lá que vamos.

Os quatro se entreolham, surpresos. Se bem que Lob parecesse já saber disso. Coisa estranha, mas pareciam seus instintos estarem bem mais aguçados que o normal.

De qualquer modo a notícia era extasiante: "Vocês não conseguirão fazer isso desse modo, mas sei como podem conseguir." Claro que acreditaram em suas palavras, não apenas por virem do maior mago de Kairot, mas também por quererem acreditar nisso. Tudo parecia perfeitamente aceitável: a idéia de eles não serem capazes de vencer o monstro. Além do mais, se tudo fosse verdade, eles seriam predestinados ao heroísmo. Pensar nisso os deixava sem fôlego.

- Tudo bem, amigo, sendo assim, prossigamos.

E eles continuam a caminhada. Estavam mais alegres que antes, dada a notícia. Fazem uma viagem tranquila, com alguns pequenos contratemplos, como rios a atravessar, animais que surgem do nada. À noite eles param mais uma vez. Agora já tinham carne e frutas suficientes, pois pegaram-nas no caminho. Bastou fazerem uma fogueira à clássica e se sentarem para a última refeição do dia.

- E aí, falta muito?

- Estamos cada vez mais perto.

- Isso era de se esperar. Queremos saber quão perto.

- Vocês saberão. A propósito, esta refeição está bem melhor que a anterior. Estas frutas...

- Agradeça à natureza.

Eles se calam e comem. A comida estava mesmo melhor e todos comeram o quanto puderam. O silêncio se fez. Haviam já preparado os leitos - de novo não haveria chuva, houve em meados da tarde. Era ainda cedo da noite e ninguém falava.

- Vocês podem conversar à vontade. Não quero que minha presença intimide vocês.

- Gostaria de ouvir umas histórias?

- Cristian, esqueça.

- Uryef?

- Claro. Adoraria ouvi-las.

- Bem, vamos lá. Uma vez estávamos voltando de um treino, quando uma luz branca cruzou o céu. Eu a segui e encontrei... O "macaco luminoso"!

- O quê?

- Eu disse que não devia contar... Logo a do "macaco luminoso"?!  
- O que é "macaco luminoso"?

- Não ligue: é uma invenção dele.

- Ah, vocês estragaram...

- Ele sempre nos obrigava a ouvir suas histórias malucas.

- Também não é assim.

- Querem ouvir uma história? Algo que realmente aconteceu?  
- Uryef intervém.

- Se estiver disposto...

- Há muitos anos, havia uma bela senhorita, que morava perto de um vulcão. Ela era tão bonita que o céu era rosa e lilás, dia e noite. Ela transformava o mundo a sua volta. Tudo era feliz até

que um dia saiu do vulcão um monstro horrível, atraído por sua canção. Ele era como se fosse todo de lava, e tinha dois diamantes no lugar dos olhos. Logo os dois ficaram muito amigos, mesmo ela sendo tão bonita e ele tão feio. Desde aquele dia passaram a andar juntos e o mais bonito era vê-los assim. Porém, as pessoas que moravam perto não viam as coisas desse modo.

"Pra elas, ele continuava sendo um monstro. Decidiram então atacar o lar dos dois e matá-lo de uma vez. Mas a flor do vulcão não permitiu, pondo-se entre o monstro de magma e a multidão. Eles a pisotearam, matando-a mesmo. Foi aí que aquela criatura inofensiva, embora horrenda, se tornou verdadeiramente um monstro. Naquele instante o céu ficou mais negro e se fez noite pela primeira vez. Os relâmpagos gritavam pelo nome dela enquanto nuvens escuras, cinzentas, cobriam o céu. Logo elas descarregaram frio e fúria sobre todo o planeta. O monstro matou todos e saiu matando, e matando, e... Ah, vou dormir... Estou com sono."

- Não! Como acabou a história?

- Será que é o monstro que procuramos?

- Claro!

- Calma, jovens, é só uma lenda.

- Mas você disse que tinha acontecido...

- Pra vocês prestarem mais atenção. Agora, se me permitem...

- Mas como acabou?

- Ele percebeu o monstro em que havia se tornado e se jogou no vulcão, e nunca mais foi visto. Agora vou dormir, posso?

- Será que ele diz a verdade?

- Por que pergunta?

- Ele disse que estava com sono. Se o fim da história fosse aquele mesmo ele teria contado de uma vez, não acha?

- Talvez... Talvez a história ainda não tenha fim.

- ...e o monstro de lava seja o nosso monstro.

- Mas lava é quente.

- E a chuva...

- ...pode tê-lo transformado.

- ...em pedra e gelo.

- Claro! Ele aproveitou a ocasião e contou a verdadeira história do monstro camuflada por um título de lenda!

- Eis onde queria chegar.

- Não vamos dizer que sabemos. Se disser a Lob ou Geba, passe também esta recomendação.

- Pode deixar.

Após algum tempo todos estão dormindo. Ao despertar, seguem por entre as árvores, guiados ainda pelo grande mago Uryef. Não mais falaram sobre o final da história contada por tão ilustre personagem. Apenas para que não se chame tal jornada de "tranqüila", pôs-se diante deles um inimigo. Um quadrúpede com chifres que vive nessa região mais "sombria" de Kairot. Não era um grande desafio. Um dos guerreiros bastaria para abater tal criatura, que sequer tinha atributos mágicos. Após o saudável passatempo, a viagem seguiu. ...até que os cinco se encontraram em terreno estéril, pântano, de onde já se via o oceano. Andando mais, perceberam que estavam em rochedos. Nem ao menos praias. Era uma manhã fria.

- Vamos agora?

Ninguém responde a Uryef. Com o silêncio, concordam em partir.

- Todos juntos agora.

Logo depois de todos se aproximarem, o maior mago de Kairot faz inúmeros gestos. Seus olhos brilhavam em duas chamas vermelhas quando chamas surgiram do nada e começaram a dançar a três metros de Uryef. Ao prestarem mais atenção notaram os quatro que tais chamas, de altura um metro, formavam um círculo ao redor do mago. Subitamente um tremor, como se fosse um terremoto. Agora eles estavam voando. Sim, voando sobre um disco de pedra. Sobre esse disco e seguindo aos comandos gestuais do mago, em algumas horas eles chegaram a uma ilha. O guia arcano estava exausto.

- Pode nos dizer agora onde estamos!?

- Afinal, não disseste que era fora de Kairot.

- Ainda estamos em Kairot. Estamos em uma das ilhas do arquipélago Caji.

- Onde?!

- As ilhas dos monstro?

- O que você sabe sobre isso, Cristian?

- O mestre Fuolha me contou um dia.

- Por que só a você?

- Geba estava lá. Lob parece que também estava.

- Você estava com Keuda, esqueceu?

- Tá, esquece! E que ilha é esta?

- Não sei, ele...

- A maior delas. - Uryef retoma a palavra. - Agora, vão.

- Como assim "agora vão"? Você não vem conosco?

- Não.

- Como acharemos a... a coisa do fogo?!

- Tu mesmo disseste que preferia ser guiado por seu companheiro...

- Como é? ... Eu o disse, sim, mas estava nervoso. Como vamos conseguir sem sua ajuda?

- Estou exausto. E, mesmo que não o estivesse, não poderia ajudá-los. Daqui pra frente é com vocês. Confio em Lob: ele os guiará.

- Mas...

- Vão, agora. Não podemos perder mais tempo.

Lob escolhe uma direção e começa a andar. Nos primeiros passos ouve uma voz distante "você ficará bem?" e uma resposta "sim, mas vão". Ele continua andando e os outros o seguem. Parecem nem pensar na possibilidade de ser uma armadilha, mas creio que pelo menos um deles pensara nesta hipótese. A confiança em Lob eliminava tal possibilidade. Eles partiram de fato, deixando seu maior aliado só. Apesar de ser o único aliado, era provavelmente o maior que poderiam encontrar, portanto dificilmente estaria indefeso.

O cenário era no mínimo estranho. Tinham chegado em rochedos, como aqueles de onde partiram. Logo mais havia uma floresta de vegetação alta e fechada, irradiando qualquer coisa de mal. O quarteto entrou por essa floresta com imensa cautela. Lob, na frente, abria caminho, cortando os bizarros galhos de tão sombria vegetação. E nenhum deles percebia que os mesmos galhos cortados se fechavam alguns segundos depois da passagem

do último do grupo, Cristian.

- Sabe?

- O quê?

- Pra um lugar tremendamente perigoso, até que está bem calmo...

- Cristian, não subestime as forças do além...

- ...ou talvez encontre um "macaco luminoso"!

- Geba!

- O que eu quis dizer é que talvez a floresta já soubesse da nossa vinda.

- E por isso preparou uma recepção bem pacífica...

- Pense um pouco. Em toda floresta há barulho, a qualquer hora. Você tem ouvido algum por aqui?

- Fora a espada de Lob... E os nossos passos... Não.

- Será que é desse modo gratuitamente, absolutamente normal?

- O que quer dizer, Algio?

- Quero dizer, Cristian, que o silêncio tem motivo e esse motivo não deve ser algo bom.

- Talvez um motivo que tenha dentes...

- Exatamente, Geba.

- Mas sigamos mesmo assim. Nós estamos prontos pra tudo.

- Será?

Neste exato instante um urro bestial rompe o silêncio. O mais aterrorizante é que vem de perto.

- Que animal será esse?

- Não sei, mas descobriremos.

- Como assim "descobriremos"?

- Ora, vamos derrotá-lo!

- Acha que é tão fácil?

- Você nem viu a criatura!

- Mas pude ouvir seu grito.

- Nunca ouviram que o que não nos mata nos fortalece?

- Isso só vale para lendas, homem. A verdade é mais cruel.

- Shhh... Façam silêncio.

- Algum problema, Lob?

- Por que devo fazer? Faço tanto barulho quanto quiser. Tara-ram!!! Não é mesmo, Geba?

- Não, Cristian. Cale-se de uma vez.

- O que há com vocês? É só um... um tigre! Ou um coelho, sei lá! Por que tudo isso?

Os outros três não se viram para o repreenderem, pois estão muito preocupados com o urro que ouviram. Era algo estranho e assustador. Era grave e rouco, não lembrando nenhum animal, e preencheu a floresta como o próprio ar. Ao invés de darem a Cristian uma resposta só se pode ouvir Lob dizer: "É tarde demais..." Num estrondo ensurdecedor - mais pelo silêncio completo que o precedeu que por ele próprio - um raio, vindo da frente deles, atravessa o grupo. Lob salta para o lado enquanto tenta posicionar a espada para aparar os golpes da fera. Da indistinguível fera que se fez passar por raio, tão rápido vinha. Lob, de alguma forma, já sabia que era o monstro que urrou agora há

pouco. Os outros três, pelo susto e sem uma compreensão tão clara do que acontecia, jogavam-se tentando sair da linha de ataque. Cristian é pego de raspão em seu ombro esquerdo.

- Aahhh!

- Está todo mundo bem? - Algio pergunta.

- Sim. - respondem Lob e Geba, enquanto Cristian grita "Ao menos vivo!".

Este leva a mão ao ombro esquerdo, que sangra, enquanto se levanta. Algio, o mais próximo, encontra-o e traz uma tira de seu velho manto arrancada. Com ela tenta prender o ferimento de seu amigo. Enquanto isso Geba e Lob se aproximam, já de armas em punho. Diante dos quatro está aquele ser, escondido pelas árvores.

- Algio, só me diga uma coisa: "O que era aquilo?"

- Não se mexa muito.

A vegetação se afasta, formando uma clareira, atingida pela luz do Sol. O monstro se encontra no centro dela e os heróis avançam em passos lentos e cautelosos, porém decididos, à medida em que a clareira se expande, formando uma espécie de arena natural.

- O que é isso...

Cristian pergunta mais uma vez ao ver a fera. Um monstro horrível, como que montado por partes. Tem quase dois metros de altura. Seu tronco parece uma tartaruga, protegido por um casco. Suas patas dianteiras são patas de um quadrúpede, de um cavalo, só que muito mais robustas. Suas patas traseiras são como as de um imenso sapo, e sua cabeça lembra a de um crocodilo. Toda a sua pele não tinha pêlo, além de parecer muito resistente. Seu rabo era como o de um tubarão. De uma cor verde-musgo, ele encara os quatro, com seu olhar quase maluco, sobrenatural. Após uma rápida entreolhada do grupo que busca a salvação para Kairot, Geba e Lob partem como flashes em direção ao rival frankensteiniano.

Com ira bestial os três lutam. Lob faz sua espada de duas mãos dançar, cortando o ar com incrível velocidade. Geba faz o mesmo, dando vida à sua lança, mas a fera, além de ágil é bastante resistente. Embora já fosse esperada tal agilidade por parte do monstro, tal foi sua entrada na cena, mesmo assim ela impressiona. Aquele ser tão estranho e sobrenatural parece muito pesado. Os dois homens se saem bem, mas a batalha é de empate.

- O que estamos fazendo aqui? Vamos ajudá-los!

- Você não está em condições, Cristian.

- Mas não posso ficar só assistindo. - Ele tenta se levantar, mas Algio o impede.

- Não! Você não está em condições!

- Está bem, está bem, entendi. - Ele pára um pouco. - Mas por que você não vai lá? Eles precisam de ajuda.

- Você...

- Sim.

- Está bem.

Algio pega sua espada e corre para a área de combate, e chega no instante em que Geba é arremessado para trás - uma mordida aparada pela lança - e cai de costas no chão.

- Como estão?

- Mal. Ele é de ferro.

- Como?!

Os dois lutam, e logo Geba está de volta ao combate. De fato

os golpes que acertavam produziam um barulho metálico característico. Geba cai mais uma vez, mas se ergue e retorna logo em seguida.

- Estás bem?

- É preciso mais que isso pra me derrotar.

"Bem, ele parece de metal, mas... Por que não querem que eu lute? É só um arranhão! Mas se aquilo é o que parece... Cristian se levanta e toma seu bastão. "Uma tartaruga, não é? Uma tartaruga de ferro..." Ele se aproxima e quando os três percebem já é tarde: ele veio mesmo.

- Saquei, Tarturço!

- Cristian, não! - os três gritam surpresos enquanto Cristian salta e golpeia com seu bastão o pescoço da criatura, tão perto do casco quanto pode.

Geba salta. O monstro vira a cabeça bruscamente, com a boca aberta, procurando Cristian. Mas encontra a lança de Geba mais uma vez em pé. A força do golpe joga Geba contra Cristian e os dois vão ao chão, enquanto Lob e Algio se aproximam. A besta corre.

- Você está louco?!

- O que deu em você?

- Ha! Ha! Essa não ia terminar sem mim.

- Convencido!

- Vamos.

Os quatro voltam ao caminho que seguiam enquanto...

- Olha! A floresta está se fechando de novo!

- Ela se reconstrói!

- Isso significa que... nossos rastros...

- ...são sempre apagados...

Eles voltam a caminhar, quase na mesma formação de antes. Lob e Geba na frente, nesta ordem; mas desta vez Cristian, ferido, vem em terceiro enquanto Algio cuida da retaguarda. Depois da batalha, dos barulhos do aço, todo o silêncio cai sobre a floresta. Um silêncio que, supõe-se, não se encontra em nenhuma outra floresta. Um silêncio estranho e assustador.

- Ei, Geba! - Este se volta para Cristian. - Obrigado por ter salvo minha vida.

- De nada.

Eles andam por mais algum tempo.

- Algio...

- O que é?

- Será que ela ainda volta?

- Ela quem? O "Tarturço"? Não sei... Talvez...

- O silêncio ainda não se foi...

- É. A propósito, foi muito corajosa a sua atitude.

- Obrigado.

Eles caminham mais e mais, quase sem conversar. O medo estava presente, como antes. Dessa vez, no entanto, eles não conversavam e discutiam por esse medo. Pelo contrário, o medo os calava, principalmente depois de tal encontro.

- Como estás, Cristian?

- Já estive bem melhor.

- Dói muito?

- Não. Só quando movo o braço.

A jornada seguia. Lob cortava os galhos, mas agora todos tinham certeza de que estes galhos se fechariam pouco depois da passagem de Algio.

- Por que será?

- O quê?

- Por que essa floresta é tão estranha?

- Falas do silêncio?

- Não apenas dele, mas... Os cortes se fecham quando passamos e... A floresta criou uma arena de combate, naturalmente. Nunca ouvi falar de algo assim.

- Também não.

Eles se calam por algum tempo.

- Mas ora, Cristian! Quanto do mundo já ouvimos falar, se vivíamos isolados em... Motron...

- E quantas pessoas estiveram aqui?! Estamos na terra perdida, no arquipélago Caji, e... o que foi agora? Por que a tristeza repentina? - Algio não responde - Ah, Algio... Você gostava mesmo dela, não? Não se preocupe, vamos vingá-la. Vamos vingar por toda Kairot!

- Ei, Cristian...

- Fala, amigo.

- O que ela estava tentando dizer?

- Como assim?

- Seu rosto expressava alguma coisa...

- Pra mim era dor.

- Sim, mas não uma dor qualquer. Parecia até ser uma dor sem qualquer ligação com aquele momento.

- Não sei... Mas esqueça isso, Algio. Tente se lembrar dela nos momentos felizes. Aposto que ela preferia ser lembrada assim.

- Talvez você tenha razão...

- Silêncio aí atrás...

Os dois se voltam para Lob. Um grito rude de Geba reforça o pedido de silêncio.

- O que está havendo? - Cristian pergunta aos dois da frente, em voz baixa.

- Estamos passando por uma região perigosa. - Lob responde, em igual tom.

Em outra ocasião Cristian perguntaria: "Como sabes?", mas tudo o que viveram até aqui, em tão curto tempo, fez com que confiasse no instinto e na forma tão estranha de Lob agir.

- De novo não...

Lob fala, no instante em que ao redor deles começa a se fazer uma nova arena. Os quatro param e ficam de costas uns para os outros, formando um quadrado defensivo. Nesta posição eles esperam a arena concluir sua formação, para descobrirem o próximo inimigo. E eis que ele surge.

Um touro de três metros surge adiante. Um touro com aspecto muito bom. Robusto e de chifres provavelmente afiados. Ao perceber a arena, tal adversário faz alguns passos para fugir, até que vê quem está com ele na arena. Então, com um brilho vermelho nos olhos, nota que nesta não dará de caça, mas de caçador. Ele se prepara e parte em ataque voraz de encontro aos quatro.

Cristian salta para trás e quase cai. Lob salta de lado, golpeando com sua espada de duas mãos o chifre do agressor, num estrondo. Algio, neste instante, rola no chão para o outro lado e fere uma das patas traseiras do animal. Isso enquanto Geba permanece na frente. Nesta posição, ele golpeia com ferocidade o pescoço do touro.

- Sua pele é muito dura! - Grita Algio, e o monstro arremessa Geba para longe.

Lob golpeia o pescoço do touro, que contra-ataca com ferocidade. Mas o herói consegue se esquivar a tempo. Do outro lado Algio luta com pequenos saltos e vários golpes, em posição de guerra. O touro se volta para Algio e... cai. De um lado, muitos golpes fracos, do outro poucos golpes fortes. Ele não resistiu.

- Geba?

- Estou ótimo! Não se preocupem.

- E você, Cristian?

- Eu... Aghh! ...estou bem.

- Então... - Algio nota a arena se fechando. - Continuemos. Lob, por gentileza...

Os guerreiros vão em frente. Ele continua a cortar os galhos com sua espada, e o seguem Geba, Cristian e Algio, nesta mesma ordem. O grupo avança pela floresta até que, dentre as árvores, surge uma caverna.

- Lob... Bela pontaria. Acertou em cheio.

- Vamos lá.

Eles entram. Uma luz vem de lá de dentro. Eles caminham, preocupados, checando tudo em todas as direções, Eles continuam. Chegando à área iluminada, eles encontram uma pedra, com um metro de altura. No seu topo há um cristal. Eles se aproximam. Todos menos Cristian.

- Será essa a arma?

Lob e Geba caem, atingidos por um raio de luz. Em pouco tempo se descobre que, mais uma vez, não se trata de raio. Uma figura humanóide feita de luz salta para proteger o cristal.

- Cristian?! - Algio grita, virando o rosto parcialmente para seu aliado, enquanto saca a espada.

- Não! Foi só um sonho!

Os outros também recordam a história do tal "macaco luminoso". A questão é...

- Hááá... - Algio golpeia o macaco, mas a espada o atravessa. No entanto, o macaco soca. Sua mão de luz atravessa o corpo de Algio e parece queimar na região atingida. Ele cai de dor. Lob se aproxima de Cristian.

- Como a gente o derrota?

- Não sei! Eu sempre esqueço o fim do sonho!

- Droga!

Quando Lob está prestes a atacar o macaco...

- Espere! Havia uma vela...

- Como? Vela? Como a que está ali?

- Exato! - grita Cristian ao ver a vela que aparecia em seus sonhos, logo após a primeira vez que se lembrou de sua existência.

A vela era como uma vela normal, nova. Mas queimava uma chama negra, sombria.

- Vou apagá-la. - Lob salta na tentativa de alcançar tal vela, mas é interceptado pela estranha criatura de luz. Seu corpo inteiro arde.

- E eu que tenho que fazer tudo sozinho... - Cristian se senta, pega umas pedras e começa a atirá-las na vela. - Errei... Uhhh! Quase! ... Essa passou perto.

O macaco grita e parte rumo a Cristian.

- Deixa comigo! - Geba pega sua lança e arremessa. Ela atinge a vela.

- Lindo! Bem na vela! O alvo era a chama!!

O pedaço de cima gira no ar. Sua chama oscila, bem como a figura do macaco. Até que a semivela atinge o chão, extinguindo sua chama negra. O macaco some e tudo agora são trevas.

- Bom trabalho, Geba.

- Agora acho que podemos ficar com isso...

- Algio!?

Um feixe de luz explode onde estava o cristal, arremessando Algio para trás e cegando todos.

- Era mentira! - Algio grita, referindo-se ao cristal que desapareceu, ao contato com a sua mão, dando lugar à luz, mas quando a visão dos quatro retorna eles podem ver um amontoado de metais descendo do teto da caverna. Parecem trazer um brilho metálico e são vermelhos.

- Não, encontramos...

### Parte 3

- Mas o que são isso?

- A resposta...

- Aquilo que procuramos...

- Pedacos de metal?

- Não, uma armadura. - Cristian separa uma parte. Uma placa de metal. Todos reconhecem nela um elmo.

- Como vestimos? - Geba tenta colocar algumas placas em seu peito, em seu braço, mas elas caem. Não há, aparentemente, engates.

- São mágicas, Geba. Ei, Lob! Este elmo é a sua cara. Pega! - Cristian entrega um elmo para Lob. Todos parecem iguais. As diferenças são sutis, mas...

- Entendi. - Lob caminha, segurando um dos elmos, e pega outro. - Este aqui deve ser o seu, Algio. - e outro. - Geba!

Lá de baixo das peças Cristian tira o elmo que crê ser o seu.

- E aí? Colocamos? - Algio pergunta, fitando cada um dos seus amigos. Todos têm o elmo na mão.

- Espere... Contemos de um até três. - Sugere Cristian.

- Quatro.

- Eu dei a idéia...

- Tudo bem... Um. - Algio olha para Lob.

- Dois. - Este mira Geba, junto com os outros dois.

- Três!

Os quatro colocam o elmo na cabeça. Cada um deles sente o corpo queimar e os olhos ardem a ponto de não conseguirem mantê-los abertos. Todos caem sobre as mãos. Gradativamente a dor cessa e suas visões retornam. Eles se erguem e vêem uns aos outros. Cada um tem uma armadura vermelha cobrindo seu corpo, mas não totalmente. Além dos olhos e da boca, os braços, joelhos e parte do tronco ficaram à mostra. De qualquer forma, eles se sentem ótimos, tão fortes como nunca se sentiram ou sonharam estar.

- Nossa! Isso é incrível!

- Como está seu ombro, Cristian?

- Como novo!

- Finalmente encontramos, então.

- Agora a gente pode pisar o "monstro de pedra e gelo".

- É, vamos lá.

Eles tomam suas armas sob a luz vermelha que suas armaduras irradiam e deixam a caverna. A floresta está lá, como estava antes. Desta vez, empolgados com suas armaduras, eles partem em fila dupla, guiados por Lob e Algio, os de armas mais cortantes. Na verdade, Lob guia e Algio só tenta permanecer ao seu lado.

Sob a ligeira treva que toma a floresta no fim de tarde suas armaduras continuam a emitir luz.

- Tudo o que eu queria!

Um vale começa a se formar ao redor dos heróis, criando uma nova arena de combate. Do outro lado surgem quatro tigres enormes, com orelhas negras e sem pêlo.

- Tudo bem... afastem-se.

Os quatro se distanciam para garantir o espaço necessário para os combatentes. Os tigres avançam, cada um deles contra um alvo humano.

- O que acha de minha armadura nova, criatura infame? - Cristian fala com seu agressor, enquanto este se aproxima. O herói gesticula e se mostra como quem não se importa nem um pouco com o perigoso monstro. - Ah, quer ela pra você? Não dou! - Ele golpeia o tigre com seu bastão, no pescoço. O animal cai e desliza um pouco no chão de folhas. Pouco depois se levanta, balançando a cabeça e se volta para Cristian.

Agora que a floresta está aberta se pode ver o Sol. É fim de tarde. O céu está avermelhado. Deve ser noite já em algumas partes de Kairot. O grupo prossegue a luta. O tigre atingido por Cristian salta contra este, em novo ataque. O herói gira o bastão no ar, violentamente, golpeando o queixo da criatura. O tigre o derruba, arranhando-lhe o ombro.

- Sai de cima de mim, coisa feia! - o tigre está como que inconsciente. - Alguém pode me ajudar com isso?

- Você é muito desastrado!

- Geba! Ajuda-me!

- A sua estratégia não serve pra tirá-lo daí?!

- Certo, acabou o tempo da piada! Pode me dar uma força?

- Tá bem, eu ajudo.

Geba pega o tigre e o ergue, tirando-o de cima de Cristian. Joga-o pro lado em seguida.

Assim como Geba, por sua força, Lob já venceu o tigre que o atacava, e Algio desfere agora seu último golpe, abatendo seu oponente com um movimento majestoso.

- Bravo! Belo trabalho, Algio! Ei, Lob! O que fazes?

- Prepare uma fogueira: vamos ver se esse bicho é bom.

- Você está louco?!?

- Não, estou com fome. Já é quase noite.

- E quanto a Uryef?

- Cristian, você acredita mesmo que o melhor mago do mundo precisa realmente de nós? - Algio intervém no diálogo entre Cristian e Geba - Ele se vira...

- Certo. Acho que tens razão. Eu cuido da... Geba!

- Você demorou tanto que resolvi cuidar disso.

A fogueira estava quase pronta, só faltava fogo. Geba pegou um graveto e ficou tentando resolver o problema. Logo, no início da noite, tinham uma bela fogueira queimando. em pouco tempo já estão assando pedaços do tigre.

- Que gosto horrível!

- Pelo menos parece... Natural!

- Como assim "Natural"?
- Não parece veneno, ou alguma coisa assim.
- Isso vai me dar uma indigestão...
- Pode comer. Apesar de horrível, está comível.

Eles comem da carne do tigre. Nunca comeram uma carne assim. Tem um gosto estranho. Não como estragada, mas é um gosto meio ácido, amargo. Mesmo assim eles a comem, pois precisam se alimentar para que voltem ao encontro do maior mago de Kairot, que os espera.

Já é noite e, curiosamente, a arena não se fechou. Eles nem sequer tocaram no assunto durante toda a refeição. Como se não tivessem percebido ou acreditassem tudo aquilo ser normal em um lugar tão estranho Suas armaduras irradiavam uma luz vermelha, do mesmo modo que quando estavam na caverna.

- Será que temos chance? - Cristian rompe o silêncio quando se aproxima o fim da refeição.

- Contra o monstro? - Algio responde, parando por algum tempo. - Prefiro acreditar que sim a alimentar a dúvida.

- Com ou sem chance, seremos a última tentativa.

- É, Geba... Infelizmente é o que parece.

- E Uryef? Esquecemo-nos dele!?! Temos que partir imediatamente.

- Ele deve ficar muito feliz ao nos ver com as armaduras.

- O que estamos esperando então? Partamos já.

- Não vai dar...

- Por que, Lob?

- Não sei por que não notei antes, mas a arena não está armada à toa.

- Como assim?

Os quatro caem atingidos bruscamente por uma força misteriosa. Mais ou menos como aconteceu pouco antes de se depararem com aquele a quem chamaram "tarturaco". Mas da vez citada se tratava do referido ser, e ele se apresentara como um raio. Agora, não houve nada além do ataque. Como um raio incolor. Ou mais, invisível. Os quatro vão ao chão após esse ataque, enquanto se perguntam: "O que está acontecendo?"

- Apareça, criatura covarde!

- Cristian... Covarde? Talvez ela não tenha aparecido por ser invisível...

- Não me interessa. Algio!!

O guerreiro portador da lança cai próximo aos dois que discutiam. Parecia até haver algum tipo de ímã que fazia os inimigos tentarem acertá-lo primeiro. Era como se houvesse em suas costas um papel escrito "Chute-me". O que tornava a coisa menos ruim era o fato de Geba ser, muito provavelmente, o mais resistente dos quatro.

- Não se incomodem: estou bem! Vocês viram quem me golpeou? Não vejo ninguém!

- Ah, "ninguém"? - Cristian sinaliza uma idéia, prontamente compreendida pelos outros três.

- Ninguém... Geba, vamos bater em "ninguém"?

- É, acho que "ninguém" vai morrer.

- Aaah!

Algio é arremessado para trás, caindo de costas no chão. No instante em que percebem o ataque, os outros três entram em ação.

Geba gira, empregando toda a sua força, o bastão; porém, não atinge o alvo. Lob ataca também, com igual violência, e corta o ar, junto a alguma coisa, com sua espada de duas mãos. Essa coisa grita. Um grito assustador, distorcido, além de bestial. Cristian joga, com as duas mãos, um bocado de areia no monstro invisível. E esta era a sua brilhante idéia. Pretendia, com a areia, tornar o adversário "menos invisível". Uma idéia simples, porém formidável. A areia ficaria suspensa sobre o corpo da criatura. Ainda seria difícil enxergar o oponente, mas pelo menos seria possível. Sim, sem dúvida uma idéia formidável. Formidável, mas não necessariamente eficaz...

- Mas que... - Cristian sequer tem tempo de concluir sua exclamação. Foi realmente uma surpresa o ocorrido: a areia caiu diretamente no chão, como se não houvesse nada ali. ...ou ninguém. Mas nenhum dos três tem tempo para se surpreender muito - e Algio não tem tempo algum, e nem viu a cena -, pois um a um, e rapidamente, todos são arremessados para a fogueira.

- Essa coisa pensa!

- Se não, chega bem perto!

- Interessante a idéia de nos jogar ao fogo, acontece, "ninguém", que você está diante dos "Guerreiros do Fogo". O fogo não nos fere. Se isso é tudo o que você pode fazer, fique sabendo que...

- Ei, Cristian! Está falando com quem?

- Com "ninguém".

- Com ninguém... - Lob, com um sorriso sutil, ergue-se da fogueira.

- Lob, que foi?

- Só você não percebeu? Ele já foi.

Agora Cristian pode ver, prestando um mínimo de atenção ao seu redor, que a arena já começou a se fechar.

- Bem, vamos embora então.

Todos estão de pé. Lob pega um pouco da carne que sobrou e guarda na mochila. "É para Uryef". Depois ele gesticula e segue uma direção. Os outros vão atrás.

- Era melhor sem essas porcarias...

- De que falas?

- Essa armadura ridícula! Olha só: não pára de brilhar!

- Ora, Cristian, pelo menos podemos ver o caminho...

- É, à noite na floresta com uma armadura que pensa que é uma vela!

- Calma, de que você tem medo?

- Medo!?!

As árvores mais uma vez começam a se recolher, formando outra arena. Somente com grammas, à luz da Lua. ...e das "armaduras que pensam que são velas". A arena circular avança, revelando o próximo adversário.

- É...

- ...uma árvore!

- O que essa árvore faz aí? Devia ter recuado também...

- Era disso que tinhas medo, Cristian? De uma árvore?! - Algio se aproxima da tal árvore, ligeiramente mais grossa que as outras.

- Algio, tome cuidado!

- Então vocês têm medo disso?

## Os Guerreiros do Fogo

Os três se olham, preocupados, enquanto Algio se aproxima cada vez mais da criatura vegetal que, embora pareça uma árvore normal, dela os três esperam alguma coisa.

- Olha só... - E o impulsivo guerreiro bate a espada na árvore. Os outros acompanham atentos cada movimento. - É só uma árvore! - A árvore não responde.

Vendo confirmadas suas suspeitas de que aquilo era só um vegetal, um estúpido vegetal, Algio, com sua espada, faz um risco no tronco. Em um segundo ele está de cabeça para baixo, pendurado e sem a espada.

- Algio!

Os três correm e Geba chega primeiro. Cravando com força sua lança no tal tronco ele consegue libertar seu parceiro. Lob termina, cortando a árvore em duas. A clareira começa a se fechar.

- Você está bem?

- Obrigado, Geba. Estou. Desculpem, não sei o que deu em mim...

- Pois eu sei. Foi esse silêncio de morte que este lugar irradia. Ou essas armaduras brilhando. Ou saudades da...

- Ou tudo junto. Acho que estou melhor agora.

- Não, você parece muito triste... Desculpe ter-lhe recordado a...

- Não diga o nome dela! É por demais sagrado para ser dito em lugar tão... Profano!

- Mais uma vez, desculpe-me.

- Tudo bem. Vamos embora.

Eles partem. Lob, na frente, abre caminho. Geba, Cristian e Algio seguem nesta mesma ordem.

- Será que ele está mesmo bem? - Geba pergunta discretamente a Lob.

- Não sei. Espero que esteja.

- Não parece bom.

- Certo. Vamos ficar de olho nele. ...de novo!

- O que...

Mais uma vez. É a terceira vez na volta da caverna. A quinta vez ao todo. As árvores se afastam, dando lugar a uma clareira, que será arena do próximo combate. Diante dos heróis ressurgiu um ser ainda mais estranho que o anterior. Como se fosse feito de cipós. Como um emaranhado de cipós de altura um metro, cipós estes que se estendem pelo chão. De novo não parece um oponente tão perigoso, mas depois da árvore eles não querem subestimar nenhum oponente. Geba arremessa a lança contra o novo adversário. Ele deforma, esquivando-se da arma, saltando logo em seguida, como um raio suave, inesperadamente atingindo o desarmado Geba.

- Geba! - Lob joga suas mãos pra trás e dela sua espada desce em um salto, num golpe tão mortífero quanto belo. Mas o monstro se esquiva.

Em um salto ágil para trás, a estranha criatura, que tem cipós como tentáculos fortes e flexíveis, desvia o golpe. Era exatamente o momento que Cristian esperava. Ele desce o bastão violentamente, mas o que parecia impossível aconteceu. Mesmo após um salto tão brusco, o ser consegue amortecer o impacto e saltar de volta em um tempo mínimo, com magnífica agilidade, como se seu corpo renegasse as leis físicas que regem o mundo. E assim, em bem menos de um segundo, Lob é atingido e também arremessado ao chão. Cristian prepara um novo golpe e o desfere

no instante em que é atacado. Logo vai ao chão também, mas atingindo também os cipós-tentáculos do agressor.

- Geba? Toma. - Traz a lança.

- O quê? Algio!?!

- Devias estar lutando! - Tenta outro golpe, Lob, desta vez sem empregar tanta força para não "baixar muito a guarda". O monstro quase não se move, como se sorrisse, zombando da resolução do guerreiro. Cristian, após se erguer apressadamente, dirige-se a Geba e Algio.

- Há uma pedra no meio desses... dessas coisas! Uma pedra vermelha! Deve ser o que o mantém de pé!

- Lob! Há uma pedra no centro!

Com olhar ainda fixo, Lob faz com a cabeça sinal de que compreendeu. Isso pouco antes de concretizar mais um ataque fulminante, como o primeiro golpe. Mas como no primeiro golpe, o tal monstro se esquiva. Desta vez, entretanto, lançando-se para o lado. O que passara pela cabeça de Lob nesse minúsculo intervalo de tempo foi que "atingindo o todo, o meio seria atingido". Mas depois do golpe, vendo-se com a espada quase no chão e tendo ao seu lado o inimigo, ele vê que foi um fracasso.

- Lob!!!

Geba aproveita a ocasião para tentar um novo arremesso. Ele dispara a lança, mirando a tal pedra. Mais uma vez o monstro se esquiva.

- Eu sei como te vencer, criatura! - Cristian parte em disparada com seu bastão. A três metros do ser tão estranho ele salta. No ar, move o bastão para a frente e o empunha como o sabre de um exímio esgrimista. Com o bastão a alguns centímetros da pedra, ele pára. Ainda no ar. - Maldita planta! Cinco cipós o seguram. Nos braços, pernas e no tronco.

- Dessa vez você pega, Geba.

- Eu nunca pedi pra você fazer isso. Você devia estar lutando.

- Oh, desculpe por ter te ajudado!

- Vocês dois: parem com isso! - A voz é de Lob! Algio e Cristian se viram e o vêem saltar contra o monstro e encontrando o chão logo em seguida. Cristian permanece suspenso. Parece até que a "planta" pretende fazer alguma coisa com ele.

- Tudo bem. Vou tentar. Se não tiver resultados, ao menos você terá tempo de reaver sua arma. Geba sacode a cabeça, com ar de reprovação, enquanto corre para tentar recuperar sua lança.

- Tudo bem, você pediu. - Algio parte com sua espada. Logo está diante da criatura de cipós. Com extrema e sublime agilidade, sua espada dança, no mesmo ritmo em que dançam os cipós da criatura. E quem vê a luta pode enxergar apenas duas manchas dançando como as chamas de uma fogueira, quão rápido se movem.

O confronto prossegue. Os outros guerreiros acompanham, juntos e pasmos, a atuação de Algio e a fúria da planta segunda.

- Nunca vi Algio assim...

- ...tão...

- Vai, Algio!

Após milhares de golpes tão incrivelmente contidos em uns poucos segundos, há bastantes cipós jogados no chão. Os dois param. A criatura, agora suspensa por alguns poucos cipós, encara. Todos os outros cipós estavam cortados, e já se via a tal pedra vermelha. Numa investida simples, porém veloz, o ágil guerreiro atinge a pedra. Ela desaparece, e a força que erguia e dava vida aos



## Os Guerreiros do Fogo

cipós também some, largando-os no chão. A arena começa a se fechar.

- Parabéns, amigo.

- Não tem um jeito de tirar essas armaduras? Nós nunca chegaremos assim!

- Cale a boca e vamos. Medroso!

Cristian e Geba, mas todos já se acostumaram com esses comportamentos.

- Medroso!?! Não fui eu quem jogou a arma pra não lutar na desculpa de estar desarmado.

Algio olha para Lob, com ar de "de novo?".

- Eu te salvei do tigre.

... e decidem não se incomodar mais com isso.

- Grande salvamento. Acontece, meu caro, que o tigre já estava morto!

"Está virando rotina..." Algio comenta com Lob, enquanto começa a cortar galhos ao lado dele.

- Pior. Você ia perder para um tigre morto!

- Não...

- Ei! Esperem-nos!

- Você está mesmo com medo, não?

- Medo? Não conheço o significado dessa palavra!

- Ah, certo...

- Qual o problema? Sabe de uma coisa? Acho que é você quem tem medo e tenta se enganar dizendo que sou eu.

- Quem reclama que a roupa está chamando atenção?

Eles prosseguem com a jornada de volta à presença de Uryef. Mas parece que não chegarão tão cedo quanto pretendiam...

- Isso não vai parar!?!

Nova arena se formava para o desespero dos quatro. Com o processo natural concluído, surge um homem de pedra no centro da arena. De estatura dois metros, com pequenos chifres, em uma armadura estranha. Era de pedra, de pedra negra e levemente esverdeada. No braço direito trazia um escudo redondo, no esquerdo uma espada. Ambos de pedra. Algio parte na frente, empolgado com a última batalha, com velocidade contra seu oponente.

- É de pedra mesmo! - grita após receber resposta aos seus ataques, dos quais a maioria atingiu o escudo. Algio vai ao chão quando já chegam os outros.

Logo Geba e Cristian também caem. Lob é o que mais demora, mas logo é também atingido. Os golpes do guerreiro de pedra são fortes, afinal, ele é de pedra. Mas as armaduras parecem absorver boa parte do impacto. Algio já se ergueu e parte para continuar o combate.

- Cristian?

- O quê?

- Descobriu alguma coisa?

- O quê?

- Um ponto fraco, qualquer coisa!

- Não. Parece que ele é todo de pedra. Acho que esse aí só cai na porrada. ...mas vou pensar em algo.

- Porrada!?! Tudo o que queria ouvir!

Geba sai enquanto Algio mais uma vez cai. Este acertou vários golpes, mas nada aconteceu. A consistência do pétreo oponente parecia inabalável. Mesmo nos olhos.

E Geba golpeia à lança com fúria, mas o oponente ergue contra ela o escudo. Do outro lado Lob atinge o braço esquerdo do ser com um golpe brutal. Lascas de madeira voam.

- Droga!

A lança de Geba quebrara, tornando-se inutilizável. Era a lança que ele havia ganhado de seu saudoso mestre. Uma lança que resistiu aos mais duros golpes. ...até agora. Enquanto Cristian e Algio se aproximam, e Lob prepara um novo golpe, Geba se livra do pedaço de madeira estragada, resmungando, e aplica um soco com toda a força no escudo da estátua.

- Ah, pedroso! Não contava com isso, né? Vai, Geba! Continue o trabalho! - Entusiasma-se Cristian. Naquele soco o escudo do inimigo rachou.

- Vamos lá! - Cristian olha para as lascas de madeira. Ergue a mão e olha seu bastão. - Ah... - Ele joga sua arma e vai ajudar os dois.

Geba cai. Lob em seguida. Depois Cristian. Os três se erguem pouco depois da queda. Enquanto isso Algio é presa de um forte vazão. Ele olha o céu negro e estrelado que cobre o mundo. Está perfeitamente visível agora que há uma clareira. De costas para o combate, o distraído guerreiro não vê que seus amigos caem, erguem-se, golpeiam e voltam a cair. É como se a luta ocorresse em um canto e ele estivesse em outro totalmente incompatível, em outro planeta. Talvez em outro universo. Talvez em uma outra dimensão.

De repente o monstro quebra, no braço e na cabeça, e perde a mobilidade, tornando-se uma estátua de fato. A arena começa a se fechar e os três se aproximam ofegantes de Algio.

- Ele não está bem...

- Ei, Algio!

- O quê!?!

- O que está fazendo?

- Pensando...

- E não nos ajudou pra "pensar"!?! Seu inútil!

- Calma, Geba! Não vale a pena discutir...

- Desculpe. Não... pude ajudar.

- Tudo bem, mas...

Lob sinaliza, chamando todos para junto de si.

- O que foi, Lob?

Eles se aproximam. Lob gesticula para que todos se dêem as mãos. Eles o fazem, após recearem por alguns segundos. Quando isso acontece, uma explosão de luz no meio deles os arremessa de encontro ao chão. Após a repentina cegueira que tal evento trouxe, eles se erguem, já na floresta fechada e, entre a neblina que esvai de seus olhos, vêem uma luz alaranjada. São suas armaduras, que não são mais vermelhas.

- Alguém pode me dizer o que houve? - Cristian grita para os outros. O curioso é que ele próprio havia descoberto as primeiras informações sobre as armaduras, que agora mantinham o mesmo aspecto, mudando apenas a cor, o brilho.

- Lob? Você sabe o que houve? - Agora é Algio que pergunta, e Lob faz ar de "também não entendi".

- A gente está mais forte, não vêem? - Geba desabafa. Os outros se olham, começam a pensar. Tudo parece fazer sentido. Por

que mudariam as cores tão repentinamente? Além do que sentiram ser quase igual a quando eles vestiram tais armaduras, elas brilham mais agora.

- Não vão não? - Geba pergunta. A demora já era grande e eles partem prontamente.

- Como estará Uryef?

- Não sei, mas acho que não cruzamos nem metade do caminho. Volta e veia e... - Algio é interrompido pela formação de uma nova arena. Eles começam a se preocupar de verdade. Parece que elas não param.

No meio da nova arena a luz da Lua - que se mostra tão linda e brilhante nesta noite - ilumina um ser humanóide feito de madeira seca. Um bicho-pau humano. Sem uma palavra, Geba parte, golpeando-o várias vezes e sendo golpeado outras tantas.

Lob parece estranho desde as evoluções. Ele se senta, deixando a espada de lado e grita: "Afastem-se!". Sem entender de quem ele quer que se afastem, os três saltam pra longe de Lob e da criatura, enquanto se perguntam: "O que ele pretende?".

Os três vêem, surpresos, uma pequena chama no pé direito do ser.

- É o seu fim, homem-graveto! - Cristian grita enquanto o corpo do inimigo inflama. Ele foge pela floresta, deixando para trás os quatro heróis e a arena vazia, que agora começa a se fechar.

Em meio à surpresa e alegria, os três espectadores vêem Lob cair, apoiando-se sobre o próprio joelho.

- Lob! Que houve?

- Nada. Só... - Ele cai.

- Não dá pra confiar em magia. - Geba resmunga, enquanto ajuda a erguer seu amigo.

O temor, naquele instante, é de que a singela magia executada por Lob tenha pedido em troca a vida do bravo guerreiro. Quando o erguem, notam que não se chegou a tal ponto. Entretanto, Lob parece praticamente sem forças para se manter de pé.

- O que houve com você, amigo? Por que foste fazer aquilo?

- Bem, vamos embora logo. Uryef deve saber o que fazer por Lob.

- Você sabe o caminho de volta, Cristian?

- Tem razão, amigo. Perdoe-me, Lob. Esperaremos que te recuperes.

Com a cabeça, Lob responde que não. Ergue, com nítida dificuldade, seu braço, para indicar um sentido.

- Tudo bem, se é sua vontade, nós vamos partir.

- Eu o levo. - Geba faz seu parceiro passar o braço sobre seu ombro, apoiando-o. Só então percebe. - Ei, olhem.

Cristian e Algio se viram e vêem o que Geba descobrira. O brilho. A armadura de Lob brilhava agora com intensidade ligeiramente menor que a das outras. Tornou-se mais fácil notar isso quando Geba o apoiou. - O que será que isso representa?

- Significa que a gente tem que encontrar Uryef. Vamos. Algio, você vai na frente abrindo o caminho. Geba vai em seguida para que Lob possa guiar Algio. Eu cuido da retaguarda.

- Falou, capitão!

Um leve sorriso surge na face de Cristian. "É... Às vezes eu me excedo um pouco..."

Mas eles partem, agora apressados. Precisam encontrar Uryef para que ajude Lob. A espada de Algio derruba galhos agilmente,

enquanto o seu portador toma e segue as direções fornecidas pelo corajoso guerreiro, agora nocauteado.

- Se estivéssemos voltando tão rápido há mais tempo, com certeza teríamos chegado.

- Lembre-se, Cristian, de que a maior parte do nosso atraso se deu por conta de...

As árvores se recolhem para dar lugar a uma clareira. No seu núcleo se encontra uma pequena montanha. Algo em torno de dois metros. Mais para morro que para montanha. Com uma cor alaranjada, escura pela noite.

- Logo agora!

Dois pequenos espaços no morro se movem. De tais pálpebras arenosas se mostram dois olhos, que brilham à luz da Lua, um brilho vermelho.

- Bem, essa é fácil... - Cristian corre em direção ao monstro de areia. Mais uma vez uma idéia lhe ocorreu. Ele se via correndo em direção ao ser, num giro corporal golpeando um olho do monstro, mais um giro e golpeando o outro. O monstro se contorcia de dor...

Fora de seus pensamentos, Cristian se aproximava rapidamente da criatura. Gira o corpo e, quando prestes a golpeá-la com o bastão...

- Cristian!

Levantando areia, o monstro revela um tentáculo, e atinge Cristian com ele. Como uma brasa se encontra a um jato d'água, Cristian cai bem próximo do inimigo. Sua armadura brilha menos agora.

- Maldita a-reia... - Ele bem tenta se levantar, mas cai logo em seguida. Seu corpo inteiro dói. Havia algo no monstro e Cristian sabe disso. Agora tudo começa a ficar escuro...

- Droga!

- Não, Geba!

Não adianta. Geba correu para perto do monstro. Sem arma, pois sua lança havia quebrado na outra luta. Da mesma forma que fez com Cristian, o estranho ser dispara o mesmo tentáculo para derrubar Geba. Este, entretanto, ao invés de cair, apóia-se de pé com toda a força e segura o membro agressor. Ele sente o que há no monstro - veneno ou algo assim - mas não pode parar. Com toda a determinação, Geba abraça o tentáculo. Sua armadura parece enfraquecer, mas ele já chegou até aqui e não há de desistir.

- Geba! - o pavor tenta se apoderar de Algio. Ele se imagina sozinho, responsável por seus três colegas, nesta floresta maligna.

Mas Geba continua a abraçar, com força, o tentáculo do monstro de areia, e este aparenta estar incomodado com o ataque construtivo. Não demora muito para que puxe de volta o membro, a quase derrubar Geba. Logo em seguida, a criatura sai. Parecia um aracnídeo. Debaxo dela saíram patas pretas, como as de um inseto. Geba suspira, acompanhado por Algio.

- A situação está cada vez pior...

- Vamos logo.

- Claro.

Eles partem, Algio leva Lob enquanto Geba guia Cristian. Abrindo caminho entre as árvores, eles avançam, temendo um novo oponente na arena instantânea que essa floresta tem mania de criar. Mas já podem ver que é o fim da floresta.

- Chegamos. Rá! - um último galho é cortado e Algio já pode avistar Uryef. Este se encontra de costas, a cerca de vinte passos, sentado no chão como que a meditar.

- Uryef! - De repente algo inusitado acontece.

Os dois mal saíram da floresta, carregando seus amigos. Uma canção suave toca. São vibrações, como chiados harmoniosos. Eles preenchem o silêncio sobrenatural que provém da floresta. Algio ergue a cabeça e olha pra cima para contemplar um leque incrível de cores ondulando o céu. Cores que variam do vermelho ao violeta e dançam no céu a canção misteriosa. Logo notam, os dois guerreiros, que não vêm do céu tal canção. Não vem de lugar algum. Eles olham para a frente e vêem uma neblina se deitando por toda a região alta até a entrada da floresta. É uma neblina, mas... viva! Quase como gás inflamando, mas não queima nada com suas cores quentes.

A magnífica cena abafa o ímpeto de perguntar infantilmente "o que está acontecendo?". Não há coragem que ouse romper tão bela música, a qual até os céus e a neblina veneram. Eles esfregam os olhos. Sim, o grande mago do fogo está flutuando!!! Uma explosão muda, de ventos, derruba os dois guerreiros. E eles notam que já haviam largado os seus amigos ao amparo do chão.

Sentando-se, eles vêem os segundos finais: uma coluna de fogo surge envolvendo Uryef, erguendo-se em seguida até o infinito. A coluna some e, com ela, o maior mago de toda Kairot. No topo da coluna, que termina de se dissolver, junto com a música, as cores no céu e a neblina, brilha uma estrela. Vermelha e magnífica, ofusca o brilho das estrelas vizinhas.

- É o mago...

- Sim, Geba... Ele se foi...

- Não. O fogo o levou! E ele esperava por isso.

- Que queres dizer...

- Não percebes? Foi a prova maior de amor, do Fogo para Uryef!

- Não pode ser...

- Mas é! E... Droga! E Lob!?! E Cristian!?!

Eles olham ao seu redor e encontram os corpos dos dois mencionados: estão caídos no chão.

- Droga! Como vamos voltar? - Algio se levanta.

- Calma, amigo. Cuidemos de Cristian e Lob.

- Não! Ele nos deixou à morte!

Algio corre em direção ao penhasco que cai para o mar.

- Algio! Se você pular eu te mato!

Algio pára. Deixa passar alguns minutos como se estivesse a meditar. De repente começa a rir.

- Que foi? - Geba pergunta, com um leve sorriso.

- Olha só pra nós dois! Que papel ridículo... Espere!

- Quê?

- Olha! Era aqui que estava aquele raio de fogo que levou Uryef?

- Acho que sim. E daí? - Erguendo Cristian e Lob, Geba se aproxima.

- Ele nos deixou essa mensagem.

"Vocês são realmente os escolhidos: os deuses não erram. Não se preocupem comigo. Estarei bem. Viram aquela estrela? Lá estarei eu, sempre olhando por vocês."

- Você está ouvindo isso?

- Droga, estou!

Um forte zumbido vem da floresta, e os dois se colocam de pé diante dos caídos Cristian e Lob. De arma na mão - Algio - e preparando os punhos - Geba - esperam o iminente perigo.

### Parte 4

Os problemas são inúmeros... Na verdade, são poucos - apenas dois -, mas são apenas dois aptos a lutar, na obrigação de defender seus amigos. O outro problema é: como vão voltar ao continente? Vieram com Uryef, mas eis que este sumiu de repente, e se tornou uma estrela. Os heróis talvez se sentissem traídos, abandonados à própria sorte, não fosse a presença de algo na floresta. Algo vem de lá, rápido. O zumbido é forte e só tem aumentado. A testa de Geba começa a suar diante da preocupação. Ele se mostra mais preocupado que Algio porque este tem se mostrado um tanto instável ultimamente, e maior que o medo do inimigo é o medo de repentinamente seu amigo cometer alguma loucura. E Geba está desarmado.

Geba então se lembra de um importante detalhe: Cristian tinha um bastão. Ele passa a procurar com os olhos a arma, mas não há arma alguma. A espada de Lob também sumira. É uma pena, pois um bastão é quase uma lança...

Mas não se pode pensar mais nisso. O zumbido está muito alto, e se espera que os inimigos apareçam a qualquer momento. As mentes heróicas imaginam, pelo zumbido forte, abelhas ou gafanhotos gigantes, mas não é exatamente o que recebem.

Olhos ressurgem da floresta. Olhos verdes e os guerreiros se olham por um instante, para confirmarem a impressão da cena. Os tais olhos a brilhar permanecem pouco mais alto que a altura dos olhos humanos. O primeiro deles sai. É um ser humanóide e bem mais alto que um humano, com cabeça quadrada e tão chata quanto uma tábua de mobília, inclinada para trás. Seu corpo, inteiro, é formado de forma estranha, por partes chatas, como um monstro feito em papel, obra de origami. Não tem asas, mas suas orelhas são pontudas. Seu corpo alaranjado, meio bege, parece ser formado tão somente por retas. Provavelmente essa estranha criatura utiliza os zumbidos para se comunicar. ...ou há mais de um tipo de inimigo.

- De onde você saiu?

Ele parte em direção ao grupo e Algio se prepara. Logo o adversário lhe chega para receber alguns golpes. Das regiões cortadas irradia uma luz verde do corpo do caído oponente. Algio gira a espada, pondo-se em posição de combate, virando a cabeça em chamado. Uma provocação muda sob uns zumbidos como em discussão. Geba apenas assiste, preocupado e atento.

Uma dúzia de bichos iguais ao anterior deixa a floresta em velocidade, contra a resistência que os dois guerreiros fizeram. Eles os encontram e tem início nova batalha.

Algio encara seus adversários em número com naturalidade. Geba, desarmado, tem que se valer de suas habilidades extras, usando os punhos e alguns chutes ele enfrenta sua metade de seres.

Mestre Fuolha lhes falara: devemos estar prontos para imprevistos. Eles treinavam sem armas algumas poucas vezes, mas mesmo com pouco treino, como Geba passa a descobrir, aquelas horas foram de grande valia.

Reafirmando seu valor, os guerreiros vencem seus inimigos. Mas há ainda zumbidos vindo da floresta. Talvez mais do que antes. Geba e Algio se olham e aos dois caídos a quem fazem guarda. Os zumbidos aumentaram ainda mais. Agora, se eles atacarem...

Repentinamente os dois sentem o que sentiram antes, pela terceira vez. Caem com uma sensação de queima nos metais. Tudo fica escuro. Apenas para que, quando abrissem os olhos, eles pudessem contemplar, os quatro, as armaduras irradiando um brilho amarelo.

- O que... - Sim, eram mesmo os quatro, ali de pé.

- Nunca estive melhor. - Comenta Cristian. - Onde está meu bastão?

- Na floresta. - Geba responde, tentando colocar um ponto final.

- Mas... Tudo bem, é até melhor assim, sabia? Agora eu poderei lhe ensinar algumas técnicas...

- Não a mim...

- Algio! Ainda tens tua arma? É uma pena, mas... Essas armaduras fazem um zumbido estranho, não?

- Oh, não! - Só agora Geba e Algio se lembram dos seres que os vigiam da floresta. Eles se voltam rapidamente para aquela direção, ficando de costas para o mar infinito que os separa do continente. O esperado instante acontece. As criaturas tão estranhas deixam a floresta como um bando de ratos famintos.

Fome... Eis uma situação interessante. Por que eles atacam? Geralmente se ataca por fome ou medo. Se houvesse medo, o mais esperado era que fugissem, já que havia excelentes condições para isso. Quanto à fome, os monstros nem pareciam ter boca! Mesmo com essa cabida pergunta pairando no ar os heróis lutam. E se saem bem contra seus adversários tão estranhos, que não param de sair dentre as árvores.

Lob se concentra em algo que nenhum de seus companheiros vê. Algo sobrenatural, o fogo talvez, mas em sua mais sublime forma. Golpeando com seu braço, fazendo com a mão um gesto estranho, ele faz se fazer uma bola de fogo, que segue derrubando todos os inimigos que encontra no caminho até a floresta. Termina por incendiar as árvores mais externas.

Nota-se que certa insegurança percorre o grupo. Claro, pois eles não esqueceram o fato ocorrido pouco antes de encontrarem a saída para aquele inferno verde. Nos monstros alaranjados que a bola de fogo atinge, pode-se ver pequenas chamas a queimar sobre eles. Chamas verdes originadas pela bola de fogo avermelhada. Elas liberam um odor quase insuportável.

- Lob?

- Estou bem.

Sua armadura mantém o mesmo brilho de antes, e os monstros começam a se olhar e fazer daqueles ruídos estranhos. De brusco eles correm de volta à floresta, esbarrando com outros, da mesma espécie, que já vinham em sentido contrário. Eles se mostram confusos, pouco antes de correrem de volta ao seu nicho, junto com seus aliados.

- Vão brincar com fogo! - Cristian olha um pouco a floresta, voltando-se depois para os companheiros. - Alguém pode me dizer o que está havendo?

- Quando chegamos, Uryef estava ali. Então, uma ne...

- Uryef se foi.

- Como!?!

- Eu ia chegar nesse ponto, mas Geba cortou caminho... Ele se foi mesmo. Está vendo aquela estrela?

- Aquela de brilho intenso?

- Ela mesmo. É Uryef.

Algio explica toda a história, narrando a cena que Cristian e Lob não assistiram. Eles caminham com serenidade até a beira do penhasco. De lá, eles contemplam o imenso oceano, iluminado por uma cintilante Lua e pelas estrelas, comandadas por Uryef.

- Como a gente volta?

- Não sei, Cristian... Não sei.

- Como vocês estão se sentindo?

- De que falas?

- Não sei quanto a vocês, mas eu estou me sentindo um tanto estranho... Acho que é essa ilha.

Lob abandona o grupo, indo em direção à floresta. Ao alcançar as criaturas contra as quais há pouco travaram combate, as que foram derrotadas e ali mesmo pereceram, ele se abaixa. É verde a luz irradiada por seus ferimentos, embora esteja mais fraca que antes. Nada sabem eles sobre os monstros de tabletes, mas é como se tivessem luz como sangue...

Enquanto Lob contempla os corpos jogados de seus últimos adversários, Algio se encontra sentado nos enormes rochedos, a admirar a paisagem. Por sua mente passam as imagens dos combates que ocorreram na floresta, na forma de um maluco e desordenado flashback.

Cristian e Geba, ainda de pé, vêem os dois distantes e igualmente distraídos. Com um olhar Geba mostra que teme o mesmo que Cristian.

- Vai demorar.

Dois extremos. Lob se aprofunda cada vez mais na floresta. Enquanto vê o corpo inerte daquela estranha criatura, sua mente imagina quantas e quão diversas outras não de existir nesse lugar inabitável.

Agora Algio atravessa o imenso mar para se ver no continente. Ele vê aquelas pessoas alegres caminhando nas cidades, sempre felizes, quase dançando. As crianças a brincar nas ruas, pessoas trabalhando a cantar seus hinos. Ele vê todo o feliz movimento e, do outro lado, dois olhos frios a observar tudo.

Cristian sabe bem o que ocorreu, o sufoco que todos viveram, as lutas, as perdas... Por isso, ao invés de interromper os pensamentos dos seus amigos, também guerreiros e também abalados, o guerreiro se senta e começa a pensar em uma forma de saírem de lá. Da tal ilha tão distante de seus mundos, de seus objetivos, deles mesmos.

"Nadar está totalmente fora de questão. Nós mal nadamos e, além do mais, o que poderemos encontrar no caminho? Não... Podíamos fazer algo que não afundasse, mas... Esquece, é impossível... Poderíamos usar nosso poder mágico para evaporar todo o oceano! Daí bastaria corrermos. Não é uma idéia magnífica? Pena não sermos magos de verdade, só Uryef conseguiria fazer isso... Por que ele se foi?"

- Estou com fome. Vamos comer alguma coisa.

- Mas Geba? Nós já comemos!

- Faz tempo. Ainda estava anoitecendo. Agora é noite andada.

- Tens razão. Lob, Algio? Cuidado!

Um ensurdecedor estrondo arremessa algumas árvores inteiras a alguns metros e faz surgir, de dentro da floresta, um ser desconhecido por todos os quatro. De quatro patas, com um couro grosso e quase preto. Seus olhos mostram fúria e seu nariz termina em um cume aparentemente perigoso. Lob vira a cabeça: em menos de um segundo já entende tudo o que se passa. Lob sim, mas Algio continua distraído. O ser se coloca em posição de ataque.

Com um olhar Geba percebe. Lob já saltou de lado, desviando o corpo do caminho do monstro, que mais parece um inseto que cresceu demais. O monstro vem com velocidade. Cristian já deixou o lugar em direção a Algio. Enquanto Geba é derrubado por tentar impedir o avanço do repentino inimigo, Cristian alcança Algio. Aos gritos que, junto ao barulho da fera tornam a cena muda, ele tenta mostrar ao distraído herói que...

- Cuidado!

- Cristian!

É tarde. O monstro os alcançou. Com um empurrão Cristian conseguiu garantir a segurança de Algio, mas o chifre o atinge, com todo o corpo da fera, que vinha tão veloz que seria impossível parar e se salvar do precipício.

O que ocorre, então, é que os dois caem n'água. Aquele monstro enorme - pouco mais alto que um humano mediano, porém quadrúpede. Os três outros guerreiros correm para perto da queda. Só se vê os lugares onde caíram: nada deles dois.

- Por aqui! - Geba aponta para uma região de menos difícil descida. Os três seguem com pressa pelo caminho indicado. Com alguma dificuldade, afinal não era uma escada, eles chegam a uma praia repleta de pedras, que brilham fracamente à luz da Lua, adquirindo um tom quase igualmente brilhante. Quase devido aos musgos, que as tornam também um tanto escorregadias.

Caíndo, ou quase, algumas vezes, eles chegam a um ponto onde resolvem parar. De lá procuram ver os dois que caíram, ou só Cristian. O importante era encontrarem seu companheiro, mas não havia sinal de nenhum dos dois. Somente viam ondas que quebravam um pouco adiante, de cujas águas vinham encontrar-lhes os pés. As espumas são muitas mas, dentre tanto branco na água eles notam algo que não é natural. No mínimo, não era esperado. Algumas bolhas na água, podendo como se algo fervesse em pleno mar. Repentinamente - palavra esta muito mais longa que sua mensagem -, a água explode num arremesso. O tal monstro voa alguns metros, enquanto se contorce violentamente, talvez de dor, talvez de pavor por estar nas alturas, como acontece com os quadrúpedes em geral.

Ele cai no mesmo rochedo de onde saltara empurrando Cristian. Não se move mais. Quando a água parece prestes a normalizar, eis que ressurgem o guerreiro.

- Toma! Seu nariz de chifre! - Sua aparência é péssima. Sem fala, os três vêem-no começar a nadar em direção à praia de pedras. Assim que percebe que ele não conseguirá alcançá-los, Algio salta em resgate. Em algum tempo, os dois estão de volta.

- Cristian?

- Eu... Estou bem. - Sua armadura diminuíra o brilho.

- Algio?

- O contato com a água me enfraqueceu bastante.

- Como? O que dizes?

- É isso mesmo que ouviste. Sinceramente, Cristian, como conseguiste ficar submerso tanto tempo?

Num sorriso orgulhoso sob aquelas dores que sentia, Cristian

mostrava como aquilo lhe tocara. Sentia-se feliz por ser genial.

- Somos guerreiros do fogo, não?

- Como?

- Para nós, nada é impossível.

- Não és claro.

- Usei o poder do fogo pra me afastar da água. Fui o bastante agora? Olhem: nosso transporte chegou.

Cristian aponta para cima. Durante todo o tempo se manteve sentado. Os três olham o que ele vira: três novas criaturas apareciam voando.

Eram compridos, com seis patas e quatro asas finas e estreitas. Eram mais ou menos como larvas voadoras. Não se pode ver muito bem, quão rápido vinham, mas seus olhos pareciam ser verdes, combinando com os seus corpos, que tinham o aspecto de troncos ressecados. Insetos grandes, estimaria em dois metros. Eles voam. Em um segundo Algio, Lob e Geba se olham. Geba procura pedras enquanto Algio e Lob escalam o lugar. Geba dispara pedras contra as criaturas voadoras, e elas aceitam o desafio.

- Geba! Não as machuque!

E ele se vê atacado por três monstrinhos. Com o tempo ele descobre que nem tanto. Os únicos modos de ataque utilizados por eles são o de se jogar tentando uma cabeçada e com as patas finas. Nada tão difícil, para alguém como Geba, resistir a esses ataques.

Enquanto isso, Algio e Lob alcançam o alto. Lá encontram o animal abatido por Cristian. A uma certa distância do ser, porém perto da queda, eles olham Geba sendo atacado e tendo que defender Cristian.

- Vamos logo com isso! - Geba grita ao perceber que já chegam.

- Algio... - Lob toca seu ombro enquanto aponta a floresta.

- Oh, não...

Geba olha pra cima e vê que não pularam, ao contrário, recuaram. Resmungando ele tenta imaginar o que está acontecendo. Mais problemas, nem mais, nem menos.

- Cristian!

- Oi! Estou me sentindo fraco mas consigo ficar de pé.

Ele caminha um pouco em direção às pedras, mas é atacado pelas costas por um daqueles seres alados e cai, apoiando-se sobre o braço.

- O que falta agora?! - o céu começa a escurecer. As nuvens cobrem a luz da Lua, filtrando e a reduzindo a poucos raios.

Cristian espera por algum tempo novo ataque, mas não vem. Então ele se arrasta sobre as pedras escorregadias até alcançar a parede. Lá ele se encosta e fica a ver a cena. Geba se vira contra as três borboletas gigantes.

"Queria poder ajudar, mas mal consigo me locomover... O que ele está fazendo!?"

Em meio às trevas repentinas, pode-se ver a luz que emana da armadura de Geba, e tudo o que há por perto. E Cristian, com sua armadura em brilho reduzido, vê seu amigo tentando pegar um desses insetos. O espectador percebe o que o parceiro vai tentar, afinal a idéia foi sua. Ele vai tentar montar a criatura.

Enquanto isso, lá em cima...

- É ele mesmo?

- Sim, é ele.

- ...tarturaco...

Aquela estranha criatura reaparecia diante deles. Perto do "nariz de chifre" parece bem mais forte, mesmo sendo um pouco menor. Ela está lá, caminhando com passos curtos e confiantes de suas patas de cavalo e sapo. Num urro deixa claro a que veio: quer vingança.

- Então é no pescoço... Vamos até ele ou ficamos perto demais desse abismo...

- Concordo.

A luz verde da Lua ilumina um urro assustador, que sai de um jacaré com corpo de tartaruga e reafirma o silêncio da floresta.

Geba e Cristian ouvem o berro de onde estão, próximo ao mar. O guerreiro reservado finalmente consegue pegar um dos "transportes", os outros fogem só de ouvirem o grito do monstro misturado.

- Aagh! - Geba cai do bicho, que parte para se juntar ao grupo, que se afasta rápido.

- Geba! Que houve!

- Isso queima!

- Aquele bichinho?

- É, aquilo!

- Não pode ser, nem o fogo nos queima!

- Mas o "bichinho" queimou.

- Deve ser outra coisa. Sei lá, ácido...

- ?cido, fogo, pra mim é tudo a mesma coisa, e lembre que a idéia foi sua.

- É, eu lembro sim... Como estás depois do... Fogo, ou ácido?

- Sinto-me como antes.

- Não prejudicou em nada?

- Não. Como antes dessa armadura! Agora, licença que vou ajudar Algio e Lob que seu amigo voltou e você só sabe dar palpite errado.

- Desculpa, tá? Eu não sabia que aquela tripa com asas queimava o fogo. Se eu estivesse bem, "eu" teria tentado.

Geba já não dá mais atenção às desculpas de Cristian. Seu jeito convencido e tagarela sempre o incomodou. Não que estivesse com raiva de Cristian, ou que já houvessem brigado alguma vez, mas tal inafinidade dava margem a essas discussões. Escalando o caminho já escalado pelos outros dois, Geba chega e vê a cena. Lob e Algio lutam com fúria, mas parecem apanhar mais do que bater.

As nuvens descobrem a Lua, que passa a iluminar com maior clareza o corpo da bizarra criatura e seu olhar de morte. Geba corre em direção a ela, mas o ser não se deixa pegar de surpresa. Voltando-se para o terceiro lutador com quase a mesma velocidade com que este vinha, o Tarturaco - nome dado por Cristian no outro encontro - morde o agressor. Felizmente, Geba sofre alguns cortes apenas, devido à armadura.

Aproveitando a ocasião, Algio se aproxima rapidamente por trás do ser. Seu objetivo é chegar ao pescoço: já conhecido ponto fraco. Mas seu plano é frustrado por um coice violento de enormes patas de sapo. Algio é arremessado para a entrada da floresta.

"Por que está tão difícil agora? Sem essas armaduras, Cristian havia dado o último golpe, e ferido. Vencemos sem elas. Agora, com elas, não conseguimos mais. Será que Cristian faz tanta falta assim à equipe? As armaduras não são o problema... Eu, pessoalmente, sinto-me mais forte com ela... Ah, Uryef! Se

## Os Guerreiros do Fogo

estivesse aqui saberias o que fazer... Não o conhecemos por muito tempo, mas além disso ouvimos as lendas a seu respeito... Mestre Fuolha... Que conselho havia de nos dar nessa hora?"

Algio se levanta e volta ao combate.

- O fogo!
- Que tem o fogo, Lob?
- Agora que estamos sem armas, não somos nada sem o fogo.
- E como se faz?
- Basta senti-lo fluir por seu corpo!

Algio se concentra um pouco. Em algumas pessoas, lugares e, finalmente, tenta visualizar o fogo. Feito isso ele pensa na espada e a vê em chamas. Chamas amarelas como o brilho de sua armadura.

- Tarturço! Isso é por Cristian! Por Lob! Por Geba! Por mim! Por quem mais quer que seja!

Ele parte contra o monstro. E agora a luta parece equilibrada.

- Geba, consegue acertar uma pedra?
- Onde?
- No casco daquilo.
- Claro!
- Digo, dentro.
- Não sei. Talvez. - Geba pega uma pedra.
- Espere... Agora!

No instante em que Geba arremessa a pedra, ela vira uma bola de fogo pela influência de Lob. Com sorte, ela acerta precisamente o lugar desejado. O ser híbrido se contorce e salta, rodopiando, enquanto Algio fita os dois colegas com ar de reprovação. Não conseguindo se livrar da dor, o Tarturço salta tentando alcançar a floresta. Tamanho é o desespero que demora pra se aproximar dela, e cai. Seu suspiro termina antes que consiga tocar as plantas da floresta viva uma derradeira vez.

- Por que fizeram isso? - Algio pergunta à dupla. Parece furioso e o gume de sua espada, ainda em chamas, adquire coloração vermelha.

Geba e Lob se olham um pouco, até que Lob encontra uma resposta.

- Pra você se livrar mais rápido daquele bicho. Não temos muito tempo a perder.

Após visá-los por um tempo mais, Algio finalmente se conforma. Sua espada volta ao estado normal.

- E como vamos?
- Não sei, mas temos que nos alimentar. Certo, Geba? - Geba confirma com a cabeça.
- Certo.
- Sobrou muito daqueles tigres?
- Não, mas tem aquele outro bicho que matamos há pouco.
- Certo, e cadê Cristian?

Os três se dirigem à beira dos rochedos e de lá avistam seu aliado, encostado nas pedras, sentado a atirar detritos ao mar.

- Pensei que não se importassem...
- Não te preocupes. Vamos resgatá-lo. Lob?

Algio e Lob descem pelo mesmo caminho enquanto Geba toca as tábuas secas e, no mesmo instante em que elas pegam fogo,

os quatro, embora não juntos, sentem o corpo formigar. Não caem, como das outras vezes, mas sabem o que está havendo. É uma nova mudança em seus artefatos mágicos. Eles abrem os olhos e vêem o novo brilho branco de suas armaduras.

- Era isso! Faltava a última evolução! Agora podemos partir!
- E o jantar?
- Tens razão... Será uma viagem longa.
- Pareces já saber exatamente o que fazer, Cristian...
- Tenho uma idéia. Vamos comer e depois eu conto.

Os três sobem novamente. Cristian já está bom e ninguém tocou no assunto. Já haviam se habituado ao fato de que, depois de uma evolução espontânea por parte das armaduras, quem estava mal fica em bom estado. É como se tal evento resgatasse as forças.

Chegando ao topo, encontram Geba. Está feliz - vê-se claramente - atrás da fogueira.

- O que houve? Por que ri tanto?
- Fui eu.
- Parabéns! Você fez a fogueira! Ora, vamos...
- Não! Eu fiz as armaduras mudarem de cor.
- Como?
- É! Foi quando eu consegui fazer fogo mágico que a minha ficou branca!

- Mas, como pode?

- Cristian, até o momento Geba não havia usado as forças do fogo e...

- Você também não!
- Eu usei na luta contra ele.
- Olha só! É ele mesmo! O Tarturço apareceu de novo e nem me chamaram?

- Demos um jeito... - Algio olha Lob, como se estivesse decepcionado. - Quanto a Geba, acho que a mágica tinha potência na armadura dele e, quando ele usou, liberou essa força e fez todas as armaduras se transformarem. Que achas?

- Muito interessante, amigo. Estás aprendendo. Entretanto, discordo. Acho que as armaduras estavam esperando que nós tivéssemos experiência com o fogo mágico pra evoluírem. Quando ele usou - e só faltava mesmo o Geba -, puf!

- Vamos comer?
- Não, Cristian, ainda acho que...
- Vocês dois, temos pouco tempo!
- ...liberado quando Geba...
- Calem a boca! Parem de discutir com a mesma opinião e vamos comer!
- Não é a mesma opinião, Geba!
- Pra mim é.
- Você não difere uma árvore de um... bicho!
- Quem não difere é o besta do teu amigo aí.
- Parem todos os três! - Mais uma vez se mostra necessária a intervenção de Lob.

Então eles quatro se acalmam, sentam-se e começam a refeição que antecederá sua partida. Era objetivo deles começar com os restos do felino, mas resolveram provar antes da carne do animal derrubado por Cristian. Notando ser a carne deste mais

apreciável que a daquele, os quatro a esqueceram e fizeram a refeição somente com o "nariz-de-chifre".

- Interessante, não?
- O que que é interessante?
- Estamos aqui esse tempo todo e ninguém nos apareceu...
- Já está amanhecendo, não vês Cristian?
- É verdade, Lob! Eu também não havia percebido! Essas armaduras tornam nossa vista pouco sensível à luz.
- Que dizes?
- Outra discussão, não. Por favor...
- Tudo bem...
- Cristian, agora podes nos dizer qual o teu plano brilhante?
- Todos nós já sabemos usar o fogo. Vamos voando!
- Como! Estás louco?
- Nós não podemos voar!
- Calma. Voamos baixo.
- E se cairmos?
- O que mais podemos fazer pra deixar a ilha?
- Isso é loucura!
- Talvez, mas nós não temos escolha. Alguém tem outra idéia?

Os três se olham assustados. O único plano pra deixar Caji é talvez um plano suicida. Mas é de fato o único e eles se assustam mais, cada um torcendo para que alguém descubra uma outra saída enquanto tenta também encontrá-la.

- Foi o que pensei. Vamos, então. - Cristian caminha até bem perto do canto onde acaba o chão. De lá se pode ver o mar e o céu, quase azuis nesse amanhecer. - Vamos!

Lob respira fundo e caminha para o lado direito de Cristian. Mesmo que algo lhe diga que não há o que temer, por mais que lhe diga isso, Lob não consegue ficar tranqüilo, mas tem que ir.

Pouco depois é a vez de Algio optar por segui-los. E ele caminha até se posicionar à esquerda de Cristian. Mesmo receoso ainda, ele confia na esperteza de Cristian e nos instintos de Lob. Se os dois estão juntos, deve ser esse mesmo o caminho.

O tempo passa e Geba continua parado. Ele sempre temeu a magia. Simplesmente não confia nela. Há pouco tempo conseguiu sua primeira conquista nessa área, que foi diante dos galhos secos que acendeu. Seu coração não quer se entregar a uma força tão estranha e... indomável!

- Não quer ir?

Ele não responde. Já está quase certo quanto à resolução que tomou. Cala-se por ser tão vergonhoso para um guerreiro expor seus medos. Ao invés de falar, portanto, vira as costas e passa a ver a floresta.

Os três se olham, preocupados.

- Geba, amigo, sei o que estou fazendo. Não confias em mim? - Ele encara Cristian, com ar de "e daí?". Algio se aproxima.

- Vamos lá, Geba. Não há outro caminho. ...além do mais, não o deixaremos aqui abandonado. - Algio se abaixa próximo a ele e Geba coloca a mão em seu ombro. Olha-o e alguma coragem parece surgir de dentro de seu peito, mas o orgulho a afasta mais uma vez. Ele baixa a cabeça.

- Geba... - agora é Lob quem fala, e o ícone de força não encontra força em si para encarar o terceiro amigo. Não por ser quem é, este terceiro, mas por ter encarado dois e gasto suas forças. - Geba... Sei que tens medo, mas não te esqueças, meu amigo, que todos nós convivemos juntos desde muito tempo. Somos muito parecidos e compartilhamos desse medo que tens. Como pudeste te esquecer que somos humanos? Temos medo também e não precisas ter vergonha disso.

Geba ergue o rosto e o encara. Todos estão um tanto surpresos, afinal, não é do feitio de Lob falar tanto, mas falara muito bem.

- Mas... É diferente! Vocês podem ter medo, mas não se importam com ele. Eu... não consigo...

- Você sabe o que está havendo? - Cristian toma parte da conversa.

- O quê?

- Nós fomos escolhidos. Nós! Dentre tantos outros, exatamente nós! Nós fomos escolhidos por forças acima da nossa compreensão. Fomos escolhidos para algo grande! Você não vê? É como se tudo fosse um sonho! É só você se entregar às forças que tentam nos jogar no caminho do Monstro.

- Belo discurso, mas...

- Não desista! Iremos juntos, afinal, somos uma equipe. Vamos todos de mãos dadas.

Geba, juntamente com Algio e Lob, ri da infantilidade da idéia, mas no fim acaba gostando e decide tentar, pois é sua vida pela de toda Kairot. Caso fique ali, morrerá. Melhor morrer lutando que morrer parado.

- Tudo bem, você me convenceu. Vamos lá.

Os quatro caminham até o penúltimo passo. Geba, ainda um pouco receoso, mas feliz e disposto a acompanhá-los; Lob, esperando apenas o instante; Cristian, confiante e a alguns segundos de seu grito; e Algio fitando distraidamente o horizonte, ele que é o único que ainda traz consigo a arma.

Os quatro, dentro de suas armaduras brancas e tão brilhantes, dão-se as mãos. Um suspiro final.

- Agora!

Os quatro saltam para deixar a ilha que, tanto por seus monstros como por si só, fôra sua inimiga por tantas horas. Eles saltam, deixando as pedras que sustentam uma floresta tão singular. Vão na esperança de fazer da magia suas asas de fogo, o que os levará ao continente. Vão, e uma estrela do céu os abençoa.



Parte 5

Como aves, os quatro guerreiros do fogo abraçam o céu. Cristian grita "Fogo!", mas da mensagem resumida todos entendem "Concentrem-se no fogo! Façam suas armaduras explodirem em chamas!" Começam a cair quando Lob e Cristian atingem o que queriam. Suas armaduras inflamam e eles parecem tochas queimando horizontalmente. Mas isso não basta, eles continuam caindo. Algio consegue, muito perto das águas, sua propulsão, mas eles caem mesmo. Por um instante Cristian pensa "Que idéia estúpida! Vou acabar matando a nós todos!", mas logo vê o que está havendo. Voar eles não voam, mas não afundam. Suas armaduras evaporam a água e os impulsionam para a frente. Ou seja, eles vão numa espécie de semi-vôo. Exceto um deles.

- Aaagh! - Geba, segurando firmemente a mão de Lob, desliza sobre a água, já que sua armadura é a única que ainda não inflamou.

- Geba! Resista!

- Concentre-se no fogo!

- Não consigo! Aaargh!

- Solta-me, Cristian. - Algio tentava se libertar do grupo. Cristian, preocupado com Geba, não percebera, até ser avisado formalmente. Então, ele o solta.

Algio reduz um pouco a velocidade e se desloca em direção ao seu amigo que se choca constantemente com as águas. Passa por trás de Cristian, de...

- Geba!

Ele simplesmente caiu!

- Não pude segurá-lo!

- Vamos voltar!

- Sabe como?

- Damos um jeito! Não podemos deixá-lo!

Lob fecha os olhos e baixa a cabeça. Eles percebem exatamente o que está acontecendo: Geba se foi. E é impossível encontrá-lo. Uma verdade dolorosa que não precisa ser dita.

Algio se aproxima de Lob. Os três estão um pouco mais devagar que antes, mas suas armaduras ainda evaporam a água antes que esta os toque, conferindo-lhes uma velocidade incrível.

- Não acredito no que estamos fazendo!

Algio tenta se afastar, mas Cristian lhe prende o braço.

- Não podes ir.

- Por que não? Devo deixar Geba?

- Qualquer de nós que pare será engolido pelo mar.

- Não importa!

- Ainda não sabemos controlar esse... esse vôo. Além disso não sabemos o quanto nossas armaduras vão resistir. Lembra que essa tal magia gasta?

Algio olha para trás e vê apenas uma fumaça branca da água que evaporam. Geba era calado, às vezes desagradável, mas era um excelente amigo... E quanto à sua brutalidade, até que tinha melhorado um pouco. O mais triste é lembrar que ele não queria

vir.

- Cristian, vou voltar!

- Não! A vida dos "Guerreiros de Fogo" é mais importante que a de qualquer um de nós.

- E daí? Vou voltar para resgatá-lo. - nesse instante, Algio finalmente consegue se soltar de Cristian.

- Não precisa.

É Geba quem ressurge de trás deles. Sua armadura está em chamas, como a dos três outros.

- Você está bem, Geba? Desculpa não...

- Algio, você é um amigo de verdade. Desculpo sim. Você que é amigo, ao contrário de outros dois...

- Calma, Geba.

- Nós não sabemos nos guiar direito.

- E eu? Sabia o quê?

- Nós quatro poderíamos ter morrido se voltássemos.

- Não. Eu poderia ter morrido. Quatro não, pois seriam quatro.

- Se acontecer algo comigo, algo assim, não quero que voltem.

- Olha que vou lembrar.

Os dois continuam calados Nitidamente se nota que estão arrependidos. Deviam mesmo ter voltado, mas tudo está bem agora. Os quatro estão juntos.

- Geba, bom que estejas bem.

Este responde com um sorriso modesto, tentando vencer, ou esconder, a raiva que sente ainda dos dois que o abandonaram.

- Por que demorou? Digo, foi difícil?

- Tive que beber um bocado de água pra conseguir...

- E nos achar?

- Foi fácil. Vocês deixam esse rastro de fumaça!

O Sol já era visível, alguns passos acima do horizonte. Seu brilho refletia na água, que exibia, orgulhosa e agitada, um branco, um azul e um dourado. Quatro figuras distorcidas voavam baixo a uma velocidade impressionante, deixando um rastro de vapor que, supõe-se, poderia ser visto da Lua. Os mares que cercam Kairot sempre foram relativamente calmos. Raramente se encontrava criaturas realmente perigosas. Isso garantia uma viagem das mais tranquilas.

O céu se mostra quase que completamente azul. As nuvens à vista são frágeis e poucas, e pouco a pouco o arquipélago de Cagi vai ficando pra trás.

Cristian olha para Lob, este permanece concentrado, guiando o grupo. Mais uma vez ele os guia rumo a um destino ansioso por todos. Seu olhar deixa Lob e volta a fixar o infinito. Buscava uma opinião sobre o que se passara, mas não a alcançou. Embora tenha gostado dos seus argumentos na discussão com Geba, está arrependido e, se aquela cena se repetisse, agiria de forma

totalmente diversa. Lob permanece insondável, fixo em seu objetivo.

- Estás melhor?
- Como, Geba?
- Lá na floresta, ficaste meio doido algumas vezes...
- Sei... Estou melhor sim, obrigado.
- Não parece tão bem...
- Não estás com raiva de Cristian e Lob, estás?
- Um pouco, mas vai passar.
- Bom...
- Lembrei o mestre.
- O quê? Aquilo da união que existe entre nós quatro?
- Não, acho que vocês nem lembram... Ele disse uma vez que o perdão pronto incentiva mais erros.
- Por isso te mostraste tão frustrado!
- Não diga a eles...
- Claro que não direi. Geba, amigo, quem te vê tão bruto nem imagina a sabedoria que ocultas.

Sem graça com o elogio, Geba agradece. De repente, Cristian começa a cantar.

É uma canção que fala de uma aldeã que foi engolida pelo mar e todos os dias seu amado se sentava nas areias da praia na esperança de encontrá-la. É uma bela canção popular, que fala de água, mar, conchas, estrelas... Para Algio, só dizia o nome de uma pessoa.

- Cristian, pare! Não devia cantar "essa" música.

Ele se volta para Geba, sério ao lado de Algio.

- Desculpa, Algio. Não queria... - "É a segunda vez que machuco alguém sem querer. Acabei fazendo Algio se lembrar de sua namoradinha com essa canção triste. Será possível! Tudo o que eu faço dá errado!"

Vendo Cristian tão abalado pelas próprias ações, Geba resolve assumir a posição de confiante.

- Algio, não te preocupes! Ela será vingada! Venceremos o monstro!

Ele ergue o rosto para fitar a alegria forçada no rosto de Geba. Ela não é suficiente para lhe extrair um sorriso. Mesmo com o esforço que Geba fez, nem por ter sido ele ao invés de Cristian.

- Não me diga que tem medo de não conseguir...
- Não, tenho medo de vencer.

A afirmação surpreende Geba. Cristian e Lob permanecem sérios lá na frente. Uma lágrima corre pelo rosto do triste guerreiro, e ele começa a cantar a música introduzida por Cristian, com voz lastimosa.

Um guerreiro que luta para resgatar sua amada, prisioneira do inimigo, tem todas as forças do mundo ao seu lado. Há um prêmio maior que tudo no mundo a lhe ser entregue caso vença. Quando a musa é morta, entretanto... A satisfação com a vingança não é um prêmio digno, tampouco vai corrigir as atrocidades movidas pelo inimigo.

Com os olhos inundados de lágrimas, o guerreiro canta. Logo Cristian o acompanha, e depois os outros, no mesmo tom trágico.

Seguem sobrevoando o mar como flechas, o coro tão triste invocando a linda aldeã tragada pelo mar. O mar... O mar dobraria em águas ainda mais salgadas pela compaixão das criaturas d'água. E a aldeã Estrela, dita Estrela do mar, sorriria sob o próprio choro. Não de alegria, mas de enternecimento. E partiria em busca daquela outra aldeã que provocava tanta dor em quem deixou...

A canção, com seu poder inexplicável, que transcende o da própria magia, lava suas almas. Algo mais que bem-vindo depois daquela floresta.

E até a floresta se comoveria e faria brotar, em seu seio, algumas flores, mas eles já estão muito longe. ...eles chegaram a Kairot.

Parte 6

Cantando, eles avistam os rochedos que preenchem essa região do continente. Apesar de o Sol estar já bem alto, a temperatura não é tão boa. Não é fria, mas chega perto. E daí, os quatro têm a proteção térmica de suas armaduras!

- Tens certeza de que é aqui? - Cristian pergunta a Lob, enquanto os quatro perdem a propulsão antes de atingirem as pedras.

- Não reconhece sua terra?

- Minha terra é Motron.

- Motron acabou.

- Eu sei! Geba, desculpa ter te deixado. O poder e a causa me cegaram. Não tinha o direito de esquecer o que fomos.

- Tudo bem.

Eles sobem as paredes que os separam do caminho. Caminho este que os levará a...

- Aonde vamos agora?

- Ver o nosso "amigo"?

- Ei! Parados!

- Quê?

- Sabia que chegávamos a Kairot.

- Calem-se!

Eles olham e vêem um homem vestido com camisas e calças cobrindo todos os membros. Ele tem um chapéu engraçado, de pano, na forma de um cone, e segura uma espada.

- Desarmem-se!

- Não estamos...

Ele aponta hostilmente a arma para Algio. Sua espada estava engatada na armadura, no seu lado esquerdo. O próprio guerreiro se esquecera de que ainda a tinha.

- Certo. - Ele tira e a joga no chão.

- Não vamos nos submeter...

- Quietos! - Ele apanha a espada com a outra mão. - Agora dêem dez passos naquela direção.

- E se eu não quiser?

O esquentado habitante mostra os dentes, segurando com força as duas espadas, numa expressão de raiva.

- Vamos, Cristian... - Algio o arrasta e os quatro cumprem a ordem.

- Tudo bem... Agora virem de costas. Nunca se esqueçam: vocês foram atacados por Uthokrolha, o terror do Sul!

- Mas que... - Geba se vira e vê o indivíduo correndo por entre as árvores. - Ei! Espera aí.

Ele parte em disparada. Os três ao perceberem que o do chapéu verde verde fugia, correm também.

Adentrando a floresta - uma floresta normal dessa vez, pelo menos uma floresta como conhecem -, Geba, Algio, Cristian e Lob perseguem o ladrão que se diz "o terror do Sul". Com velocidade

apesar das armaduras, pois são incrivelmente leves. Em pouco tempo Geba e Lob cercam o fugitivo, correndo paralelamente.

- Entregue-se!

Ele responde, ainda a correr, erguendo as duas espadas.

Juntando as mãos enquanto corre, Geba faz uma pequena bola de fogo, que arremessa contra o vil logo em seguida. Com um grito, cai e é cercado pelos quatro. Já sem as armas, que foram prontamente tomadas por Algio, ele se vê sem saída.

- Vocês são loucos! Quase que aquele troço machuca alguém!

- Quem é você?

- Suas roupas brilham?!

- Não está em posição de fazer perguntas.

- Certo, meu nome é Uthokrolha.

- Quê?

- Por que tentou nos roubar?

- Ah, foi só brincadeira! Eu ia devolver depois!

Os quatro se olham.

- Ei! As armaduras não brilham mais!

- Brilham, seu... - Interrompendo, o golpista pára ao ser ameaçado por Geba. - Foi o que disse!

- Ele tem razão, ainda brilham. Mas o brilho quase acabou.

- Talvez esteja se estabilizando, chegando a um ponto definitivo.

- É, talvez...

- Ei! Vocês são vaga-lumes ou o quê?

- Cuidado com o que fala com os Guerreiros do Fogo!

- "Do Fogo"?! Ha!

- Estás nos ridicularizando?

- De modo algum! Do Fogo, então. Em que posso servir tão supremas autoridades?

- Sabe onde fica a cidade mais próxima?

- Claro! Conheço a região toda. Sei também...

- Tudo bem, levante-se. Vai nos levar lá.

Ele se levanta e sacode os braços, como se não encontrasse palavras pra agradecer.

- Vamos logo, Utho.

- Meu nome é Uthokrolha, "Guerreiro do Fogo".

Cristian lhe mostra o punho, em ameaça.

- ...mas se não gostou, pode me chamar de Utho mesmo, "Guerreiro do Fogo".

- Se vamos ficar tanto tempo juntos, Utho, é bom começar a nos chamar pelo nome. O meu é Algio, este é Cristian e aqueles são Geba e Lob.

## Os Guerreiros do Fogo

- Oh, é um imenso prazer.  
- Agora... Que história era aquela de o "Terror do Sul"?  
- Já disse que era uma piada.  
- Você é um fracasso.  
- Não sou não! Ainda serei um homem temido! Acontece que vocês são ligados com o fogo, e eu...

Enquanto prossegue o diálogo entre Algio e Utho, Lob chama Cristian pra lhe falar reservadamente.

- Podemos confiar nele?  
- Claro, Lob! É um covarde! Se o mandássemos amarrar os próprios pés no topo daquela árvore, ele daria um jeito de fazê-lo!  
- E se ele estiver nos levando a uma armadilha?  
- Não está. Ele sabe que se fizer uma besteira dessas perde a cabeça. Pode deixar, eu me responsabilizo. Mas se quiser, pode ficar de olho.

Eles seguem pelos passos do estranho. Algio ainda conversa com ele e logo Cristian toma parte no diálogo. Eles falam sobre a existência de ambos e descobre-se que Utho vive sozinho na região. O Sol alcança seu pice e eles param, pois precisam se alimentar. Lob se prontifica para a caça. A região é um tanto fria e eles não estão acostumados a ela, entretanto, conhecemos Lob: seus instintos o guiam com precisão. Ele encontra sua presa. Com a espada cedida por Algio, ele a abate, levando-a em seguida ao grupo, que já espera com a fogueira pronta. Eles rasgam a carne e começam o ritual de sempre.

- Você vive sozinho... Não tem medo do monstro? - Cristian pergunta. Instantaneamente, a face de Utho adquire uma expressão séria. Até o momento não haviam falado nisso. Era como se estivessem em um outro lugar, sem monstro. É como se a pergunta lhe trouxesse tudo aquilo que Utho tentava esconder de si mesmo.

- O monstro... Em todo lugar, todos só falam nele. Todos o temem e se juntam pra se proteger. Nunca dá certo...

- Se todos se juntam, por que não o fazes?  
- É o que "ele" quer. Só pode atacar um lugar por noite. Quanto mais pessoas houver juntas, melhor para ele.

- Faz sentido...  
- Além do mais, o monstro não deve se importar comigo. Não faz sentido perder uma noite de trabalho, se ele só ataca uma vez a cada semana. Deixar de matar muitos pra se importar com um inútil como eu...

- Já falou sobre isso com eles?  
- Sobre o quê?  
- Se separarem!  
- Com quem? Com os authistas? Já falei sobre isso numa praça de Authu. Ninguém levou a sério.

Eles terminavam a refeição quando se calaram. Mesmo prontos pra partir, pouco depois, eles permaneceram sentados em círculo.

- Como ele é?  
- Ninguém sabe. Ninguém nunca o viu. Quem viu, não sobreviveu. Acharmos que deva ter dentes de gelo, chifres, garras e presas de gelo em um corpo de pedra. Deve ser horrível.

Eles param um pouco, pensativos, como se cada frase fosse muita informação para um só gole.

- E vocês? Quem são, afinal? Disseram-se os "Guerreiros do

Fogo", mas isso significa muito pouco para mim.

- Somos os que matarão o monstro.  
Mais uma vez, um ligeiro silêncio, e um tênue sorriso melancólico brota no rosto de Uthokrolha.  
- Como vocês dizem que vão matar o monstro, se nem as lendas dizem que pode ser morto?  
- Nós vamos matá-lo sim. O próprio Fogo nos escolheu.  
- "O Fogo"? Vocês deviam procurar Uryef. Ele os faria acordar.  
- Uryef nos procurou.  
- Como?  
- Ele nos conduziu até o arquipélago Cagi, onde encontramos estas armaduras.

- Ah, é claro! E vocês venceram um monte de criaturas esquisitas até encontrar as armaduras, não é? Aposto que estavam numa caverna!

- Ei, como adivinhou?  
- Aagrr! - Utho se ergue e caminha com raiva na direção que seguiam antes.

- Cristian, ele não acredita.  
- Sério? Ora...  
Todos se levantam e vão atrás dele. Algio, o último, apaga a fogueira.

- Ele é mesmo confiável? - Geba pergunta a Cristian.  
Claro, deixa comigo! - pouco depois, alcançando o guia, - Você já viu alguém fazer o que nós fizemos?

- O quê? Aquelas faíscas?! Aquilo é uma besteira que qualquer mago do fogo pode fazer.

- E as armaduras?  
- Mais um truque barato.  
- Muito bem, senhor Uthokrolha. - Cristian põe a mão em seu ombro, fazendo-o parar e se virar para ele. -, o que me diz disto?

Concentrando-se à exaustão, Cristian ergue o braço. Ao seu redor, partículas de fogo flutuam até se juntarem, formando um bastão de fogo, suspenso por Cristian. O bastão irradia luzes que banham esse lado da floresta. Utho, de tão assustado, cai no chão e permanece a contemplar o que vê. Cristian ergue seu bastão de fogo, que se comporta como uma coluna de fogo manejável, e o aponta para o impressionado espectador. Após um segundo, o tal bastão explode em pequenas bolas de fogo que, como neve, descem suavemente até o chão.

- O que dizes agora?  
- Tudo bem, tudo bem, não discuto mais com vocês. - Ele retoma o caminho. Nota-se claramente que a cena o espantou, porém, não tanto quanto Cristian esperava.

- Ele ainda não acredita em nós... - Algio comenta, em voz baixa, com Cristian. Após refletir um pouco, este se dirige a Utho.

- Por quê?  
Uthokrolha encara Cristian e lê em seus olhos o restante da pergunta. Sua falta de esperanças é um punhal e ele sabe disso. Após um tempo de meditação, ele ergue a voz ao alcance dos quatro heróis.

- Quanto poder é necessário para apagar o Sol?

## Os Guerreiros do Fogo

- Que queres dizer?  
- Vocês estão muito confiantes quando desconhecem seu inimigo. Julgam que o poder que acumularam é bastante, mas quem o avaliou?

- Não entendo...

Eles se calam por alguns instantes, pausando o diálogo que ocorria entre Cristian e Utho.

- Você queria ser um de nós, não é? - Cristian finalmente pergunta.

- Não... Vocês são as pessoas certas... Eu não conseguiria vencer...

Uthokrolha se vira e continua a caminhada, seguido pelos quatro guerreiros. Ninguém fala nada após o incidente. Pelo menos dessa vez há o barulho da floresta: os animais, o vento balançando as folhas... Numa viagem tranqüila eles são pegos pela noite. Se viram para cuidar do jantar e do acampamento. Reúnem-se, pois, quando tudo está pronto, ao redor de uma fogueira. Não podia ser muito diferente...

Também o jantar segue sob um estranho silêncio, no que diz respeito aos cinco. Um gelo que já vem do dia e ainda não passara.

- Ora, vamos... Por que ninguém fala nada? - Cristian tenta quebrar o silêncio.

- Por que não descobre sozinho, Cristian?

- Por que a hostilidade? Quer dizer então, Algio, que ficaste calado esse tempo todo para enfim me agredir?

- Desculpa.

- Tudo bem, mas acho que estamos muito sombrios...

- A culpa é minha, e eu que tenho que me desculpar.

Eles atentam para as palavras de Uthokrolha.

- Eu não sei nem o que digo... Me sinto tão culpado! Não devia ter dito aquilo...

- Você disse aquilo pra se defender... Eu havia falado do monstro. Antes disso, você parecia tão...

- É... Mas eu que tentava me enganar que o monstro não existia.

- Tudo bem, tudo bem. - Algio entra na conversa, ele que já começava a se divertir com a polêmica. - Eu sou o culpado e acaba a discussão.

Os dois começam a rir e em pouco tempo tudo parece ter voltado ao normal ou, pelo menos, a tristeza coletiva acaba. O debate virara uma brincadeira e terminaram achando por bem dividirem a culpa entre eles. Enfim, havia sido esse caso daqueles em que não há um culpado. Fôra um incidente e, por assim ser, não tinha causador voluntário, a não ser que se procurasse um bode espiatório. Pelo menos tudo parecia resolvido e eles jantam.

- Vocês podiam dizer exatamente o que aconteceu.

- Claro! A gente chegou lá no canto que a gente estava - onde você nos achou...

- Cristian, não é melhor contar do início?

- É... Verdade... Tudo bem, conto desde o começo. Eu nasci em Degoz mas, aos oito consegui convencer os meus pais a me deixarem me tornar um guerreiro...

- Você chegou a Motron com oito anos?

- Não! Cheguei com nove! Nunca contei?

- Não...

- Contou, mas faz tempo.

- Fui o primeiro a chegar... Aí conheci o mestre Fuolha e fiquei morando em sua casa por uns tempos. Lembro que no dia seguinte...

- Tá, tá... Pode pular essa parte.

- Você não pediu pra eu contar do começo?

- Do começo do que importa, não a sua história.

- O que querem que eu conte, afinal?

- Nada! Só quero que cale a boca pra eu ver se consigo dormir!

- Irritado ele, não?

- É, "Otho", este é o Geba de sempre... Mas me permita continuar o que estava dizendo... Nós sempre treinávamos a arte da guerra...

- Com esse mestre Fuolha?

- Não... Infelizmente ele está morto.

- Desculpe-me. Prossiga.

- Nós sempre treinávamos até que uma noite voltamos a Motron e encontramos tudo destruído. Todos haviam sido assassinados pelo monstro.

- Motron? Onde fica?

- Agora, em lugar nenhum. A cidade havia acabado e decidimos partir dali. Não sabíamos ainda se procurávamos o monstro pra nos vingar ou iríamos a uma outra cidade. Nesse caminho incerto encontramos Uryef.

- Sério? Ninguém o conhecia antes? Como o reconheceram?

- Como não somos bestas, não acreditamos prontamente que ele seria o maior mago de todos os tempos. Exigimos uma prova. Ele fez uma magnífica magia de fogo e então o seguimos.

A essa altura eles já haviam jantado. É importante saber que todo esse diálogo, tão extenso, não ocorreu de um só fôlego, mas enquanto comiam. Espero que o leitor entenda que particionar o diálogo abusivamente apenas para relatar coisas do tipo "Geba morde a carne", "Cristian joga o osso fora" e "Utho morde sem muita força e resolve assar mais seu rango" seria tão supérfluo e banal quanto repetitivo e irritante.

De qualquer forma, a essa altura eles já estavam satisfeitos. Enquanto Geba tentava dormir num canto, noutro Algio e Lob viam o céu, não por ser o céu, mas por ser a única forma de olharem o infinito de onde estavam. No meio, perto da fogueira, somente Cristian e Utho conversavam.

Ao contrário do que ocorria há pouco, já se podia notar em Uthokrolha uma forte admiração pelos "Guerreiros do Fogo". O que eles fizeram diante de seus olhos, as armaduras tão brilhantes e as histórias lhe transmitiam um "quê" de fantástico. Cada vez mais evidente ficava aquilo que Cristian dissera: "Você queria ser um de nós". Ele deixaria tudo o que significava sua vida para ter o poder capaz de vencer o monstro, mas como não havia meios de efetuar essa troca, restava-lhe rebaixá-los para convencer a si mesmo de que sua situação era melhor, e agora apenas admirar e ouvir as narrações de Cristian.

Algio e Lob vêem no infinito coisas diferentes. Enquanto Lob se preocupa, o outro recorda os tempos antes da investida do monstro em Motron.

Algio vê as estrelas no céu escuro quando ouve uma voz. "Pensando?" Ele vira um pouco a cabeça para ver quem falou. Não que precisasse ver Keuda para saber que era ela. Sua voz lhe

dissera isso. Ele precisava ver seu rosto sorridente sob a luz do luar. Estão na aldeia, em Motron, entre duas cabanas durante o jantar.

- É...

Responde com palavras e sorriso. "Posso?"

- Claro!

Ela se deita ao seu lado e os dois olham as estrelas. "As estrelas... Droole disse que eram anjos a nos espiar, mas papai dizia que eram homens, grandes homens, que continuavam a mostrar seu brilho... O que acha, Algio?"

- Bem, senhorita Keuda... Esses anjos poderiam ter sido grandes homens tornados em anjos...

- Está sonhando... - Utho diz ao ver Algio deitado mais adiante, após ouvi-lo falar. - Ele sempre fala enquanto dorme?

- Não. Agora está lembrando uma noite alguns dias antes do monstro atacar nossa vila Motron.

- Quem é Keuda?

- A filha do nosso saudoso mestre Fuolha. Ela infelizmente morreu na vila, junto com os outros.

- Namorada dele?

- Se não, quase. Essa noite que ele lembra foi uma em que ela chegou e se deitou perto dele. Urupsy, o chefe de Motron encontrou os dois, eles estavam se beijando. Quando procurei Algio, o chefe contou e pediu pra deixá-lo em paz por aquela noite...

- Então foi por isso que ele se juntou a vocês? Para vingar...

- Como?! Não! Nós treinávamos juntos há muito tempo! Você está fazendo perguntas demais. Vamos dormir.

- Tá bem.

Eles se recolhem às suas camas improvisadas. Lob ergue a cabeça para ver se tudo está bem. Depois dorme também, mas um sono leve que o faz se erguer pelo menos dez vezes durante a noite. Tudo passa bem e, enfim, amanhece.

Lob é o primeiro a se levantar. Despertando pela enésima vez, vê que o Sol não tardará a vir. Ergue-se do seu canto e sai, para não muito longe, colher algumas frutas. O orvalho lhes dá água: basta-lhes recolhê-lo das folhas. Com precisão o guerreiro seleciona as frutas mais ricas em líquidos. Ao voltar, encontra os quatro já de pé. Eles se reúnem e fazem a refeição matinal.

Recompostas as forças para a imensa jornada que têm à frente, partem. O dia amanhece frio e eles prevêem chuva para mais tarde. Mas não há o que temerem: são os Guerreiros do Fogo.

Enquanto Cristian e Utho seguem pela frente, continuando a conversa de ontem sobre a história do quarteto, Lob ao seu lado presta atenção respondendo apenas o que é questionado. Algio e Geba, mais atrás, permanecem calados. Desde o início Algio tem apresentado esse comportamento - se não sempre, ao menos muitas vezes. Quanto a Geba, além de não gostar muito de falar, não se sentiria bem interferindo nos pensamentos do colega. Mesmo assim, seguiram caminho.

Parando para uma rápida refeição, eles continuaram e só perto do entardecer seu humor começou a melhorar. Eles começaram a se sentir menos deprimidos, até o anoitecer.

Era, sem sombra de dúvidas, uma longa viagem. Utho sabia

exatamente o que isso significava, em proporções precisas. Embora não soubesse exatamente o que tinham a percorrer, os Guerreiros do Fogo faziam idéia da distância e já esperavam que tal viagem demorasse. Era a segunda noite, ainda longe no caminho de Authu, a cidade ascendente, querida por toda Kairot, a "terra dos filhos da terra", o lar da magia.

Após caminhadas, caçadas, caminhadas, um pouco de chuva, discussões, caminhadas e por aí vai, alguns dias passados, Uthokrolha se sente quase como parte do grupo de guerreiros, que estão com as estranhas armaduras agora brancas.

O ânimo está inabalável e eles discutem, conversam, riem, gargalham. Algio com sua conhecida destreza agora transportada para a palavra. Cristian tagarela, Geba falando vez ou outra, porém quase sempre grosso e implicante. Fazendo discussões que quase sempre terminam com a intervenção de Lob. Nosso amigo Utho, o mais novo personagem da trama, fala com um pouco de receio e evasão, entretanto mostrando cada vez mais uma personalidade desejosa de ser o centro das atenções. Tanto que agora, tantos dias passados desde sua inclusão no grupo, tornou-se ele um autêntico contador de histórias, e entenda por autêntico o que quiser...

- Como?! Você disse "verdes e orelhudos"?

- Verdes e orelhudos! Foi o que disse!

- Certo, eles invadiram Authu...

- Planejavam invadir, creio ter dito. Mas graças a mim, seus planos foram estragados.

- Certo, continue... Você se vestiu de que mesmo?

- De moita! E ninguém me viu. Pude ver toda a reunião do exército deles e depois avisei a Sucrão.

- O arqueiro?

- Não! O discípulo de Uryef! O arqueiro se chamava Aphoiflapy. Então nós nos reunimos e derrotamos todos eles.

Algio se aproxima discretamente de Lob.

- Acredita nisso? - fala, em discreto tom. Pergunta a que Lob responde dando de ombros e com um sorriso típico. Algo como "Sei lá! Isso é importante!?"

- Utho, não está tarde?

- Não, Algio. Podemos seguir... Estamos bem perto.

- A gente devia mesmo parar! - Geba exclama.

- Que acha, Lob? - interroga Cristian.

- Sigamos.

- Há, há! Sábia decisão, amigo. Sigamos, então.

- Ah, Utho, você disse que fez tanta coisa que...

- Pssss, olhem.

"...deve ser famoso..." A frase de Cristian é truncada pela visão. Do morro, ainda cheio de árvores, eles vêem um tapete colorido se estender sobre o chão, com casas, praças... Luzes já irradiam das janelas, visto que é noite. As luzes provavelmente são lâmpões, ou lanternas. A visão os impressiona. Não haviam visto nenhuma cidade muito maior que a vila Motron. A visão de uma das maiores cidades de Kairot enche seus olhos e os paralisa. Só após alguns segundos eles notam que Utho espera adiante.

- Vamos! Authu nos espera!

### Parte 7

Authu se mostrava exuberante, estupenda, com seu brilho de início de noite. Os cinco se aproximam das entradas. Uma muralha não muito alta, mas com uma entrada protegida por um punhado de soldados.

- Auto!
- Eu sei! É aqui mesmo!
- Não banque o engraçado!

Os discípulos de Fuolha se olham, assustados. Bastou a Utho abrir a boca para preparar cenário pra uma possível confusão. Os guardas não estavam de bom-humor.

- Não aceita uma brincadeira?
- Mais uma e vocês vão brincar com os ratos da prisão. O que querem aqui?
- Como é? Não vão falar "identifiquem-se, forasteiros"?

O soldado que os abordou segura a espada, ainda na bainha, com jeito de ameaça, e avança um passo contra o guia da jornada. Os outros guardas olhavam atentos, alguns com um leve sorriso.

- Tudo bem, tudo bem... Eu vim trazer quem pode nos salvar do monstro.
- Oh! E quem são?
- Os Guerreiros do Fogo.

Os soldados riem, enquanto se olham para confirmar que haviam ouvido aquilo mesmo. Já os guerreiros começam a se inquietar, mas preferem permanecer calados. Ao menos por enquanto.

- "Do Fogo", hein?
- É. Do Fogo! E guardem bem esse nome, pois eles ficarão conhecidos como "os que venceram o monstro".
- Ha! Ha! Ei, vocês sabem onde está Uryef? Não tá com vocês não?

Algio aponta para o céu. Os soldados olham, alguns deles, vêem um monte de estrelas e desatam a rir com ainda mais vontade. Um deles se aproxima.

- Ei, acendam esse cigarro pra mim!

A resposta, creio, o leitor já espera. Uma exagerada - digamos assim - cortina de fogo seria uma resposta inigualável. Os quatro têm essa mesma idéia, ao invés de um. Daí, deve imaginar o susto que os soldados levaram e que os fez fugir a mil. A simples cortina se transformou num labirinto de altas chamas, intensas e quentes. Felizmente ninguém se queimou. ...não muito.

- Precisava disso tudo?
- Claro que sim!
- É, Utho, quero vê-los rirem agora.
- O que a gente faz? - Geba pergunta.
- Vamos buscar Eogebarão.
- "É o Geba" o quê?
- O prefeito, vamos!

Fumaça não há, mas resta ainda um bafo quente. Eles entram na cidade, encontrando um pequeno público que assistiu à apresentação. Também, pudera, com chamas tão altas assim, só mesmo um cego não veria - apesar de senti-la -, estando ali por perto.

- Nós estamos salvos! - grita Utho para a multidão. Sentia-se orgulhoso por ter guiado os heróis. Como se ele os tivesse buscado e apenas graças à sua participação eles houvessem chegado.

As pessoas respondem com gritos e saltos de felicidade. Algumas estavam passando por ali. Outras viram o espetáculo de dentro de suas casas e resolveram sair. Os cinco seguem, por entre casas iluminadas por velas e lanternas. Também há pessoas assistindo das janelas. As ruas eram apertadas, afinal, o único modo de se locomover que não por pernas humanas era com uso de estranhas engenhocas, mas poucos tinham dinheiro e coragem para isso. Pelas ruas apertadas, sob a luz da Lua e das velas às janelas, seguidos por uma multidão crescente, após duas praças eles chegam à frente da mansão do rei.

A noite cai totalmente. Cai para permitir que brilhem outros que não o Sol: ele monopoliza o dia. A multidão que se somou à frente da mansão é formidável. Não há como medir de onde os guerreiros estão, mas vai além das esquinas.

É como se toda a cidade de Authu já tivesse recebido a notícia no curto intervalo que vai desde a chegada aos portões até este momento. As pessoas esperavam por alguém que pudesse salvá-las. Alguém realmente especial, pois os melhores que conheciam haviam desaparecido. Provavelmente em combate com o monstro. Nessas condições, por medo de parecerem infantis, as pessoas não revelavam essa esperança e a confirmação de uma possível salvação era uma injeção de novo ânimo em todos.

Abaixo da tênue chama que queima no alto dos postes, apenas cinco coisas brilhavam, mas eram tudo o que todos queriam ver naquele instante. Os quatro guerreiros, com suas armaduras brancas tão magnificamente esculpidas como jamais alguém o fizera. Os guerreiros, os quatro, e a mansão, que exibia seu verde claro, quase branco, com detalhes em ouro e prata. As pessoas vêem, admiradas, ansiando apenas por um nome, para que possam bradá-lo e comemorar a chegada de seus protetores.

Alguém passando entre a multidão invade o pequeno círculo disforme no qual os cinco se encontravam, próximo ao portão. Veste-se bem e pede licença antes de se dirigir à entrada da moradia.

- Espere! - Cristian o faz parar - Precisamos falar com O Rei.

De seus ombros saltam ligeiras chamas enquanto seus olhos brilham. Não passa Cristian, entretanto, um tom de ameaça, mas caráter de urgência. A multidão aplaude e em pouco tempo lhes adivinha o nome. Começam a gritar vivas aos "Guerreiros do Fogo"... Geba acena satisfeito pela festa e agradece a recepção. Logo os outros três também o fazem, embora Lob com mais receio.

- Bela apresentação! - Utho comenta, recebendo em resposta um sorriso de "Fique calado".

Cristian sabia que estava um pouco fora de si, mas não queria sair do êxtase enquanto não fosse necessário. Eles estavam vivendo um sonho. Eram adorados, bastante adorados. Estavam

vivendo a recompensa por seu trabalho, por sua jornada, pelas batalhas tão árduas.

Logo alguém chega até o portão e os manda entrar, abrindo tremulante a porta e fechando à passagem do quinto deles. As pessoas não voltam para suas casas: esqueceram que as têm. Sabe... A proximidade com os maiores e únicos candidatos a heróis-que-venceram-o-monstro trazia segurança.

Alguns se sentam ali mesmo no chão, enquanto os bardos tomam as praças e começam a tocar em exaltação aos heróis. Logo as tavernas lotam.

Passando por largos corredores, de cujas paredes sustentam graciosos quadros com retratos de pessoas e locais da cidade, eles chegam a uma sala circular. No meio, uma escada espiral que leva ao primeiro andar. Seguindo instruções do funcionário, eles a sobem, sozinhos, e lá encontram uma sala com as mesmas dimensões da de baixo, porém bem mais magnífica.

Esculturas espalhadas pelos cantos. Em um quadrante, sofás; e no teto uma cúpula de vidro, embora mais baixa que o restante da mansão. Por isso não se via de fora, nem se suspeitava da existência de uma sala tão grande e luxuosa, e de onde se podia ver o céu e as estrelas. Tapetes ricos cobriam o chão, dando idéia da riqueza que a cidade tinha.

A sala era muito bem servida de artigos de arte, mas também o era de pessoas. Espelhados pelos cantos - que um círculo não possui - havia soldados. Pelo menos um para cada escultura. À direita dos sofás, que faziam jus ao cenário, mais quatro homens. Estes, porém, bem-vestidos, como cidadãos importantes.

- Então vocês são os forasteiros que têm causado esse tumulto...

- Senhor Eogebarão?

- Não. - o de roupa azul, o segundo da direita, toma a cena. Quem falara antes fôra o único calvo da recepção, em trajes negros. - Permita-me apresentar-lhes meu conselho. À minha esquerda, vocês têm Plinhu, meu conselheiro estratégico urbano.

Este vestia um manto acinzentado. Seu manto, ainda que manto, estava longe de ser considerado uma peça popular. Seu portador era um pouco alto e de olhar submisso. Tinha os cabelos um pouco grisalhos e a face um tanto enrugada.

- Este aqui à minha direita é o capitão da guarda, Sir Egriarre.

- Um prazer, senhores. - O homem de preto faz uma reverência firme. Apesar de parecer o mais velho, esbanja autoridade e força. É também o mais alto. Talvez tão alto quanto Plinhu, mas, por manter uma postura mais firme parece um pouco maior.

- ...ao seu lado - de Egriarre -, Nikeutoa é meu conselheiro espiritual, sacerdote, alegrei-vos pois, das forças do fogo!

Dos quatro, era ele quem os olhava com olhar mais penetrante, levado pela curiosidade. "Afim, quem viriam a ser esses tais 'guerreiros' do fogo?" Ele vestia um manto vermelho, de um vermelho brilhante e intenso. E o que mais lhe encucava e o fazia acariciar o próprio cavanhaque, pensativo, era a cor das armaduras. "O fogo sempre é representado por cores quentes. Se eles são mesmo guerreiros do Fogo, por que suas armaduras têm uma maldita cor neutra?" Parecia ter uns trinta e poucos anos. Seus cabelos eram ruivos e sua expressão disputava com a de Egriarre o título de mais séria.

- Então é vossa alteza o prefeito Eogebarão?

- Sim. - Ninguém suspeitava dele como prefeito. Era o mais jovem! Não tinha cara de mais de vinte e cinco anos. - Agora,

quanto a vós?

- Eu sou...

- Eu sou...

Cristian e Utho falam ao mesmo tempo. Decidem que Utho fale: isso era muito importante para ele.

- Eu sou Uthokrolha, quem os guiou à vossa ilustre presença desde as praias que levam às ilhas malditas. Estes são os maiores guerreiros que a terra de Kairot já viu: Algio, Cristian, Geba e Lob. São os Guerreiros do Fogo, os maiores representantes das forças da queima.

- Com licença. - Algio interfere. - Bem... Alteza. Como vossa ilustríssima pessoa pôde conferir, nossos nomes são curtos e simples perto dos vossos. Gostaria de ter a vossa permissão para chamar-vos por um nome mais compacto. ...se não for isto um mal...

O prefeito responde com um sorriso de comoção, falando logo em seguida:

- Vocês têm minha permissão para chamá-los por seus cargos. Quanto a mim, na infância me chamavam de Conq.

- "Conq"?

- Sim, "conquistador". Os meus amigos me detestavam: as garotas que a gente conhecia eram caidinhas por mim. ...coisas da infância...

- Não só da infância, majestade. Creio que tenha conquistado o apreço de todos os vossos cidadãos.

- Sim... Cristian! É este o seu nome, não? Obrigado pelo elogio... Permitam-me pedir uma coisa...

- Pois não, majestade.

- Vosso amigo, Utho...

- Apenas Utho, alteza!

- Que seja! Vosso amigo Utho não se encontra a rigor para reunião tão importante. Uthua!

Um homem em roupas azuis-escuras entra na sala.

- Arrume algo decente e vista em Utho.

- Como queira, senhor. - e, virando-se para Utho, - Siga-me, cavalheiro.

Os oito permanecem de pé, em duas filas que se confrontam. Ninguém fala nada, nem vai aos sofás.

"Nomes curtos... Interessante... Algio... Não seria 'ágil'? Cristian talvez fosse... Não sei... Ele agiu com... Parece ser o representante do grupo... Já sei! Cristal! A parte pensante! Lob está na cara que é um 'lobo' e bem notei como é arisco. Mas Geba..." Nikeutoa, o sacerdote, se deliciava com suas descobertas.

"Agilidade, sagacidade, selvageria e... E o quê? Que será que representa esse nome 'Geba'?! Por seu porte, talvez seja a força bruta, mas... Por que 'Geba'?!"

"De qualquer forma será possível que seja tão simples?"

Exceto talvez pelo desconfiado representante das forças místicas, a todos a imagem dos guerreiros causara ótima impressão. Também, pudera. Com armaduras tão ímpares... Certamente jamais se viu armaduras iguais sobre o solo de Kairot.

Finalmente, após longos minutos, o falante guia ressurgiu em trajes à altura da ocasião.

- Podemos começar agora, majestade?

- Ainda não.



"Mas que..."

"Que estará faltando? Por que a gente não começa logo a reunião?" Assim decorrem mais alguns preciosos e longos minutos. Ainda mais longos pelas expressões dos presentes, que fizeram com que nem mesmo Cristian e Utho falassem.

Enfim, como nem toda espera é eterna, logo ocorre o que eles esperavam. Não os guerreiros, mas os partidários do prefeito.

Um homem magro, mas em roupas lustrosas, entra na sala pela escada. Seguido por dois outros, mas estes vestidos simplesmente e levando o material que será utilizado pelo primeiro.

- Boa noite, Ibepa.

- Boa noite, majestade. Desculpe a demora, mas fui pego de surpresa.

- Bem, todos fomos. - Ele se volta para os nove que já esperavam há um tempo por esse momento. - Podemos começar. Tenham a bondade.

Todos ocupam os sofás. Todos exceto três recém-chegados. Estes arrumam as coisas. Uma tela para Utrua Ibepa - xará do mordomo e um dos melhores pintores que Kairot já teve. O príncipe de Authu só esperava aquele que iria registrar a cena. Se os visitantes fossem mesmo aqueles que iam derrotar o grande mal que afligia a todos, ele tinha que usar isso ao máximo para melhorar ainda mais sua imagem. As pessoas eram exigentes...

- Bem, senhores. Vamos começar pela vossa história, tudo bem? De onde vêm?

- De Caji.

- De Motron.

Utho e Cristian respondem ao mesmo tempo, sendo que Cristian passa a informação mais precisa: onde moravam.

- Motron... E onde fica?

- Não fica mais, senhor.

- Foi destruída pelo monstro. - Algio completa. - Como tem sido com tantas outras vilas.

- Certo. Prossigam. Vocês deixaram a cidade...

- Sim, e partimos em busca de uma outra cidade quando fomos encontrados por Uryef.

- Foram encontrados por Uryef?

- Sim, senhor mago.

- E onde ele está agora?

- Ali.

Algio responde por Cristian, apontando para o céu. Cristian temia essa resposta por saber o que poderia ocorrer.

- Ele morreu? - o prefeito pergunta, surpreso.

- Não. O Fogo o chamou e o tornou uma estrela.

- Uma estrela? - o arcano conselheiro perguntava pensativo, e quase para si mesmo, enquanto o general e o conselheiro urbano riam.

O rei de Authu riria também, não fosse sua situação e a de toda Kairot séria como eram naquele momento. Ele ergue a mão. Não para mostrar seu anel com uma pedra verde e quase transparente: pede silêncio, pois chegara à conclusão.

- Utrua!

O mesmo homem que se apresentara há pouco retorna à sala com o mesmo ar sério, porém servil.

- Pois não, senhor.

- Cuide para que me chegue aquele nosso estudioso dos céus... Qual mesmo é seu nome?

- Ploucra, senhor.

- Sim! O próprio! Faça-o vir com urgência, sim?

- Certamente, majestade.

Ele desce a escada espiral, deixando assim aquele ambiente tão nobre. Uthokrolha comenta com discrição a Cristian que "não deviam ter falado de Uryef". O homem da guerra olha seu soberano como quem aguarda uma continuação. A isso, a majestade - ou simplesmente "Conq", como se permitiu ser chamada - responde, com um sinal de espere. De fato, ficava difícil prosseguir com essa confirmação pendente: havia desconfiança. Como, ao contrário deles próprios e dos guardas que vigiavam a reunião quase como estátuas, não há o que nos prenda àquela cena monótona de espera, voltemos nossos olhos, amigo leitor, para o funcionário de confiança que, em sua importantíssima missão, já transpassou o muro que o separava da rua.

Já havia se passado mais de meia hora e as pessoas não haviam deixado a frente da mansão. Utrua saiu sob olhares de todos aqueles cidadãos, que esperavam atentos algum sinal, alguma notícia de seus salvadores. Foi o criado interceptado prontamente por um grupo dos que estavam mais perto. Com enorme esforço, ele nada contra a correnteza de perguntas, que se emaranhavam num ruído caótico, alto e incompreensível.

Com igual dificuldade, Utrua atravessa duas ruas até chegar à residência do requisitado astrônomo. Após alguns segundos, é atendido por um rapaz um tanto jovem.

- Pois não, senhor?

- O senhor Ploucra se encontra?

- Sim. Quem gostaria?

- Vosso rei.

- Pode adiantar o assunto?

- Chame-o, é urgente.

- Tudo bem, aguarde um pouco, por favor.

O funcionário entra, dirigindo-se à sala. "Não está aqui." Há uma escrivaninha, um lampião aceso, iluminando um monte de papéis e uma pena jogada sobre eles. O pote de tinta destampado na parte mais alta, perto da fonte de luz.

"Saiu de novo. Ainda não descobriu o que queria?!" Ele se dirige ao quintal, passando pela cozinha.

- Viu ele, Dri?

- Ali. - responde uma moça igualmente jovem, fazendo entender que o estudioso se encontra mesmo no quintal.

- Plou! - Ele corre ao ver o patrão no meio do terreno, com aqueles aparelhos estranhíssimos.

- Que é?

- Ainda não resolveu?

- É um mistério, mas eu chego lá...

- Já faz três dias!

- É! E você? Não veio até aqui só pra me aborrecer, veio?

- Não. É que tem um homem aí querendo falar com você.

- Quem é?

- Não sei, mas diz que vem em nome do rei.

Ploucra tira da cara o instrumento com o qual observava o céu e o coloca no chão, ao lado de tantos outros. De fato, há três dias vinha envolvido com um problema aparentemente insolúvel. Durante esse tempo todo, sua vida era sala-quintal e quintal-sala.

- O patrão não vai comer, não?

- Não, Dri. Tenho um assunto a resolver. Talvez jante mais tarde. - E pega uma daquelas frutas pequenas tão comuns nesse lugar.

Ao passar pela sala, pára diante dos papéis.

- Isso... Isso... Talvez interesse ao prefeito... - falava para si próprio enquanto pegava alguns.

Feito isso, dirige-se à saída e encontra o tal homem. Já o havia visto na mansão algumas vezes em que foi ter com o rei. Então partiram.

Toda aquela multidão muito o espantou. Por incrível que pareça, ele não havia percebido aquela euforia toda. Muitas vezes, quando se concentra perde a noção do mundo.

- Que está havendo?

- Vai saber, senhor.

Por pouco, tal resposta não o irritou. Ele tira seu chapéu esquisito e olha à sua volta. "Como se junta tanta gente em tão pouco tempo?" As lanternas já estavam acesas, o que o fez deduzir que se aglomerara aquela massa após o anoitecer. De outra forma, como o lanterneiro as acenderia com tanta gente?

Era muito difícil abrir caminho entre a multidão. Nadando nesse mar de indivíduos eles chegam aos portões da mansão. Poucos podem notá-los, mas ainda menos os conhecem. Livres da multidão, eles passam pelo corredor até a sala circular inferior. Sobem as escadas e alcançam a sala principal, onde já os esperam o rei e sua comitiva, frente ao partido dos guerreiros tão heróicos.

- Vossa majestade mandou me chamar?

- Sim. Temos um problema. Reconhece aquela estrela?

- É justamente sobre isso que venho pesquisando há três dias. Há um mês não estava ali.

- Eles dizem que é Uryef.

- Quê?! - a surpresa foi tão grande que o estudioso não sabia se perguntava quem dizia isso ou o que sua majestade dizia.

O prefeito indica o grupo. Não com o dedo, mas gentilmente com a mão aberta, como quem diz: "Ei-los". Ploucra dá alguns passos em direção aos aventureiros. Apesar das armaduras, seus olhos são de "não acredito que ele acredita nisso".

- Majestade! Isso que estais me dizendo é... É... É ridículo! Quem?! Uryef? Virou estrela? Isso é impossível.

Os presentes se olham surpresos com a euforia cética do astrônomo. O rei resolve a situação.

- A estrela não existia há um mês?

- Não pode ser o...

- Responda "sim" ou "não". A estrela existia há um mês?

- Não!

- Pois bem. Deixe que eu decido se acredito ou não. Se quiser acompanhar a conversa, pode ficar.

Ploucra olha para a escada indeciso e vê um rapaz descendo por ela. É um dos ajudantes do pintor que vai trazer mais material. A esta altura, Ibepa já havia pintado algumas telas, ou ao menos rabiscado.

Finalmente, Ploucra aceita ficar e se senta junto aos presentes.

- Bem, tirado isso a limpo, o que aconteceu depois que Uryef se tornou uma estrela?

Ploucra contorcia a face como se estivesse vítima de severo ataque convulsivo, de pura indignação. O olhar do prefeito lhe garantia que era bem mais "saudável" que não falasse nada.

- Nós não contamos nem o que houve antes?!

- Tens razão. Conte-nos agora.

Após essa prova da estrela, eles permitem que a narração siga fluente, alternando os oradores Cristian, Utho e Algio. Ocultando alguns detalhes - como sempre ocorre na narração de uma história -, como as várias cores que as armaduras tiveram, um ou outro monstro e coisas do tipo.

- Portanto, majestade, esta é a nossa história.

- Excelente... - Ele pára um pouco, pensativo, prosseguindo em seguida. - Agora vamos à próxima parte. Soldados, apresentem-se!

Todos olham para um daqueles pontos escuros da sala. Um daqueles cantos onde há sempre um soldado. Mas olham para o soldado que caminha em direção à assembléia.

Um sorriso irradiado pelos cinco convidados mostra o quanto aquele sujeito é já conhecido, ao mesmo tempo em que contrasta com o medo do próprio sujeito. É um dos sentinelas que guardavam a cidade.

- Confirma a parte que lhe diz respeito?

- Sim, majestade.

- Eles fizeram mesmo fogo?

- Sim, majestade.

- Quanto.

- Bastante, majestade.

- Grato. Pode retornar. - mais uma vez pára. Agora espera que o soldado volte ao lugar que ocupava há pouco. - Bom... Acho que não é pedir demais querermos uma demonstração de vosso poder, bravos guerreiros.

- Claro que não, "Conq".

Algio cria uma bola de fogo que flutua no centro da sala.

- Bravo!

Aplausos? Não, não é um personagem novo, mas o mago, que prossegue.

- Que me dizem disso?

Ele fecha os olhos e, com as mãos juntas, cria um inseto gigante de fogo. Tomados de surpresa, os quatro saltam do sofá, para trás, mas antes que o mago se consagre vencedor, eis que ressurgem quatro seres de fogo ainda mais aterrorizantes: um lobo, uma águia, um aracnídeo e uma cópia daquele tal "tartaraco". Num só salto, eles avançam contra o inseto, encontrando-se e explodindo, num brilho ofuscante.

Quando a visão volta, pode-se ver o mago ofegante e as quatro coisas de fogo como que ilesas. Elas se desfazem após alguns segundos, quando os quatro juntam as mãos direitas, como se fizessem ou confirmassem uma aliança. Estão felizes.

- Tudo bem, vocês convenceram a todos nós. Utrua lhes mostrará seus aposentos, mas antes conheçam a área de lazer da mansão.

Utrua aparece para guiar os cinco escada abaixo, até a tal área.

- Ploucra? - Estava paralisado o Ploucra!

- S-sim, maji... iest...

- Não quer acompanhá-los?

- C-claro!

Ele sai apressado e desastrado, deixando o papel que levava e esbarrando com o pintor, que também se dirigia à escada.

Após o mal-entendido, ambos saem, deixando o prefeito e suas forças em uma assembléia que os guerreiros nem devem saber que houve...

Parte 8

A sala era espaçosa. Não muito, mas impressionava a quem nunca havia entrado em um bar. A porta de entrada era do tipo que fecha sozinha, sendo mais baixa que a altura da passagem e estando um pouco acima do chão. Ela ficava no meio da parede e oposta ao luxuoso balcão. Nele, três homens bem-vestidos eram garçons. Atrás do balcão, com passagens pelos dois lados, havia os banheiros. Que não seja muito estranho, havia um bom punhado de mesas distribuídas entre o balcão e a porta. Numa delas se reuniam os cinco heróis, digo, os quatro heróis e quem os trouxera.

Em pouco tempo, vieram mais pessoas. Alguns soldados, o estudioso dos céus, umas raparigas que trouxeram...

Geba se divertia zombando da comida que chegava; Cristian, com isso. Até Lob bebia e conversava discretamente com uma jovem que viera.

Mesmo bebendo, Algio não conseguia se alegrar com aquilo.

- Vamos, amigo, festejemos! - Geba tentava animá-lo.

- O quê?

- Ora... - ele pára um pouco e faz uma careta, como se buscasse resposta. - A boa recepção do rei! - e, voltando-se para os outros - Você não soube do macaco.

- Macaco?!

- É, o terrível "macaco luminoso".

- Ha! Ha! Fala sério.

- Cristian falava dele como história de terror e nós pensávamos que era piada.

- Pudera!

- A piada maior é que existia mesmo!

- Ah, conta outra!

- Com licença, tão te chamando ali, Geba.

- É? Quem?

- Itrukrayie.

- Quem é? - Ele se levanta e segue quem o chamou.

Lob já está em uma mesa mais distante, com aquela mesma senhorinha. À mesa do grupo há apenas Cristian, Utho e Algio.

- Ei, Cristian! Olha quem está ali! - Utho fala.

- Quem? - Ele vê a mesa para onde Utho aponta. Três mulheres vulgares acenam. - Com licença, meu amigo, elas querem ter comigo. - Levanta-se.

- Ora! É pra mim que acenam! - Utho se levanta também.

- Ah, mas por que brigamos?

- Tem razão, são bastantes! Vamos lá, então.

- Espera um pouco.

Utho pára já fora da mesa. Cristian chega até Algio e, com uma pancada leve em seu ombro esquerdo, diz:

- Amigo, amigo... O que há de errado?

Algio ergue o olhar distante, sem nada dizer.

- Junte-se a nós! Isso aqui é uma festa, não um enterro! Vê: todos se divertem!

- ...

- Até Lob!

Algio sacode os ombros em resposta, como quem diz: "E daí? Que tenho com isso? Pois que tenha bom proveito!"

- O que queres além de bebida e mulheres?

- ...

- Vem festejar conosco!

- Não posso...

A resposta paralisa Cristian. Até que Utho o puxa pelo ombro.

- Vamos logo, homem. Queres que vão embora?

Algio bebe mais um gole e volta o braço à mesa. No meio da festa alegre, sua mesa é onde bebe triste e sozinho. Distante de tudo e de todos, Algio parece ainda mais distante que Uryef. Tão distante que não percebe as pessoas que esbarram nele às vezes. Nem os olhos azuis celestes do doce rosto que o observou por alguns minutos das portas do bar.

Ao término da noite tão agitada, os cinco hóspedes conhecem seus quartos e, sem cerimônia, vão dormir exaustos. Dormem como pedras, enquanto do lado de fora da mansão ainda havia gente comemorando sua chegada. Haviam se tornado verdadeiras estrelas, adorados por toda Authu em menos de doze horas.

A noite fôra tão longa que as cinco horas da manhã a que estavam acostumados a terem já levantado quase que triplicaram. Despertaram tarde, e à tarde. Do lado e fora dos quartos já havia um sentinela que pudesse conduzi-los à sala de refeições. Os quatro se encontraram quase ao mesmo tempo no corredor.

- Bom dia! Como foi a noite? - Cristian pergunta se espreguiçando.

- É, foi. - Algio olha para o sentinela e gesticula perguntando pelo banheiro.

- Bom dia pra vocês! - Geba responde. Ele e Cristian ficam às portas de seus respectivos quartos, esticando os braços, as pernas...

- É, Geba. A vida civilizada está lhe fazendo bem. Já és outro. Até agora não ofendeste a ninguém!

- Margaridinha de cidade é o seu pai!

- Esse é o Geba que eu conheço! Ei, Lob! Algo errado?

- Como é que vocês conseguem falar tanto?

- Quem diria... Lob com ressaca! Droga, onde fica o banheiro?

- Algio está lá.

Neste instante o sentinela retorna.

- Ei, eu sou o próximo! Onde é o banheiro? - Cristian o recebe dessa forma.

- Não senhor, agora é a minha vez! - Geba retruca.

## Os Guerreiros do Fogo

- Calma vocês dois. Tem três banheiros aqui. Venham dois comigo. O outro espera alguém sair.

- Vamos lá então.

Geba pára um pouco e olha Lob, que já se prepara pra voltar ao quarto.

- Vá com Lob. Eu espero Algio.

Cristian vê os dois e rebate.

- Não, vão vocês dois. Eu que fico.

- Vão logo!

- Você não queria tanto ir?

- Eu espero Algio. Podem ir.

"Engraçado. Primeiro brigam pra ir, agora brigam pra ficar. Essa gente importante é tão esquisita..."

E eles discutem por mais algum tempo. Quando Algio volta, lá estão eles dois, cada qual argumentando razões para o outro ir. Lob entrara no quarto.

- Pronto, agora vão os três.

Algio conduz Lob ao banheiro que acabara de usar enquanto o soldado real leva os outros dois aos outros dois banheiros de que havia falado.

Mais tarde eles se encontram à mesa, comendo. Uma mesa farta de carne, frutas e bebida, mas não alcoólica. Verdadeiramente um banquete.

- Engraçado, não é?

- O quê?

- Essas armaduras não dão trégua...

- Como assim?

- Sei lá... É esquisito fazer tudo vestido desse jeito.

- É verdade... Até pra dormir... Pelo menos algumas partes se mexem e dá pra ir no banheiro...

A refeição prossegue. A primeira do dia, já durante a tarde. A conversa entre os quatro beira a inexistência, restringindo-se a comentários do tipo "Bom ontem à noite". Quando já concluíram a refeição, vem alguém à sala. É o mordomo de Eogebarão.

- Vossa alteza mandou vos dizer que não poderá vir, visto que está muito ocupada. Entretanto, aconselha que passem pelos corredores da mansão e, quando quiserem, dirijam-se à sala principal.

- Aquela de ontem?

- A sala da cúpula, senhor.

- Ah, claro! Obrigado. - Agradece Cristian e, voltando-se para o grupo, - Ei, alguém sabe de Utho?

- Utho, Utho...

- Se me permite, senhor - fala Utrua, que estava já prestes a sair. - Vosso amigo se encontra em uma casa aqui perto.

- Por que não dormiu aqui?

- Perdão, senhor, mas não sei dizer.

- Mas que droga!

- Mais alguma coisa, senhores?

- Não, pode ir.

- Como estás, Lob?

- Um pouco melhor.

- Vocês viram só?

- O quê?

- O empregado do prefeito?

- Todo fresco?

- Nem fale, Geba. Pelo que vejo, daqui a alguns dias você vai estar igualzinho.

- Deixe dessas brincadeiras, senão vou esquecer que sou teu amigo e te encher de porrada.

- Calma, brincadeira...

Após alguns minutos de silêncio, sem saberem o que fazer, finalmente alguém toma a palavra.

- Que tal - era Algio - a gente seguir o conselho do prefeito e dar uma volta por aí?

- Essas casas de ricos são todas iguais...

- Vamos, Geba. Melhor que ficar aqui sem fazer nada.

- Aposto que todo canto daqui é igual a essa sala.

- Vamos...

- Tá bem, Cristian, vou.

Eles saem sem guia, às vezes encontrando corredores sem saída, às vezes encontrando como saída outros corredores. Nada de especial, até que se cansam e resolvem voltar para a tal "sala principal". Para tanto, precisaram chegar a lugares indesejados, até avistarem a sala circular, que está abaixo da que procuram.

- Bem, chegamos...

- É, Cristian, até que não fomos tão mal para quem não tem guia.

- Não fomos mal!?! - Geba responde. - Erramos o caminho umas dez vezes! Além do mais, como eu tinha dito, não tinha porcaria nenhuma pra ver.

- Tinha as estátuas dos corredores.

- É, Geba, e os vasos.

- E eu sou lá de ficar olhando vaso!?

- Vamos subir logo: Lob já está indo.

Dirigindo-se à escada espiral, eles conseguem acesso à sala da cúpula. Nela, encontram aquilo que o prefeito gostaria que vissem. Eles estavam maravilhados.

- Olha só, é fantástico...

- Finalmente.

- O quê?

- Encontramos algo interessante pra ver.

Eram os quadros. Explosões de chamas rodeavam os Guerreiros do Fogo, em pinceladas sublimes.

- Olha! Somos nós derrotando o mago!

- Nós na reunião!

- E aqui? Onde estamos?

- Na floresta? Como ele nos pintou lá?

- Deve ter inventado...

- Caramba, ficou muito bom mesmo.

- Vou pedir pro Eogebarão um desses pra quando a gente voltar.

- Você acha que ele vai dar, Cristian?

- Não sei...

- E pra quê que cê quer?

- Ora, Geba, não pretendo viver pra sempre na floresta. Quando vencermos o monstro, vou me instalar aqui em Authu.

- Não sei se vou fazer isso...

- A gente se acostuma, né! Não acha, Lob?

- Só acho que estão fazendo planos demais.

- Que há, amigo? Acha que não damos conta?

- Não. Só acredito que não se deve fazer planos.

- Por quê?

- Quando os fazemos, o mundo os desfaz.

- O que queres dizer?

- O que disse. Agora, acho que vou descansar um pouco.

- Isso é um plano!

Lob o olha com cara de quem não gostou da brincadeira, descendo as escadas logo em seguida.

- Não o acham meio estranho? - Cristian comenta.

- É, talvez seja a bebida, o palácio, as pessoas. Sabes bem, Cristian, se nós não estamos acostumados à sociedade, ainda menos o está ele.

- Espera um pouco... Ele fez mais parte da festa que você.

- É mesmo. Eu lembro como ficou quieto. - Geba entra no diálogo. - Parecia um periquito morto.

- Morto não, mas ferido. Era ela, não? Não conseguia se esquecer dela e sabia que só poderia se divertir se a esquecesse.

Algio se vira para não mostrar o rosto.

- Eu sinto, amigo. Pode ser doloroso pra você, mas ela está morta! Não há o que possamos fazer por ela! Você não pode se isolar do mundo completamente! Tem que pensar em você!

- E fingir que a esqueci?

- Esqueça Keuda então!

- Eu não posso destruir minhas memórias de uma hora pra outra! Tinha que me destruir primeiro.

- Mas não adiante esse martírio. Não a trará de volta.

Cristian se aproxima mais de Algio e vê que algumas lágrimas, essas criaturas traiçoeiras que algumas vezes fogem e correm sem que houvésemos permitido. Com a mão no ombro do companheiro, ao mesmo tempo se desculpando e tentando reconfortá-lo, fala:

- Keuda certamente queria que fosse feliz.

- Sim...

- Por que não se divertiu com a gente?

- Por que, Cristian? Por que faria isso? Pra dar satisfação a essa cidade?! Keuda não gostaria que eu fosse ainda mais infeliz.

- Seu conceito de felicidade é bem estranho.

- Sim? Acontece que você não sabe o que é amar alguém. Você e você também, Geba. Vocês nunca sentiram algo assim. Querer estar a cada dia ao lado de alguém, para beber sua imagem doce como o vinho do mais belo sonho, receber cada sílaba que deixa seus lábios como se fosse o segredo da vida. Sentir uma chama explodir em seu peito, quase prestes a consumi-lo, e sentir vontade de ser queimado por essa chama até o último fio de cabelo. Por mais distante que ela possa estar, não deixará de estar no meu

coração.

Cristian e Geba se olham, enormemente surpresos com o depoimento. Com a súbita inspiração que tomara Algio. O silêncio se faz por longos segundos, enquanto se pensa no que foi dito.

Enquanto Algio fita uma parede simples com pouquíssimos detalhes em prata e pedras, os olhos dos outros dois percorrem cada canto da sala. Era como se aquilo que havia sido falado fosse tudo o que eles sempre procuraram, ou a última peça para que encontrassem o que mais quiseram. As palavras fazem transformações nos fortes guerreiros. Não se sabe se temporárias, eternas, grandes ou pequenas, sabe-se que tais transformações se fizeram.

E agora eles vêm a sala melhor. Os tapetes amarelados, mas não de um amarelo envelhecido e sim de um amarelo que queria ser ouro, com desenhos de triângulos de mesmo lado, em preto, de vários tamanhos e estando como que jogados de qualquer forma para formar figuras. Há três desses tapetes, em posições que fazem com que cada um deles diste igual dos outros dois. Um deles fica sob os sofás. São tapetes quadrados de tamanho tal que qualquer pessoa do castelo em se deitando na largura não ficaria com as pernas ou a cabeça de fora.

O chão da sala é feito de pedras postas de modo a se formar um círculo. No meio há três pedras, formando um triângulo. As que se seguem tentam contorná-lo, enquanto as outras tentam a estas fazê-lo. E assim segue, dando-se um aspecto de disco à sala. As pedras são azuis-claras com algumas manchas brancas. Alguns diriam terem sido feitas pra imitar o céu.

Os sofás são brancos com detalhes em prata. Sofás atípicos, sem dúvida. A cúpula é feita de nove fatias, que se ligam por fios de prata, fazendo uma estrela no encontro de todas, no meio. A estrela é de prata também.

Quanto aos vinte quadrados, estão apoiados, todos, em um suporte de ferro verde escuro, ressonante com a clara parede. Já as estátuas são de homens e mulheres nus, em pedras delicadas e, se não for tinta aquela coloração acinzentada/azulada, sem pintura. O céu de fim de tarde dá um toque final de harmonia ao ambiente e a luz do Sol nas paredes produz um efeito incrível. Talvez pela própria parede, talvez pelo vidro. Só agora eles repararam na cena.

- Parece que o destino dos grandes heróis é viver sem conhecer o amor verdadeiro...

Como ninguém responde ao desabafo de Cristian e ele prossegue.

- Talvez só por isso os deuses tenham feito aquilo à sua amada...

- Não pode ser assim...

- Mas deixemos isso pra lá. Vou descansar um pouco.

Todos vão aos seus leitos. Conversam um bocado e não conseguem dormir. Até que enfim anoitece e são chamados à mesa.

Entrando em uma sala de jantar luxuosa, iluminado por um candelabro cheio de velas, com uma mesa muito bonita e de bons pratos, apesar de pequena para o espaço, vêm reunidos Eogebarão, Plinhu, Egriarre e o mago Nikeutoa.

- Sejam bem-vindos! Acomodem-se.

Eles se sentam. As cadeiras são meio quadradas, mas são de prata e madeira. Os guerreiros ocupam os últimos lugares. É engraçado, pois suas armaduras nas cadeiras fazem alguns barulhos: ambas têm metal.

- Vamos, podem começar!

Eles começam. A comida é estranha, mas não é ruim. A

bebida também é esquisita: doce e com um pouco de álcool. No meio da refeição, o prefeito fala, com força e suavidade na voz.

- O que estão achando de minha mansão? Estão sendo bem-tratados, como os próprios donos, ou têm alguma queixa de algo que lhes falta ou de um criado que lhes negou algum pedido?

- Não, prefeito, nenhuma queixa. - Cristian responde pelos guerreiros. - Fomos muito bem-tratados, obrigado. Há apenas uma pergunta.

- Pois não?

- Que houve com Utho?

- Quem?

- Uthokrolha, que veio conosco.

- Ah, sim! Vosso amigo! Ele saiu e deve estar andando por aí, aproveitando-se pra contar a vossa história.

A refeição prossegue até que, influenciado por um gesto de um dos conselheiros, Eogebarão rompe mais uma vez o silêncio que envolvia aquele jantar.

- Amanhã algumas pessoas virão recebê-los, algum problema?

- ...

- São curiosos e admiradores, certo?

- Tudo bem... - responde timidamente Algio.

- Ótimo.

O jantar prossegue sem mais interrupções. Ao seu término, dirigem-se Algio, Cristian, Geba e Lob ao bar real para mais uma noite de álcool, após a sugestão do rei. Eles passam pelo corredor até avistarem as portas já vistas na noite anterior.

Parte 9

Dentro do bar eles se encontram como ontem. Já se passaram algumas dezenas de minutos desde que entraram. Como na noite anterior, encontram-se dispersos: Cristian, Lob e Geba por aí e Algio melancolicamente sentado à mesa central, bebendo sem alegria.

O bar não está mais cheio que ontem. O entusiasmo que o envolve não é de berço. O ambiente está bem mais vulgar.

- Algio! Vamos lá! A tristeza não é bem-vinda! Deixe-a de lado e junte-se a nós!

Era Cristian, que passava diante da mesa do guerreiro solitário. De onde vinha e aonde ia não se sabe agora. Às vezes ia de um canto a outro para atender ao chamado de uma dessas mulheres da noite. Não se demorando nem um pouco, Cristian termina de falar já se afastando, sem esperar a reação do amigo. Algio só ergue o rosto, voltando logo em seguida a contemplar seu mundo de pensamentos.

Alguns dos guardas reais estão por ali também. Afinal, é uma honra beber com heróis.

No meio da noite, Algio ergue o rosto e surpreende com o olhar aquele par de olhos azuis que o observava, por trás das portas do bar.

O guerreiro se ergue e vai até a porta. Há apenas um corredor vazio. Desanimado, olha à sua volta. "Ótimo! Nem tudo está perdido!" Havia um guarda próximo à entrada, por quem passara, Algio, tão distraído que sequer o notara.

- Ei! Você! Viu uma garota ali?

- Que garota?!

- Tinha olhos azuis como as ondas do mar e cabelos claros e leves como as nuvens. Você a viu?

- As únicas garotas que sei são aquelas raparigas ali com seus amigos.

- Ela se vestia com roupas claras.

- Amigo, você bebeu demais. Se quiser, posso acompanhá-lo até a mesa.

- Não, obrigado! - Ele se vira e volta à mesa, tentando fazê-lo sozinho.

- Pense direito: o que uma garota assim estaria fazendo ali? Não foi real.

- Foi sim.

- Tudo bem, tudo bem. Como ela era? Disse que tinha olhos azuis... Cabelos claros... Qual era a cor exata?

- A cor exata de um leite dourado.

Já na mesa, o guarda pára pensativo.

- Já sabe quem era?

- Não... Não pode ser ela.

- Quem?

- Esquece.

- Diga quem era. - fala, em tom de ameaça.

- Certo... Antes de mais nada, devo deixar claro que não digo que era ela. Essa é apenas uma possibilidade remota.

- Quem?

- Gelia.

- Gelia?

- A irmã caçula de Eogebarão. Na verdade, tudo indica que a família deles é formada só pelos dois.

- Então...

- Ei! Eu disse que era uma possibilidade muito remota e...

- Quantas jovens há no castelo?

- Sem contar com essas aí? Uma.

- Então era ela.

- É, talvez. Sabe, ela vive trancada e só aparece às vezes nos salões principais.

- ...

- Ah, e é solteira. Um excelente partido, se quer minha opinião.

- Eu não quero sua opinião.

- É assim que agradece?

- Você é pago para ser útil.

- Não pra você. - Ele se levanta.

- Obrigado.

Algio continua bebendo e pensando. Mais pensando que bebendo. Em plena madrugada, ele tem a certeza de ver o rosto da Keuda lhe sorrir de dentro do copo, pouco antes de não ver mais nada.

Já é o terceiro dia que eles estão aqui. Hoje acordaram péssimos. Comeram algo e voltaram a se deitar. Mais tarde chegarão os visitantes para vê-los, mas ainda estão em seus quartos.

Algio abre os olhos e vê o teto branco e enfeitado. Da janela, que fica na parede oposta à porta, vem a luz do Sol lhe cobrir o corpo. Da altura do diafragma até pouco abaixo dos joelhos.

O quarto é bem espaçoso. Além das duas camas, que ficam à janela (a de Algio) e na parede ao lado, em "L" (a de Geba), há um guarda-roupas razoável. O engraçado é que hoje mesmo um funcionário da casa disse que haviam posto roupas e mais roupas nos guarda-roupas. Foi difícil convencê-lo que não dava pra tirar as "armaduras brilhantes".

"Cansei-me disso aqui. Acho que vou caminhar um pouco."

Algio se ergue e vai à porta do quarto. Geba está dormindo de lado, com a boca aberta e um pouco de baba. "Nem pra dormir ele tem modos..." Ele abre a porta e sai, fechando-a em seguida.

Caminha pelo corredor, sem destino, sem roteiro. Enquanto passa por um dos inúmeros vasos, que são quase tantos quanto as estátuas de homens e mulheres desnudos, um sorriso se mostra em seu rosto. Ele segue adiante e continua se divertindo com a idéia de quão trabalhoso seria ensinar etiqueta ao seu colega de quarto: "até



para dormir!?"

Segue a divagar. Imagina como deverão parecer os visitantes que logo virão, tenta se lembrar de tudo o que ocorrera na noite anterior e vê um rosto divinal com duas pérolas como olhos. Duas pérolas que parecem conter todo o azul do mesmo mar. "Sumiu?" Sim, ele tem certeza de que a viu ali no jardim! Jardim... Engraçado. Ontem haviam caminhado bastante e só hoje ele vê que tinha um jardim aqui.

- Ei!

Ele corre até lá e não a encontra. Mas o jardim é grande. Tem árvores altas, flores no chão e, em alguns lugares, sobre mesas. O jardim é grande mesmo. Na verdade a mansão parece ser bem maior por dentro do que o parece por fora. Algio corre pelo jardim em busca daquela que talvez seja a irmã caçula do tal prefeito Conq.

Sim, ele tem certeza de que a viu. Corre até que passa por um lugar de onde vê um vulto. Volta: era ela.

Sua pele era muito clara, seus cabelos soltos, longos, loiros, quase brancos. Sua expressão era sensual, porém distante. Está sentada apreciando algumas flores da mesa. Posta em um vestido que mistura tons acinzentados com vinho, sua imagem parece ser mais iluminada que todo o lugar.

- Você. - Algio se aproxima.

Ela ergue lentamente o olhar tão belo que tem. Olhar de um azul capaz de afogar qualquer homem, sem que ao menos percebesse.

Um olhar capaz de afogar qualquer homem, menos Algio, aquele por quem olham um par de olhos igualmente sublimes.

- Me procuravas? - Ela pergunta, com a voz arrastada.

- Sim. Porque me procuraste primeiro. - responde Algio, resistindo heroicamente aos encantos de tão bela senhorita.

- Eu te procurei?!

- Vi você no bar.

- Ah, estava apenas de passagem...

- Não era o que seus olhos diziam.

- Então, sabes ler olhos? - Levanta-se de onde estava, dirigindo-se a Algio com olhar ainda mais ardente. - O que consegue ler nos meus olhos agora?

- Não se mova.

Ela pára e diz, provocante.

- Eu sou uma ameaça pra você?

- Não... - Num salto, Algio chega bem próximo dela.

- Hmmm...

- Veja isto. - Ele recua o braço e mostra que segura uma cobra colorida.

- Hmmm... Você me salvou a vida... Merece...

- Não. - Ele se desvencilha dos braços da dama.

- Ora, você não me quer?

- Sinto desapontá-la.

- Não se engane. Não me procuraria se não me quisesse.

- Não é isso que quero de você.

- É casado?

- Não...

- Não se preocupe, "ela" está longe: não vai saber.

- Muito pelo contrário.

- Só são vocês quatro!

- Sim.

- Você...

- Ela está morta.

- Oh, sinto muito... - ela abaixa a cabeça. Após algum tempo ergue-a novamente, mais uma vez provocante. - Se ela morreu, não há o que ser feito. Você está livre até sua morte!

Ela tenta segurar seu ombro, mas Algio intercepta a delicada mão e, educadamente, a tira do caminho.

- Não posso.

Ela se ergue furiosa e caminha em uma direção.

- Por que não pára de fingir?

Ela pára e se vira.

- Como assim, fingir?

- Eu disse que li seus olhos...

- E o que você acha que eles diziam?

- Não sei... Mas eram mentiras. E eu vim saber por que motivo.

- Mentiras?

Algio responde afirmativamente, completando.

- Por favor, diga-me o que está havendo.

- Qual o seu nome? A gente nem se apresentou.

- Sou Algio. Você, suponho, chama-se Gelia. Certo?

- Certo... Você descobriu tudo. Estou tão desconcertada... Mas direi...

Seu rosto mudava completamente. Agora estava alegre e serena. Parecia também mais descontraída.

- Algio, o que vou lhe contar então é a pura verdade. Sei que vai ficar zangado comigo, mas... Por favor, não me entenda mal: eu não tive escolha. - Ela pára um pouco para tomar fôlego e diz, em seguida. - Meu irmão me pediu para fazer isso.

- Por quê?

- Tem medo que partam e deixem a cidade desprotegida.

- Enquanto isso, toda Kairot pode ser destruída, não é? Desde que sua vida inútil esteja salva!?

- Entenda, ele tinha medo.

- Medo... Ele vai ter que ouvir umas. Até mais.

Algio segue traçando o caminho de volta para os quartos, deixando para trás Gelia a chorar com o rosto apoiado nas mãos.

Chegando às portas, encontra Cristian vindo do lado oposto do corredor.

- Algio!

- Cristian!

Geba irrompe do quarto no meio dos dois.

- Precisamos partir!

- Era justamente disso...

- ...que eu ia falar... - Os três se olham surpresos, mas Algio continua. - Conheci Gelia, a irmã de Eogebarão.

## Os Guerreiros do Fogo

E conta toda a história. Cristian narra o que com ele ocorrera.  
- Assim como você, resolvi andar um pouco. Lob não estava no quarto... Fui andando por aí...

"Passando por um corredor ouvi um barulho:"

- É assim que age com velhos amigos?

- Utho! Por onde esteve?!

- "Por onde esteve"... Não me deixaram entrar nessa droga de mansão de novo!

- Estás com as roupas antigas...

- É. E tive que pular a janela pra falar com vocês.

- Oh, desculpe-me. Não sabia. Falarei com o prefeito imediatamente para que permita...

- Que se dane o prefeito! Que se danem todos vocês!

- Utho...

Utho sobe a janela para deixar a mansão, mas antes diz:

- Acreditei em vocês. Pensei que vocês fossem os destinados a matar o monstro. Estava enganado.

"Eu pedi para esperar, mas ele se foi: estamos nos desviando do nosso verdadeiro objetivo."

- E você, Geba, que tens a dizer?

- Vamos logo. Cansei de ficar aqui. O prefeito não tá só com medo não. Ele quer é ficar popular à nossa custa.

Os dois se olham surpresos. Sentem-se um pouco impotentes diante disso. É que, além de não ter precisado que ninguém nada lhe dissesse, Geba não só descobriu que deviam partir, como viu o que até então ninguém tinha visto. Todos sempre subestimaram Geba, afinal de contas.

- Que droga! Fomos usados!

- Vamos lá ter uma conversa séria com ele.

Passando por um encontro de corredores, vêem Lob.

- Ei, Lob! Nós...

- Eu sei.

- Como?

- Mestre Fuolha me contou.

- Eu prometo: nunca mais pararei assim, em benefício de um egoísta.

- Eu também!

- Eu também!

- Vamos. - Lob faz sinal e segue, junto com os outros três. Em pouco tempo eles chegam à sala da cúpula.

- E... Cavalheiros, aí vêm os heróis grandes de quem todos falam.

- Seu miserável egoísta!

- O quê?

- Você nos usou!

- Como?!

Cristian dispara flechas de fogo, que atingem todos...

- Os quadros! Não!

De repente, um quase globo de fogo preenche a sala. Diante de todo aquele inferno, de vermelhas chamas dançantes e calor insuportável, o vidro da cúpula explode.

- Não! Vocês vão destruir tudo!

- Pois deveríamos!

- Vamos embora, esse lugar me dá nojo.

- Espere! - É a voz de Gelia. - Algio! Me leve com você! Eu...

- Foi você! - Eogebarão grita, coberto de ira! - Traidora! Matem-na!

Suas ordens não fazem sentido, pois os guardas que estavam na sala não conseguem sequer pronunciar uma sílaba compreensível, de tão aterrorizados.

Independente disso, Algio voa em direção a Gelia, com o corpo coberto de chamas, e a toma nos braços. O curioso é que as chamas não a queimam. Ela se segura firme e ele sobe e atravessa a cúpula, seguido pelos outros. Geba, ao sair, ainda dispara uma bola de fogo numa das janelas, o que lhe garante um olhar repreensivo de Lob.

Eles pousam na saída norte da cidade. Algio pede espaço para uma conversa particular e, ao conseguí-lo, fala para Gelia.

- É uma honra ser amado por tão corajosa senhorita. Infelizmente, não posso retribuí-lo, pois meu coração pertence a outra dama.

Ela abaixa a cabeça, envergonhada.

- Como ficará, agora que seu irmão está contra ti? Não podes vir conosco, pois é uma missão extremamente perigosa.

Ela permanece calada por algum tempo, pensativa. Responde, em seguida.

- Ficarei bem. - Pausa, e prossegue. - Procurarei um mestre de armas e me tornarei uma grande guerreira.

- Guerreira!?

- Sim, o que há de errado?

- Não, nada!

- Você vai ver. Um dia vamos lutar juntos.

- Certo. Foi um prazer conhecer-te.

- Igualmente.

- Tens certeza de que ficarás bem?

- Eu me viro.

- Tudo bem. Então, até mais, "Guerreira".

- Até, mas não zombe disso: vou me tornar guerreira sim! E toda a sorte do mundo pra vocês - "Um dia serás meu, guerreiro Algio. Podes esperar."

Algio se junta ao grupo e eles partem. Algio, Cristian, Lob e Geba. Os Guerreiros do Fogo saem mais uma vez em busca do monstro de pedra e gelo. ...mas agora é pra valer.

Parte 10

Eram ainda plantações que os rodeavam, quando Cristian, Geba, Lob e Algio deixaram a cidade de Authu, contra a vontade de seu soberano Eogebarão.

Eram plantações diversas. Mais à frente havia terreno dedicado à criação de animais. Isso era assim graças a uma lei de Eogebarão: uma "camada" da terra seria de plantações, a mais próxima à cidade, a seguinte seria de animais, de modo que não houvesse nenhum criatório de animais mais perto da cidade que a mais distante plantação.

Para compensar, desde que fosse com responsabilidade, qualquer animal poderia ser criado. Uma lei ridícula - se você visse a confusão no início... Só mesmo o "querido rei" não percebia quão ridícula era tal lei que, por ser como era, obrigava a dedicação a apenas uma das duas atividades.

Não era, também, nas redondezas de toda Authu que se podia usar a terra, como o leitor já deve ter percebido quando da chegada dos heróis. Isso, entretanto, é uma outra história.

Eles caminham por entre os criatórios de animais. Ainda estão pensando em tudo o que ocorreu no palácio. Ainda é de tarde, mas o Sol já está fraco. Há criatórios dos dois lados, pois chegaram nessa "camada". São cercados de madeira para impedir que os quadrúpedes ali tratados fujam. Dentro delas, lá no meio, há em cada qual uma casa, além de abrigo para os animais, onde, além de se protegerem do frio, podem matar a sede e a fome. Apesar dos animais, os cinco terrenos passados estavam sem gente. Talvez estejam nas casas, mas é cedo.

Algio, Cristian, Geba e Lob continuam a caminhar, até que ouvem algum barulho.

- Escuta! É aquela canção!

- É... É a que eu cantava mesmo...

Responde Cristian, recordando nas cordas e na voz do bando a canção que fala daquele por quem os quatro procuram: o gélido inimigo da vida. Logo eles se aproximam. É uma festa, de fato. Em uma fazenda, um grupo de umas trinta pessoas por ali perto de uma churrasqueira. Eles bebem e se divertem ao som do bardo. O primeiro que fita o portão quase não consegue acreditar no que vê.

- O-olhem! São eles!

- Quem...

- Não acredito! Oh, Grande Fogo! Senhor da vida verdadeira! Obrigado por esse momento! - e, dirigindo-se aos quatro. - Entrem! Se cheguem mais, pois sois bem-vindos e como não o seriam os heróis tão conhecidos e corajosos? Venham, então, beber conosco, amigos!

- São os Guerreiros do Fogo!

- Venham! Participai também da nossa festa!

Eles se olham e decidem, por unanimidade, que jamais deixarão de aceitar o convite.

- É um prazer! Vamos!

- Olhem! São os Guerreiros do Fogo... Eu quase não posso crer!

Lá estavam eles, no meio do grupo curioso e hospitaleiro.

Alguns tocavam suas armaduras e todos estavam encantados. O homem que lhes dirigia a palavra tinha alguma idade, não muito velho, porém não mais moço. Tinha um aspecto forte, de trabalhador, e se vestia com um manto azul. Ele continua.

- Krapla! Filho! Traz vinho para os convidados ilustres! Nyeka, querida esposa! Acaso viste quem nos faz companhia?! Serve comida, da melhor que houver entre a nossa, que é humilde. Que não falte o que comer e o que beber aos mais ilustres convidados dentre os que recebi e os que hei de receber! Oh! Esqueci-me de apresentar-nos! Sou Iagruite, mais conhecido como Grui. Sou responsável por esta fazenda, que é do senhor Pemy, com quem partilho metade do que se produz. Este é meu filho mais velho, Axoe. Esta é minha esposa, Nyeka e aqui está o aniversariante do dia! Meu filho mais moço, Krapla, que faz hoje dezesseis anos. Mas sentem-se e comam e bebam à vontade. Icau! Continua a tocar e cantar: honra-nos poder apreciar teu soberbo talento!

- Muito obrigado pela hospitalidade! É uma prazer acompanhá-los. - fala Cristian, enquanto chegam a comida e a bebida. - Entretanto, convém dizer, não pretendemos nos demorar muito: estamos de partida.

- Aonde vão, guerreiros? Ou melhor, depois nos dizem isso e o que lhes convier. Vamos festejar o aniversário de meu filho!

- Claro que sim! Vamos!

Os quatro heróis se dirigem ao centro da festa. Parabensam o tal Krapla, e passam a se tornar o centro das emoções.

Narram as últimas cenas na mansão de Eogebarão: o pessoal de lá quer concordar com eles, mas no fundo nota-se que há algum medo. Um medo que tenta fazê-los acreditar que seu rei havia agido corretamente, em sua defesa. É quase como Uthokrolha: eles estão bem felizes, mas basta falar no monstro pra essa felicidade ir embora. O medo não consegue - graças! - cegá-los como cegou o prefeito. Com pesar no coração, eles vêem, ainda, que é preciso que os guerreiros partam. Por mais medo que tenham, eles conseguem perceber quão egoísta é a idéia de mantê-los em Authu.

O bardo Icau, que havia parado para ouvir a narrativa, voltava a tocar. Agora uma música que falava justamente dos Guerreiros do Fogo, composta por alguém nesses poucos dias.

O anfitrião Grui chama os guerreiros para uma conversa particular, deixando a festa para trás.

- Vocês vão mesmo? O Sol já se pôs: se fez noite. Se quiserem ficar para partirem durante a manhã, aos primeiros sinais do dia, podem ficar. A casa é modesta, mas serve bem de abrigo.

- Muito obrigado, obrigado mesmo! Mas temos que ir. Afinal, toda Kairot depende de nós.

- Tudo bem, entendo. Mas quando exatamente partirão, já que vão mesmo?

- Em alguns minutos.

- Pois esperem um pouco. Mandarei juntarem mantimentos para que levem. Ah, interessante!

- O quê?

- Suas armaduras... Brilham no escuro!

## Os Guerreiros do Fogo

- É... A gente já tinha esquecido. Sabe como é... Com tudo a gente se acostuma... Ah, a propósito, não é só no escuro não. Elas brilham o tempo todo, é que de dia já tem luz e elas não chamam atenção.

- É verdade... Bem, vou cuidar para que preparem comida e bebida para viagem. - Ele se levanta e segue até a mesa, dando ordens a mulher, filhos e criados.

As pessoas se aproximam curiosas dos guerreiros, que agora estão perto das mesas. Alguns apenas para tocar suas armaduras e saírem saltando e gritando: "Eu toquei nos guerreiros!". É fácil ver como eles haviam se tornado importantes personalidades. Simplesmente as mais importantes que Kairot havia tido até aquele instante. O monstro os atormentava desde muito tempo atrás.

Eles fazem algumas apresentações com fogo, até que, enfim, chega a hora de partirem. Lhes são fornecidos água e comida em dois sacos grandes, de quase um metro de altura. Agradecendo e sob aplausos, eles partem em sua jornada. Aquela mesma missão ainda não cumprida.

Algumas fazendas ainda. Alguns ainda os acompanhavam. São os que pretendem acompanhá-los até o fim da Authu-rural.

E eis que esse fim é alcançado e já se vê terra sem dono. ?rvores, por enquanto distantes, separadas por capim, ou grama, sei lá! Eles caminham por ali com suas armaduras brilhantes.

- Ha! Finalmente vamos lá pegar aquele monstro, não é? - Cristian grita, saltando para a frente dos outros três e disparando uma pequena bola de fogo em sua direção. Geba e Algio levavam os mantimentos.

Com o braço direito, Algio apara o golpe.

- O que pensa que está fazendo?

- Ora, não aceita uma brincadeira?

- Brincadeira! Você quer brincar? Tome isso. - Algio, já com a mochila improvisada no chão, dispara uma bola de fogo ligeiramente maior, da qual Cristian se esquiva.

Mais uma vez o guerreiro que começou com isso dispara uma bola de fogo. Seu ágil adversário salta de lado e a bola acaba acertando Geba, no elmo.

- Ah! Peraí, seu... - Ele tira o saco do qual foi feita uma mochila prática e simples. Em seguida solta uma bola de fogo contra Cristian, já correndo em sua direção.

Em pouco tempo os três estão disparando fogo como crianças brincando na neve, sob o olhar reprovador de Lob.

Até que uma bola quase lhe acerta e ele se rende aos instintos, entrando no meio da guerra.

Por alguns minutos eles brincam, ou treinam, até que Geba pára.

- Ei! Não é melhor a gente dormir?

- Não! Eu não estou com sono! Você está com sono?

- Não, mas está ficando tarde.

- E daí? Somos os Guerreiros do Fogo, não temos medo da noite.

- Então vamos parar de conversa e ir embora.

- É mesmo... Também não vejo a hora de colocar as mãos naquele infeliz!

- Então, vamos!

Eles seguem um pouco mais iluminando a floresta com um brilho fraco. Mas não demora para que um monstro bem parecido

com o tal Tarturazo de Caji, feito de fogo, passasse bem diante deles.

Os três fitam Geba.

- Gostaram? Ficou igualzinho!

- Ah, é? Não me diga... Que tal isso? - E Cristian faz se erguer uma prisão de fogo ao redor da criatura de Geba - Ha! Ha!

Repentinamente, um brilho branco, o bicho escapa da jaula e se posiciona diante dos quatro.

- Agora é a minha vez. - E Algio cria uma verdadeira Fênix, que ataca o tarturazo de fogo, em vários vôos rasantes. Após alguns segundos, com uma pata o monstro destrói o pobre voador. - Mas que droga!

Lob se põe à frente. É hora de ele mostrar o que sabe fazer. E eis que se surge um... guerreiro!?! Segurando uma espada!

- Mas que falta de imaginação, Lob!

Ignorando o que diz Cristian, o sábio herói move sua peça, fazendo-a andar de lado. Geba sorri e, no instante seguinte, o monstro salta na direção do guerreiro. "Está feito".

Pobre Geba... Era exatamente isso o que Lob esperava: o guerreiro gira de lado e coloca sua espada no ponto fraco do monstro. Aquele lugar perto do pescoço.

- Tudo bem, você venceu. Mas vai ter revanche.

Eles seguem um pouco mais. Seus espíritos estavam muito agitados pela expectativa. Mais à frente eles param de novo para brincar com fogo. Depois caminham e param mais uma vez. E repetem isso algumas vezes, até que a fome chega, quando o Sol não tardaria a nascer.

Os bravos guerreiros param e fazem sua refeição. Após a fome ser vencida é a vez do sono desafiá-los. Eles dormem, então.

Por toda a viagem, dispararam fogo em todas as direções. Como se sabe, magos enfraquecem cada vez mais quando lançam magias. Por isso, preferem usá-las apenas quando extremamente necessária. O poder dos quatro, entretanto, parecia não conhecer limites. Eles eram realmente fortes.

O tempo passa e eles se erguem quando o Sol alcança seu ponto mais alto na abóbada azulada desse céu imenso.

Eles prosseguem. Não há tempo para se lembrarem de nada, pois brincadeiras daquele tipo insistem em aparecer. Tanto que, em dado momento, eles se perguntam por que estão assim. Então se deduz que é para evitar uma nova recaída emocional de Algio. Eles prosseguem, desse modo mesmo. Uns atirando nos outros, brigando com criaturas de fogo... Uma espécie do aquecimento para a luta de suas vidas, que seria travada em alguns punhados de horas.

Agora, à uma e meia ou duas da tarde, eles param para uma refeição. E lá se vão os últimos suprimentos... Já começam a entrar na floresta de verdade, o que lhes trás um certo conforto. As árvores estão mais próximas, umas das outras.

- Acabou a moleza! Vamos ter que caçar!

- Não se preocupe, amigo. Acha que teremos alguma dificuldade?

- Não, mas... Tudo bem, mas o Algio caça.

- Eu? Por quê?

- Porque tem muita sorte! Com mulheres... Até com seu material. Quem aqui ainda está com a arma? Só você!

- Grande sorte a minha! Estás esquecendo o ocorrido: minha vila foi destruída, minha amada foi morta. Quanta sorte, hein?

Os outros dois olham pra Geba, com ar de reprovação.

- Desculpe. - Ele fala, já preocupado. - Eu caço, então. - ... completando, em tom mais baixo: "Ele está com medo".

- Medo! Está dizendo que estou com medo?!

- Boa, Algio. - Cristian fala, feliz por seu companheiro não ter sido mais uma vez tomado pela lembrança da perda.

- Eu o desafio para um duelo. Vamos!

- Um duelo, é? - Geba responde, com sua voz grave. - Pois que seja.

Os dois ficam de frente. Algio dispara uma bola de fogo, mas Geba defende e devolve o tiro. Algio se esquiva. Após idas e vindas dos projéteis mágicos, eles notam o chão queimando.

- Ôpa! Fomos longe demais... - Geba comenta.

Algio se abaixa para observar melhor as chamas.

- Ei! Não estão queimando de verdade! O fogo nem está tocando nas plantas! Quem foi o espertalhão?

Lob solta uma sutil risada. Logo vira uma guerra de novo. Os quatro disparando, uns nos outros.

Embora a viagem não tenha se resumido nisso, tudo o que houve foi: passos, conversa, guerra de fogo, passos, conversa, guerra de fogo. Foi apenas isso, exceto nas caçadas-refeições e enquanto dormiam.

Apesar de todas as brincadeiras, o tempo passava devagar para os heróis, tão ansiosos estavam pelo definitivo encontro. Mesmo admitindo a possibilidade de terem falado algo relevante em sua jornada, peço a permissão do leitor para não tratar com detalhes esses milhares de passos-conversas-guerras-de-fogo. Mesmo porque não precisamos nos submeter ao torturante tempo, que costuma passar devagar nessas horas.

Após algum tempo, medível em dias inteiros, eles alcançam uma região rochosa. O clima ficava mais quente à medida em que caminhavam. Sob outras condições, talvez alguns dias antes, eles se perguntariam se não estavam indo em direção oposta, já que se dirigiam ao Norte e, como se sabe, o Norte do continente de Kairot é quente, o Sul é que é frio. Talvez parecesse que o monstro estaria no Sul. Na verdade, qualquer um se dirigiria para lá. A confiança dos guerreiros de que estavam no caminho certo era tão grande que eles nem haviam pensado nessa possibilidade. Uma estrela os guiava pelo caminho certo. Era Uryef.

Não tardou e eles passaram pelo morro de Acantron. Subindo mais o continente, finalmente encontraram um vulcão, e o que tomou a mente de todos foram as palavras de Uryef sobre a lenda. Seria aquele o vulcão de que falara?

Sim, pois na lenda narrada pelo fantástico mestre das forças do fogo não devia ter tido um fim. Uryef, devido à insistência da platéia, dissera que o monstro havia se jogado no vulcão.

Entardecia e eles subiram o vulcão. Não foi tão difícil, pois estavam em forma. Chegando lá, encontraram um buraco grande, com magma muito no fundo e paredes largas, onde poderiam caminhar em linha sem medo, pois tinha vários metros. Havia anoitecido e eles se aproximaram do vulcão.

- Será?

- ...que ele pulou? Não sei... - Cristian responde a Algio. - Mas se pulou, pra mim está ótimo!

Ele empurra o companheiro para trás, que cai de costas no chão, saltando, em seguida, e preparando uma bola de fogo.

Enquanto os outros dois se olham, não tão surpresos, um frio toma conta do lugar. Ninguém precisa se virar para saber o que vão de encontrar. Todos sabem que chegava a hora. A hora de enfrentar o desafio maior. Chegava a hora de cumprirem seu papel. De vencer o mal de Kairot, finalmente.

## Parte 11

Só quando finalmente se fez o silêncio, pôde-se ouvir o belo som, já narrado em lendas como o "Canto dos Cristais". Uma canção leve, como se fosse cantada por um órgão celeste, espiritual, cristalino.

Os heróis se viram e podem ver finalmente o aspecto da lenda. Ele é humanóide. Sua silhueta lembra um forte guerreiro vestindo uma armadura sólida. É como se fosse uma armadura hedionda, feita de pedra, vestindo um ser de gelo. Toda a armadura é cheia de pontas: joelhos, punhos, cabeças... E seus olhos são duas pedras de coloração estranha. Um verde-escuro, meio azulado, quase brilhante. Mas o que brilha mesmo são os enormes cristais brancos que deixam suas costas. Talvez de pedra, talvez de gelo. Este foi o ser que os guerreiros viram.

- Vamos acabar com ele! - Algio, empolgado, joga uma bola de fogo contra. A bola nem chega a tocar o estranho ser, desaparecendo alguns centímetros antes, absolvida pelo frio que ele emana.

O ataque é devolvido. Um caminho de gelo se forma rapidamente em direção a Algio, que salta para o lado no instante exato em que se formam estalagmites de gelo.

- Algio! Você está bem? - Cristian corre.

Geba parte em direção ao monstro. Vendo isso, Lob dispara uma bola de fogo, na tentativa de dificultar a visão do inimigo. Ao ser passado pela bola, Geba acelera. Ele chega no instante em que o fogo mandado por Lob desaparece e aplica um forte soco na cabeça da criatura. Ela, no entanto, parece nada sentir e, num upper extremamente rápido, arremessa seu agressor para longe, onde estavam os outros.

- Geba!

- Ele é muito forte...

Os quatro Guerreiros do Fogo, com suas armaduras brancas, encaravam o seu maior rival, que também tinha muito branco. À beira do vulcão uma luta terrível teve início e dela dependia o futuro de Kairot.

- Vamos concentrar fogo nele!

- Vamos!

Concentrando seu poder ao máximo, eles fazem uma enorme bola de fogo se formar ao redor do ser. Uma bola de fogo tão intenso que poderia ser visto de Acantron. A fantástica esfera flamejante cresce e se aquece cada vez mais, alcançando os pés dos heróis. Suas testas suam com o esforço, mas eles persistem.

A bola de fogo continua a crescer e já toma todo o vulcão. A temperatura em seu centro deve estar em níveis fabulosos, quando os quatro lutadores mágicos sentem tudo ficar um pouco escuro, tamanha a força empregada. Algio cai de joelhos, continuando seu trabalho.

Em menos de um segundo -em um instante - a bola de fogo tão incrível some. Um barulho alto de choque. Os guerreiros são atingidos por uma pedra bastante grande. Eles caem mais atrás e, por sorte, a pedra continua, sem terminar em cima de ninguém.

- Argh!

- Está todo mundo bem?

- Quer dizer, bem machucado?

- Eu tô legal.

- Não vai dar.

- Como, Lob?

- Não podemos vencê-lo.

- Que pessimismo é esse agora? - Cristian fala e, virando-se para os outros... - Tenho uma idéia. Inflamem-se!

"Assim ficaremos bem mais rápidos, foi o que pensou, afinal, ninguém tem força para fazer aquilo de novo (a bola de fogo)".

Desgastados mentalmente, e feridos, eles partem como raios de fogo branco, como cometas justiceiros em direção ao monstro de pedra e gelo. Tão confiantes estavam, até algum tempo atrás, que havia sido de certa forma um choque descobrir que a batalha não era assim tão fácil.

Todos tentam golpeá-lo. O rival é mesmo resistente! Logo um golpe feroz arremessa Geba para longe. Ele grita, mais de raiva que de dor, levanta-se e parte ao encontro do monstro.

A luta parece não ter fim. Algio faz de sua esquiva um poderoso contra-ataque, aplicando um chute. Lob salta para trás, retornando, em seguida, com um golpe feroz. Cristian já golpeou todos os pontos possíveis da vítima em busca de um ponto fraco, mas nada.

Após alguns minutos de luta, Cristian e Lob estão no chão sem forças. Só lutam Algio, por ter sido golpeado poucas vezes, e Geba que, embora tenha recebido diversos golpes, alguns fortíssimos, tem um físico acima do normal.

- Parece que tinha razão, amigo. Infelizmente... - Cristian desabafa, deitado, sem forças sequer para se sentar - Está tudo acabado.

- Não pode estar.

- Como não? Nem podemos nos erguer.

- As pessoas confiam em nós.

- Aquele... monstro! Vai destruir todos!

- Não, não pode ser assim. Com ira lutam Geba e Algio. Sem conseguir arrancar o monstro, eles prosseguem. Até que Algio é arremessado para longe, onde permanece.

- Está vendo? Agora é só Geba! Fomos vencidos. Ha! Ha! Ha! E eu pensava que éramos as criaturas mais fortes da face da Terra!

- Não está acabado. O mestre não gostaria que pensássemos assim.

- O mestre... Fuolha se foi. Somos só nós agora. ...ou melhor: é só o monstro ali.

- Pessoas acreditaram em nós. Os deuses não querem assim.

Geba, neste instante, é derrubado em definitivo. O monstro se dirige a ele. E Lob prossegue.

- Eles não nos fariam caminhar tanto pra nada. Enfrentar o que enfrentamos para morrer assim, sem cumprir a missão. Veja.

O tão terrível monstro está criando gelo ao redor de Geba. Sua armadura evapora o gelo, mas o monstro persiste friamente. A armadura começa a perder o brilho, quando surge uma voz, do centro do vulcão.

- Não está acabado. Aqui está a última delas. Lutem.

Era Uryef. No momento em que some, descem do céu quatro raios brancos que atingem os guerreiros. Raios vindos de Uryef-estrela. A força ergue seus corpos e, misteriosamente, cura suas feridas. É como se a saúde de cada um estivesse ligada à sua armadura. Quando os raios somem, eles podem ver o resultado: armaduras azuis!

Os quatro se olham, surpresos. A surpresa é tamanha que eles não conseguem falar. Surpresa e alegria. Eles nem percebem que Uryef os olhava com tristeza.

Os quatro homens por trás das armaduras sentem a força, a fúria das forças do fogo. Eles aceitam aquela ira como se fossem deles mesmos. Não vinha, no entanto, de repente aquela força devastadora e a vontade de destruir. Ela veio devagar, como quem não quer nada, e oportuna. Neste instante se instala totalmente. Para ter um poder destrutivo, é preciso gostar de destruir. De outro modo não seria natural.

Imediatamente os quatro partem contra o monstro. Agora não precisam se concentrar para fazer com que chamas magníficas os envolvam como antes. Só que, ao contrário do que era antes, agora podem voar.

Eles rodeiam o monstro a golpeá-lo. Agora estão destemidos. Golpeiam e se deslocam muito rápido para efetuarem esquivas. Eles golpeiam o monstro.

Cristian é golpeado e arremessado para longe, mas sequer toca o chão.

- Ah, maldito! - Ele volta com ira para golpear o monstro ainda mais.

Lob aplica um golpe martelo e abre a mão concentrando-se. Chamas envolvem o monstro.

Os outros o vêem e enxergam nisso a solução. Há algum tempo que lutam, mas a luta direta parece que vai "terminar em eterno empate".

Os quatro concentram energia. Um ciclone de fogo gira, subindo em espiral até as mais altas camadas de gás que envolvem o planeta. Já não se vê o monstro. Somente uma espiral de fogo dançante.

Um grito inumano ecoa em meio ao ensurdecedor ruído provocado pelas chamas. Chamas essas que já encobriram a montanha, envolvendo até algumas árvores por perto.

Uma seta de gelo acerta o peito da armadura que cobre Geba. Este apenas ri, pois sabe que é uma atitude ridícula de desespero de seu adversário. Ele sabe que a flecha se dissolverá em um segundo.

A espiral de fogo queima mais forte que o centro do planeta. O "olho do ciclone", ao que se sabe, é um lugar com pouco ar e sem forças. O deste ciclone funciona mais como o centro de uma estrela. Quanto mais no centro, mais devastadoras são as chamas.

Há quilômetros dali o ciclone de fogo poderia ser visto exatamente como um ciclone de fogo ou, mais precisamente, o fim do mundo.

Após minutos, numa explosão acaba o show de fogos. O vento leva embora o que foi chama. No centro de onde havia tudo aquilo, os quatro guerreiros. No meio deles uma pedra do tamanho de uma cabeça humana, carbonizada em meio ao pó.

- Ele já era! - Algio apanha a pedra, joga para o alto e dispara

um jato de fogo que a arremessa à outra borda do vulcão, onde se espraíja.

Ele vê então o nível de magma. Está a um metro da borda.

- Nós vencemos! - Cristian dispara fogo contra os companheiros. Logo começa aquela brincadeira de atirarem uns nos outros.

Na dança comemorativa, entre as chamas vêem as imagens de verdade. O rosto de Keuda na casa de Droole, a história de Urief e seu rosto em uma imagem recente. Eles se tornando cada vez mais agressivos. A armadura é a última visão.

- Esperem. - É Algio que fala, com tom sério o suficiente para fazê-los parar na hora.

- O que houve? - Cristian pergunta.

- Que droga! - Lob grita, como se a simples palavra proferida por Algio tivesse rasgado sua alma ao meio.

- Lob!?!

- Oh, mestre! Perdoe-nos!

- O que...

- Sempre nos disseste para não lutar pelo ódio, nunca lutar "contra" alguém! Hoje, fizemos exatamente o que instruíste a jamais fazer!

- Algio? - Cristian olha para ele, esperando o que sabe que não virá. Quem dera se dissesse "Não é isso não, é que eu achei esse pedaço de machado. Não é interessante?" Cristian sabe que as coisas não são tão simples.

- Droga! - Lob grita, ajoelhado sobre as pedras e cabisbaixo. Sua armadura ainda está em chamas.

- Lembra de Keuda?

- O que tem ela? - Cristian pergunta, ansiosamente nervoso.

- Aquele olhar... Só agora entendi. Ela sabia que isso iria acontecer...

- O quê?! Mas que...

Algio o interrompe, disparando uma rajada de fogo, que derruba seu amigo. Cristian se levanta e sacode o braço direito de dentro para fora, disparando fogo que empata o ataque de Algio. Os dois param, enquanto Algio se dirige ao vulcão. Geba se aproxima.

- Quer dizer que nos tornamos os monstros?

- É, Geba... Olha essa porcaria de armadura! Ela não sai! Não pára de queimar! Mas só agora percebi que queima também por dentro!

Ele continua em direção ao vulcão. Geba coloca a mão em seu ombro e ele a tira com um soco.

- O que vai fazer!? - Geba pergunta, preocupado, quase em desespero. Algio pára.

Já está na beira do vulcão, quando começa a falar.

- Você lembra o que o monstro da lenda de Uryef fez?

- Ele pulou...

- É a nossa deixa.

- Não!!! - Cristian grita e voa, mas chega ao lugar tarde demais. O corpo de seu companheiro já não pode mais ser visto.

- Lob!!! - Estava calado por todo esse tempo. Agora acaba de sumir também, no magma.

- Geba! Você não!

- Temos que ir, Cristian!

- Mas a gente deve tentar viver, não podemos desistir!

- Nós somos os monstros agora.

- É invenção!

- Cristian, amigo. Kairot é perfeita. Por isso precisa de um mal. Quando derrotamos esse mal, terminamos nos tornando o novo mal. Devemos ir agora. Quem sabe demore um pouco para o novo mal vir, pois não há dúvidas de que virá.

- Geba, não... - Seus olhos vertiam lágrimas. Lágrimas que evaporavam ao deixar sua face.

- Nós devemos, Cristian. - Ele se aproxima do vulcão. - Enquanto podemos decidir.

Geba mergulha e Cristian cai sobre os próprios joelhos. Chora. Ergue-se. Olha em volta, como que para se despedir desse mundo cruel. Tudo fazia sentido. Geba era mesmo sábio. Talvez mais sábio que o mestre, pois explicava o que ninguém sabia nem se tinha explicação.

- Droga!!! - Com tanta ira, Cristian desloca quilos de pedra do vulcão que rolam montanha abaixo. Seu rosto está transfigurado de fúria. De repente, volta a si, por um instante. É sua chance.

Cristian se despede do mundo. O céu, as estrelas, as nuvens, as árvores, as rochas, o magma. Então ele finalmente mergulha com os braços abertos, esperando que a ardente calda o envolva num sono mais agradável que o da noite. Espera que um dia os quatro se encontrem. Seu braço - última parte visível de seu corpo - finalmente submerge.

Esta parte da história dos guerreiros tão bravos que deram a própria vida por Kairot ninguém conhece. Ninguém esteve presente. Ninguém sabe como, só sabem que o mal terminou e os heróis nunca voltaram.

As pessoas que moravam nos arredores de Authu, lideradas por Uthokrolha, fundaram a vila sobre o lugar onde acreditam que tenha existido Motron. Esta virou cidade e passou a se chamar Iewot. Todos os quadros foram destruídos em Authu e o prefeito não quis mais saber dos heróis; mas em Iewot foram erguidas quatro imponentes estátuas em cor branca, com detalhes vermelhos, afinal, ninguém soube que as armaduras ficaram azuis.

Quanto a Gelia, ela conseguiu, com muito esforço e ousadia, dominar a potente espada e é tida, até hoje, como a primeira guerreira de todo o mundo.

E tudo ficou calmo, realmente. Por alguns séculos, até! Até que as águas do leste começaram a se agitar e um estranho cheiro de morte começou-se a sentir...